

REVISTA DA SEMANA

N. 9 2-3-57 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

James
Stewart
Decepcionou

Abraham Sued
vai casar
mesmo

ROSINHA (A GLAMOUR-GIRL) ANALISA A NOVA GERAÇÃO



BIBLIOTECA
Rio de Janeiro

ÊSTE HOMEM MATOU 12 VIÚVAS RICAS



♦ John Rodkin Adams nasceu na Irlanda, e tornou-se um médico. Tem 58 anos de idade. Foi acusado de ter-se especializado no assassinato de viúvas ricas. Um homem elegantíssimo, refinado, sendo recebido inclusive pela sociedade londrina. Ao ser preso, declarou tranquilamente: «nenhum criminoso, pedirá jamais cometer um crime perfeito. Sobrevirá sempre um detalhe, que salvará a polícia aos seus engenhos».

An

DIE
Hel

CO
Auc
Car
tun
Alv
The

♦ Jan
Vol
Cri
Edi
A
Sil
Rei
No
Os

♦ For

Por
Se
Re
Se

Re
Se
O

Ta
O
of
re
pu

De
Di
Di
O
P
F
D
L
R

R

N
4
a
M
u
r

DIRETOR
Helio Fernandes

COLABORADORES
Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

James Stewart decepçionou	4/7
Vou me casar com Glorinha	12/15
Crianças prodígios	16/17
Eduardo VIII	22/24
A nova geração está falida	30/35
Silvio Pacheco	38/39
Rei Momo	40/41
No teatro ganha-se a vida fazendo televisão	43/45
Os homens fortes de Moscou	48/49

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 500,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradoras da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Diagramação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde do Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 404, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fomes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Maratônio & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9005, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69

Fone: 34-1559



◆ **CAPA** — Rosinha Serzedelo Machado, glamour de 1956 por escolha, e rainha de sempre por direito de conquista. Lidera (com Ildo Garavaglia e Eloisa Dolabella) a sua geração, provocando inveja, raiva, ciúme e muita admiração. Devia ser feia, mas não é mal que tanta beleza e tanta doçura passem des preocupada pelas ruas. (Vejam entrevista às páginas 30/36. Ektachromes exclusivos de Yllen Kerr)

CARNAVALESÇOS

● Nenhum outro assunto está agora mais insistentemente na ordem do dia desta nossa bem amada cidade, do que esse, quando os bailes pré-carnavalescos já chamam o povo para as danças, quando cordões e blocos surgem em vários pontos da cidade, quando cuicas se fazem ouvir e tamborins estão aquecidos, todos prontos para a grande brincadeira. Olavo Bilac, numa crônica publicada na "Gazeta de Notícias" de Ferreira de Araújo, em 1901, disse que os carnavalescos são uma gente à parte, "quase uma raça distinta das outras". "O carnavalesco é um homem que nasceu para o Carnaval, que vive para o Carnaval, que conta os anos de vida pelos carnavais que tem atravessado e que, na hora da morte só tem uma tristeza: a de sair da vida sem gozar os carnavais incontáveis que ainda se hão de suceder no Rio de Janeiro, pelos séculos sem fim".

● Realmente tinha razão Bilac: há várias espécies de carnavalescos. Os que brincam por acidente, por imitação ou desfastio ou por "entusiasmo passageiro: folgam dois anos ou cinco anos ou dez anos, —e cansam e recolhem-se à vida séria". Só o carnavalesco legítimo "não tem cansaço nem aposentadoria"; hoje como ontem ainda existem os que têm pelo Carnaval "paixão absorvente e arruinadora, um vício indomável, uma religião fanática". Conheço vários tipos assim; muito antes da chegada de Momo eles já são capazes de cantar dezenas de sambas e marchas, atravessam subúrbios para assistir ensaios das escolas de samba, sabem de cor os dias de bailes, preços de entradas, o custo da lança-perfume e vão cogitando, pensando, analisando a fantasia que vestirão, porque um verdadeiro carnavalesco jamais aparecerá de "short", "slack" ou biquine; antes, pelo contrário, fará coisa bem diferente de sua própria vida, mesmo que para isso tenha que se crivar de dívidas, mesmo que algumas de suas jóias sigam o triste destino da casa de penhores.

● No momento atual o carioca se desnuda tremendamente para brincar o Carnaval; não sei se porque a miséria campeia livremente e todos os artigos —carnavalescos ou não— custam dinheiro muito, ou porque julgarem que andar nu é mais bonito. O que é fato é que as fantasias desaparecem. Quando se encontra alguém fantasiado é porque ali vai um verdadeiro carnavalesco, ou então alguém que quer um prêmio, como acontece nos bailes do Municipal. Mas o carnavalesco, o autêntico, que teve seu retrato tão bem definido por Bilac em 1901, existe ainda nos blocos de rua, nos "sujos" que maltrapilhos e descalços, estão fantasiados sempre, nem que seja com roupas de irmãs ou da mãe (os homens) e com as mais estranhas vestimentas as mulheres. É comovêdor então ver bailarinas egípcias de cetim azul rei e pele escura, as baianas pobres e ricas, umas carregando falsos balangandans, outras ostentando verdadeiros, naquele mundo de saias e rendas, com a chinelinha na ponta do pé. Há morenas de turbantes, negra e branca, também e essa mistura de cores de peles e de cores de tecidos é que dá vida ao samba da rua, às marchas cantadas ao som das cuicas, tamborins e clarinetas.

● O carnavalesco carioca não morrerá nunca; ficará outro em cada ano, em cada dia irá usando características próprias. Não mais as ricas fantasias que qualquer um podia vestir no passado, mas fantasias sempre, nem que para isso sejam penhoradas jóias ou aproveitadas velhas prendas de passados carnavais. Tinha razão Bilac: "a espécie é nossa, unicamente nossa, essencialmente e exclusivamente carioca: só o Rio de Janeiro, com os seus carnavais maravilhosos, delirantes e inconfundíveis, possui o verdadeiro carnavalesco".

ENEIDA

James Stewart é quase o mesmo fora da tela: cara inexpressiva, olhos de bôbo, parecendo quase sempre ausente de tudo. Fêz fôrça para ser simpático mas é irremediável: o que falta nêle é charme.



GRANDE, VELHO E INEXPRESSIVO

JAMES STEWART DECEPCIONOU

SUA MULHER FICOU MARAVILHADA COM O APARTAMENTO DO COPACABANA ★ ESTÃO VIAJANDO EXCLUSIVAMENTE PARA PESCAR ★ JAMES STEWART JÁ ESTÊVE INCÓGNITO NO BRASIL EM 1944 ★ FORAM APRESENTADOS POR GARY COOPER, GOSTARAM-SE E CASARAM IMEDIATAMENTE ★ CONSIDERAM-SE PACATOS E DESLOCADOS EM HOLLYWOOD

Reportagem de ANA VERÔNICA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

UM casal simples, de hábitos mais simples que se fôssem mineiros, chegou ao Rio de Janeiro dia 16, sábado à noite, sendo imediatamente levado para o Copacabana Palace, apartamento super luxuoso «A». Eram Gloria e James Stewart. Vieram passar cinco dias no Brasil depois de uma longa temporada de pesca na costa Pacífico da América do Sul.

Desembarcaram às dez e trinta e antes da meia-noite já se tinham retirado para os seus aposentos.

No domingo, pela manhã, fomos recebidos pouco depois das dez horas e enquanto Jimmy ainda estava se vestindo, Gloria segredou: «nunca imaginei que seria no Rio que moraria no ambiente mais luxuoso de minha vida.»

«Nunca me senti tão rica!» dizia ela admirando a enorme sala ricamente atapetada, com uma grande janela com vista para a praia, onde um sem número de banhistas (vistos de cima), coloriam as areias e a água.

PACATOS COMO MINEIROS

Durante meia hora conversamos com Gloria que trajava um vestido preto de linho e usava pouca pintura.

«Nós somos particularmente pacatos, não só para Hollywood, onde quase todos levam vida muito agitada e cheia de compromissos, mas também para qualquer cidade do mundo. Tanto que em sete anos de casados nunca fomos a um «night club» em Hollywood. Algumas vezes quando estamos fora, em viagem, saímos da rotina. Nesta viagem, por exemplo, não saímos. Sabe que nem chegamos a conhecer Lima? Só ficamos em Cabo Blanco, um clube de pesca, contou ela. Viemos a costa do Pacífico exclusivamente para pescar e a isto nos restringimos todo o tempo.»

VIAGEM ESPORTIVA

O casal famoso viajou em companhia de seus amigos, Kick Johnson, com os quais já visitaram a Europa e a Ásia e que são também seus sócios na propriedade de um rancho em Nevada, onde costumam passar as férias de verão.

Como a viagem foi de pesca, diremos que pescaram no Peru, no Chile e na Argentina. Voaram do Peru até Santiago, e daí viajaram em um Chevrolet 1947, que ela denominou de velho, pertencente ao guia de pescaria que contrataram, até Buenos Aires.





Stewart andou pelo Rio, conversou com muita gente e em tôdas deixou a mesma impressão desanimadora. Apesar da fôrça de Harry Stone, James Stewart só fêz confirmar a má impressão de quase todos os seus filmes.

JAMES STEWART

«Foi a parte mais interessante da viagem. Chegamos até a atravessar um rio a nado, o rio Malaeo, perto de umas quebradeiras. Foi bom viajar de automóvel pois assim tivemos oportunidade de conhecer alguma coisa de inédito a respeito destes lugares. O que não acontece quando fazemos as clássicas viagens de turistas», contou ela, antes de Jimmy aparecer.

•HOBBIES• DE JIMMY

Além da pescaria o mais absorvente passatempo de Jimmy é pilotar. Tem o seu avião particular, um Cesner 310, que êle pilota em companhia de um seu velho companheiro, ainda dos tempos de solteiro, De Bonna.

Na companhia dêle, Jimmy já estêve incógnito no Brasil em 1944, quando, na Fôrça Aérea Norte-Americana, fazia patrulha aérea no Atlântico. Estêve uma noite em Belém e dois dias em Natal, por causa do mau tempo.

«Não posso afirmar que as minhas recordações a respeito dêsse tempo sejam as melhores», diz James Stewart. «O trabalho era muito duro, dessa vez não cheguei a ver o Brasil pois não cheguei a sair da Base. Muitas vêzes a gente passava quinze dias sem sair do interior do avião. Pou-sando só para se abastecer», disse Jimmy durante a conversa de domingo de manhã.

NATURAL DE PENNSYLVANIA

Jimmy nasceu em Indiana, Estado de Pensylvania, tem duas irmãs (uma no Estado de Washington, outra em Nova York), e seu pai, com 86 anos, ainda dirige a mesma loja de ferragens que forneceu o dinheiro para a educação dos três filhos.

Imediatamente depois de terminar o College, começou a trabalhar no teatro, isto em 1932. Estreou no cinema em 1935, no filme «Murder Man».

GRACE KELLY

«Dentre as artistas da nova geração, Grace Kelly, é sem dúvida a mais talentosa e simpática. Gostei demais de trabalhar com ela em «Janela Indiscreta», disse ele.

Informados a respeito de boatos que correm sobre a vida de Grace, que segundo os informantes, teria sido uma grande farrista, e que só a propaganda é que fazia dela a mocinha com rosto de anjo, Gloria afirmou com veemência: «Isto tudo é mentira. Ela sempre foi uma moça muito sensata; tudo o que dizem tem um único fim, o de desprestigiá-la, agora que é princesa.»

GARY COOPER FOI O CUPIDO

Em setembro de 1950, Gloria já estava separada do seu primeiro marido, John MacCleam. Velha amiga de Gary Cooper foi convidada para um jantar, no qual também era convidado Jimmy. O romance começou. Jimmy era um solteirão inveterado; deste momento em diante, tudo mudou. Este é o seu primeiro e último casamento.

Ronald e Michel, são filhos do primeiro casamento de Gloria. Judy e Kelly, as duas gêmeas de cinco anos e meio são filhas do casal.

«Até hoje Gary Cooper está entre os nossos melhores amigos», disse Jimmy, «o que demonstra que o nosso casamento é bom e que somos gratos a ele.»



Stewart e sua mulher. Ela é simpática, e dizem que frequenta a alta sociedade de Nova York. Fala mais que o marido, e disse que seu romance com Stewart (e posterior casamento) foi patrocinado por Gary Cooper.

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua boa disposição física lhes permite ser activas, esportistas e bem-humoradas.

E, de facto, uma verdade incontestável que a inteligência, o espírito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Todas as pessoas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperience dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, Ventre-Livre é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



VALEMIN

— ADULTO —

Um fortificante
de



— INFANTIL —

comprovada
eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.

CAIXA POSTAL 1202



OS ESCOTEIROS COMEÇAM SUA FESTA

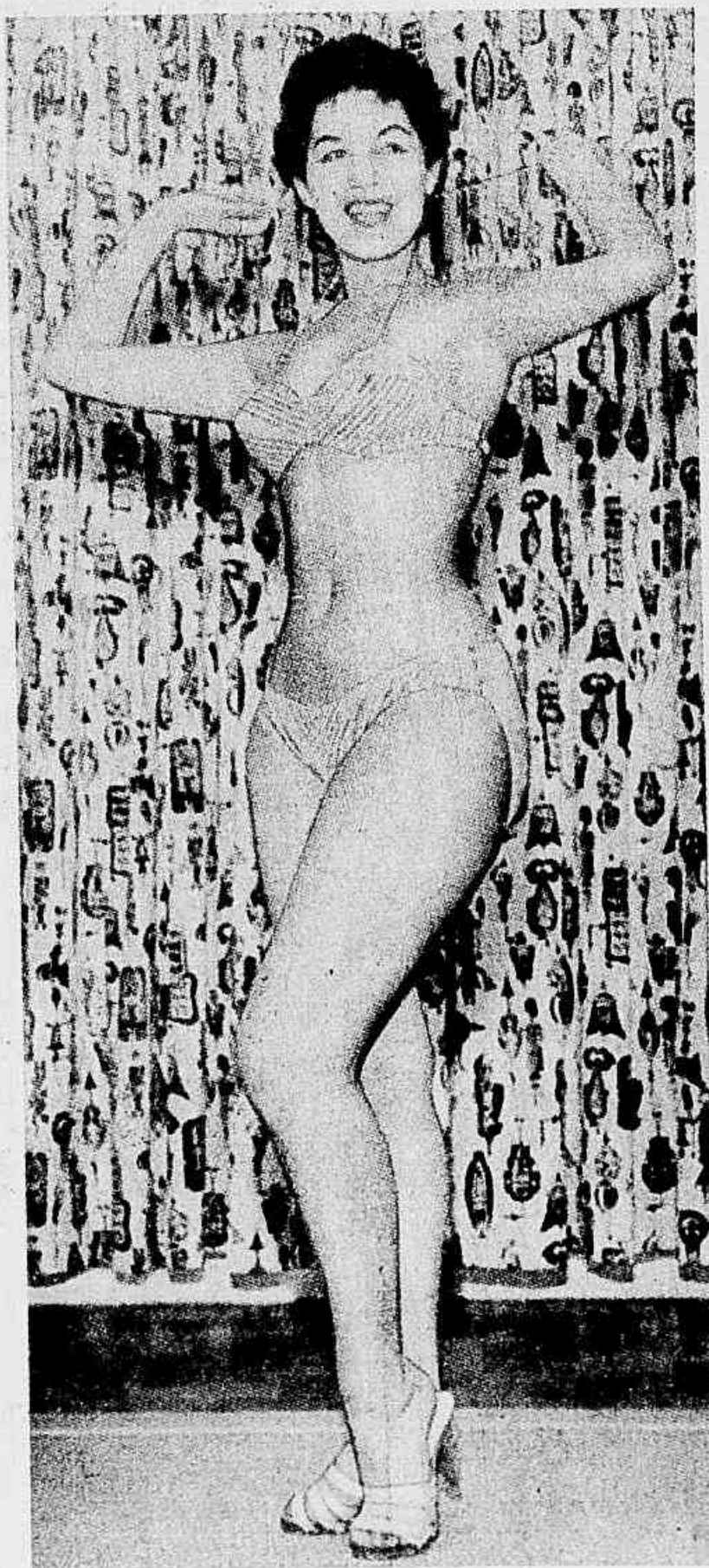
◆ Reunidos na Ilha do Governador, os escoteiros começaram sua festa anual. Fincaram suas barracas, penduraram seus símbolos de tropas e deram o início ao desfile que marca a sua festa típica. Na foto, um grupo de escoteiros esperando o começo do ajuri nacional.

A SEMANA EM REVISTA

Fotos «DIÁRIO CARIOCA»

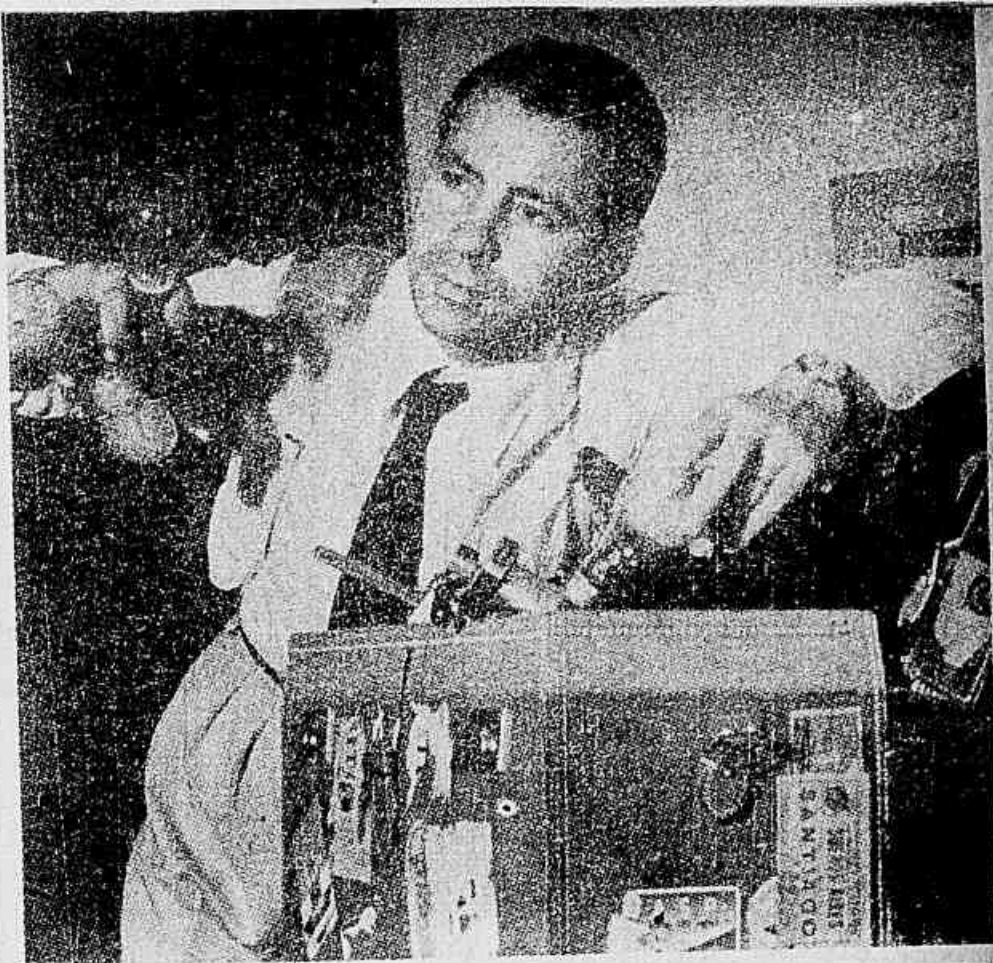
JK INICIA O MERCADO

◆ Em presença das chamadas altas autoridades (que muitas vezes não são tão altas mas fazem questão de se intitular autoridades), JK inaugurou o gigantesco mercado que a Cruzada S. Sebastião levantará na Avenida Brasil, em substituição ao atual, que será demolido. JK foi muito aplaudido, d. Helder também, e ficou a impressão que esse Centro de Abastecimento crescerá rápido. Pois d. Helder não é homem de brincadeira nem de prometer o que não pode fazer.



RAINHA DAS ATRIZES

◆ Eloína e Dalila (na foto) disputam um páreo sensacional, um vale tudo em que suas armas estão à vista e não podem sofrer contestação. Elas estão disputando o título de Rainha das Atrizes e apresentam credenciais que nenhum cabo eleitoral (mesmo derrotado) ousará impugnar. Suas curvas, seus votos e a visão de suas formas, estão sendo colocadas lado a lado e os juizes de última instância (nesse caso todos o são) darão o veredictum.



MANZON CONDECORADO

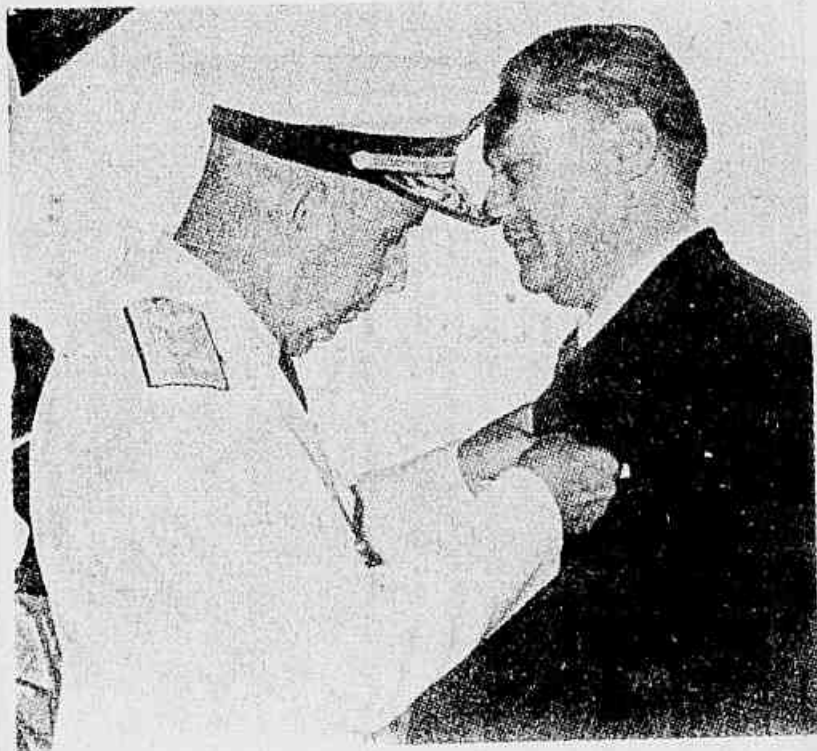
◆ Jean Manzon (foto) recebeu a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. Fêz bem o presidente JK em premiar o jornalista e cineasta que tanto tem trabalhado pela divulgação do nosso país. Pessoalmente o sr. Juscelino pôde constatar em Paris, o esforço de Jean Manzon em colocar em posição de relêvo o Brasil e os brasileiros. Se todos os estrangeiros que vêm para o Brasil (e aqui ficam para o resto da vida) tivessem a personalidade, o valor e a formação profissional de Jean Manzon, a nossa repercussão no estrangeiro seria outra. Os nossos parabéns pela inclusão de Jean Manson na Ordem do Cruzeiro do Sul.

OUTRO JARDIM RELÂMPAGO

◆ Na Praça Mauá, surgiu mais um jardim do tipo nasce-pronto. Continuando seu plano de minorar um pouco o calor desta cidade tropical, a Prefeitura entregou este novo jardim (foto) com as solenidades de estilo. No mesmo dia, o jardim do Meyer, inteiramente remodelado, foi também entregue ao público.

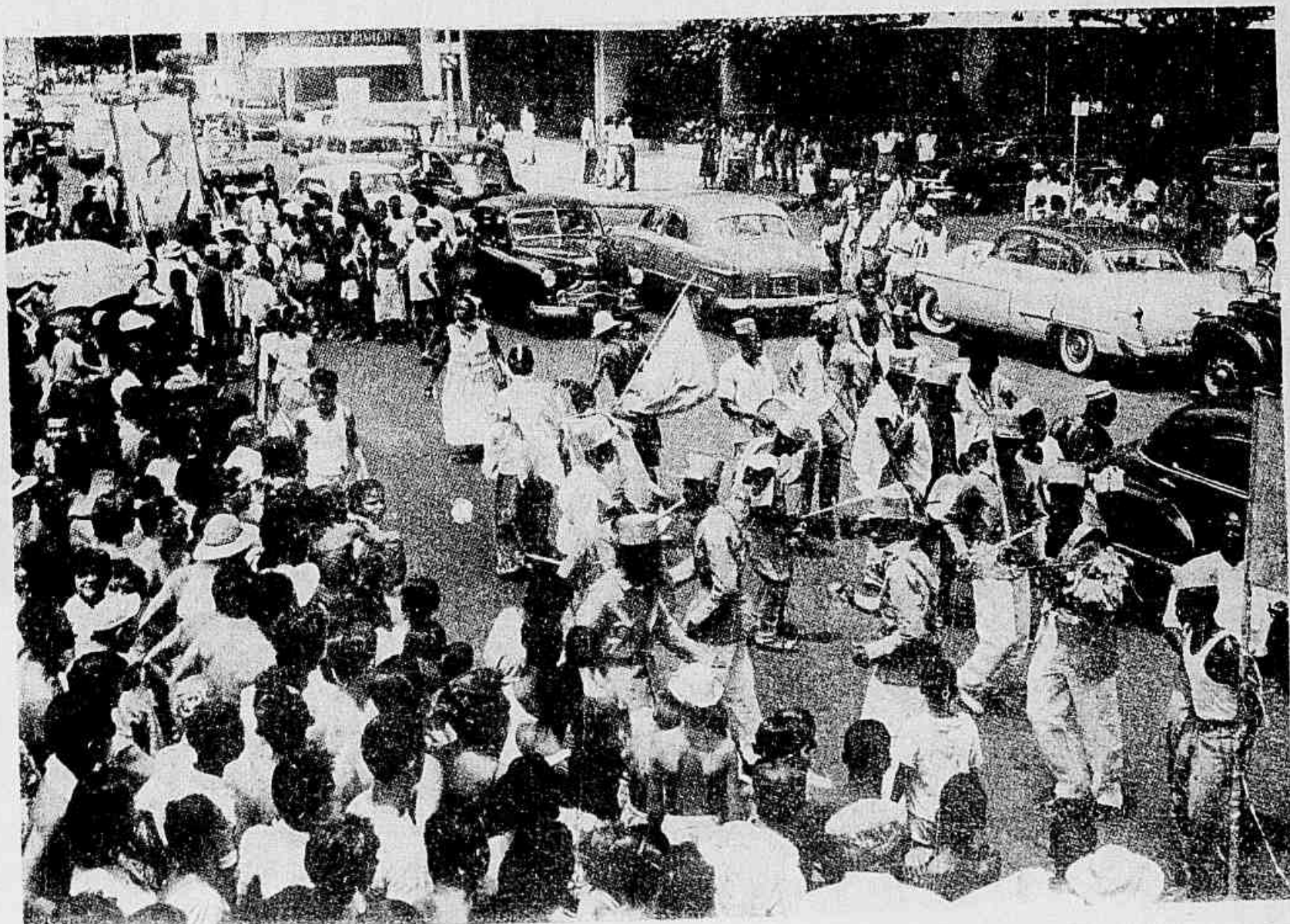
MERGULHO CARNAVALESCO

◆ No banho de mar à fantasia, promovido pelo «Diário Carioca», houve de tudo: samba, escolas, ranchos, muito Cadillac, foliões de verdade, e a visão de um carnaval que vai morrendo inapelavelmente. Mesmo com iniciativas como essa do simpático DC, nada salvará o outrora famoso e ansiosamente esperado carnaval carioca.



LUNARDI E SANTOS DUMONT

◆ Várias personalidades da vida pública brasileira foram agraciadas com a Medalha Santos Dumont, instituída pelo Ministério da Aeronáutica para comemorar o primeiro cinquentenário do mais pesado que o ar. Entre elas o sr. Lídio Lunardi, presidente da Confederação Nacional da Indústria e um dos líderes da produção nacional, que a gravura mostra recebendo a alta distinção.





Bosch: «Cruz às Costas», de Ghent. Fonte do «Cristo Prêso», hoje em São Paulo.

O CRISTO PRÊSO, de Bosch

♦ EXISTE EM São Paulo, no Museu de Arte, uma tela que representa Jesus, cercado por soldados de feia catadura, no ato de ser conduzido perante o Sinedrim. E' dada como sendo de autoria de Jheronimus Bosch, o pintor holandês que se notabilizou como o precursor do surrealismo. A tela, que é de diminutas dimensões, guarda grande parentesco com a célebre «Cruz às Costas», hoje conservada na cidade belga de Ghent. O caso é que a «Cruz às Costas» é obra de plena maturidade do artista, ao passo que o «Cristo Prêso», se fôr de fato autêntica, pertenceria certamente aos anos iniciais da carreira de Bosch. Mas, a darmos crédito a Tolnay, a Baldass, a Friendländer, a Mosmans e a muitos outros exegetas da obra de Jheronimus Bosch, o início da carreira do pintor, que se pode situar aí por volta de 1480, não viu o aparecimento de nenhuma obra semelhante, mas apenas de quadros satíricos, de gênero, do tipo «A Cura da Loucura», e outros, de intenção moralizante, como «A Mesa dos Pecados Mortais». Bem depois é que surgiram as telas religiosas, se excetuarmos a «Crucificação», hoje em Bruxelas — obra de juventude artística. Que devemos pensar, a respeito? que «Cristo Prêso» é uma obra não autêntica, de Bosch — uma réplica, uma cópia —, ou que, verdadeiramente, é de autoria do artista, porém elaborada em princípios de sua carreira?

Ao que saibamos, a obra ainda não foi estudada, minuciosamente, por ninguém. Seria preciso que a examinassem à luz dos mais modernos métodos, que lhe fizessem fotografias com o auxílio de raios-x, para que toda e qualquer dubiedade viesse a ser dirimida. Assim à primeira vista, é estranhável que um desenhista tão grande como Bosch possa ter delineado um braço tão defeituoso como o do juiz hebreu ante o qual Cristo está sendo conduzido, ou mão de tal modo incorreta como a de vários soldados. E' verdade que mãos (e também orelhas) nunca foram o forte de Bosch: as em questão, todavia, exorbitam. Então, a tela não é de Bosch? Talvez seja, talvez não. Quer-nos parecer, porém, que se trate de uma velha cópia (Bosch teve tantos copistas, alguns da estatura de Lucas Cranach ou de Patinir!...), muito restaurada, inclusive. A procedência da obra — os Estados Unidos — também dá para desconfiar. Ali estão muitos outros quadros atribuídos a Bosch, e de motivos semelhantes, e de características artísticas em tudo idênticas aos do «Cristo Prêso». Assim, por exemplo: um «Cristo Traído», em San Diego; um «Cristo ante Pilatos», em Princeton, etc., etc. A obra legada por Jheronimus Bosch é diminuta em quantidade: cerca de quarenta telas, praticamente o mesmo que o grande Vermeer nos deixou: apenas doze delas estão assinadas. Há dúvidas quanto à autenticidade de pelo menos uma outra dúzia. Nos comentadores antigos, e nos modernos historiadores dessa obra singular, nenhuma referência é feita ao «Cristo Prêso», do Museu de São Paulo. E', ou acham os leitores que não, um fato bastante estranho?

Para maiores detalhes:

Baldas, L. von — Hieronymus Bosch. Wien, 1943; Tolnay, Ch. de — Hieronymus Bosch. Bâle, 1937; Friendländer, Max J. — Geertgen van Bosch (Altniederländische Malerei, volume 5). Berlim, 1927; Mosmans, J. — Jheronimus Anthonis — zoon Van Aken. s'-Hertogenbosch, 1947.

CONVERSA COM

SOLANO TRINDADE



♦ SOLANO TRINDADE é pernambucano, e tem atualmente 48 anos. Poeta, autor de alguns dos mais interessantes poemas negros brasileiros, é igualmente diretor do Teatro Popular Brasileiro, com o qual visitou a Europa, em 1955. Reside em Caxias.

P — Quais seus planos literários para o ano corrente?

R — Publicarei um livro de poemas, que por enquanto parece que se chamará simplesmente «Poemas». O livro já teve tantos nomes...

P — Considera-se influenciado, em sua poesia, por quais autores?

R — Não recebi influências de autores, mas sim do meio em que vivi desde a infância. Minhas influências são as canções populares, os versos, os provérbios, as cantigas de roda, etc.

P — Que é poesia negra?

R — Uma poesia cujo ritmo e conteúdo são peculiares à raça negra. Faz uso de formas populares, de onomatopéias, etc.

P — Quem, no Brasil, fez poesia negra?

R — Jorge de Lima foi o maior poeta negro brasileiro. Fora das elites literárias, conheço vários outros bons poetas negros: Aladir Custódio, que na vida prática é ascensorista, o gaúcho Balduino de Oliveira, que editou um livro, «Rusga», há muitos anos, etc.

P — Quer dizer, então, que Cruz e Souza?...

R — Poeticamente, Cruz e Souza não era negro: era louro, belga...

P — Quais suas leituras preferidas?

R — Ensaaios sociológicos, mormente os ligados ao problema negro e estudos sobre folclore.

P — Autores favoritos na poesia e no romance?

R — Rossini Camargo Guarnieri, Drummond, Manuel Bandeira e Jorge de Lima, entre os poetas; Machado, Lima Barreto, Jorge Amado e José Lins do Régio, entre os prosadores, reúnem minhas predileções.

«LA CHUTE», romance geralmente considerado como o melhor até agora publicado por Albert Camus, seu autor, está sendo traduzido, presentemente, para nada menos de doze idiomas: inglês, alemão, espanhol, dinamarquês, finlandês, holandês, japonês, norueguês, português, sueco, hebraico e iugoslavo.

HERMANN MELVILLE, talvez o mais lido dos romancistas norte-americanos de todos os tempos (quem não conhece «Moby-Dick?»), teve agora editado, em Paris, seus interessantes diários de viagem. Melville levou uma vida intensa, cheia de aventuras. Nome do livro: «Les Journaux de Voyages» (Edição NRF).

A OBRA-PRIMA de Alexandre Pouchkine, «Eugênio Onégin», que propiciou, inclusive, à Tchaicowsky uma ópera homônima, vem de ser

LETRAS MUNDIAIS

vertida para o francês, por Michel Bayat, e editada por Laffont. O crítico Dominique Fernandez, escrevendo em «La Nouvelle Revue Française», janeiro de 1957, página 152, classifica de péssima a versão de Bayat.

CURZIO MALAPARTE publicou, há pouco, «Maledetti Toscani» (Editôra Vallecchi, Firenze). Sobre o livro, diz Georges Piroué, em «La Table Ronde» de janeiro último: «Não é livro de memórias, nem crônica histórica, ou ensaio psicológico e cultural sobre a Toscana, mas algo de brilhante, de fantasista e livre, que ao mesmo tempo participa da natureza de todos aqueles gêneros».

INTERESSANTE ARTIGO de Armand Piérhal, na mesma revista: «André Gide era um romancista?». O articulista após considerações sobre o problema Romance, conclui negativamente: Gide não era um autêntico romancista, porque é da natureza do romance a capacidade imaginativa de seu autor; ora, não foi o próprio Gide quem disse que era incapaz de inventar fôsse o que fôsse? Para Piérhal, o livro imortal de Gide é seu «Diário».

COM O CANAL de Suez e seu construtor Lesseps atualmente tão em foco, era natural que alcançasse grande sucesso, nos Estados Unidos, a recente biografia do engenheiro francês, feita por Charles Beatty («De Lesseps of Suez») e editada pela Harper.

A FORMA NASCENTE

De Antônio Rangel Bandeira

♦ O QUE desde logo chama a atenção, no novo livro do poeta Rangel Bandeira (1) — de quem, há alguns números, comentamos o ensaio «Da Liberdade de Criação Artística» —, é a concisão, a economia na expressão, atingidas pela sua poesia. Nada de derramamentos, tão ao gosto, ainda, de alguns de nossos mais conhecidos e elogiados poetas; nada de grandiloquências: a forma está depurada ao máximo, a emoção foi domada e, transportada para um plano quase diríamos geométrico, cristalizou-se em poemas de rara sobriedade. Os ritmos são curtos, em sua maioria, como curtos são também os poemas, compostos de algumas escassas estrofas.

O poema «Prólogo», que abre a coletânea, encerra os pontos de vista de Antônio Rangel Bandeira. Ele, e também João Cabral de Melo Neto, Bueno de Rivera, Péricles Eugênio da Silva Ramos e alguns outros, é um apaixonado da forma. «A forma é tudo», afirma, no primeiro verso do livro. É verdade que, algumas páginas além, num de seus mais belos e significativos poemas, o de número 35, quase que aquele conceito está totalmente desmentido:

Fenece, poesia
Se não és senão forma
Estéril que nem
A si mesma se possui

A função fixadora da poesia:

— O verso empalha o pássaro
E como esponja
Bebe a manhã —;

seu poder evocador, recriador:

— Pássaros, ó pássaros!
Eterna esperança. Aqui
Vos recomponho no esplendor
De vossas plumagens —.

seu mistério, a dificuldade (tantas vezes) do primeiro verso — quando, então, devem ser invocados os «deuses valérianos» —, tudo isso está presente na poesia de Antônio Rangel Bandeira. Seu livro guarda, a nosso ver, estrito parentesco com a «Psicologia da Composição», de João Cabral de Melo Neto — parentesco que, diga-se de passagem, não é bem influência, e muito menos subordinação, ou plágio. É, em verdade, um bom livro de poesia, a despeito da propalada aparente frieza dos versos — frieza, na realidade, resultante de muita disciplina e contensão, esforço, coroado de êxito, de submeter à forma o sentimento poético.

Antônio Rangel Bandeira — «A Forma Nascente», Clube de Poesia do Brasil, Coleção IV Centenário, volume 4. São Paulo, 1956. 56 págs.

POESIA

Poema

Conformados pássaros

Que vos amoldais

A vossas gaiolas

Que vos impede

De cantar a vida?

Sois prisioneiros

De vós mesmos?

Ó superfícies de pluma!

Doce arfar

Claro como o dia

Vossa gaiola

Vos detem o voo

Mas vossa carne frágil

Contém vibrátil o infinito.

ANTÔNIO RANGEL BANDEIRA

LIVROS EM DESFILE

Cotação: * ruim; ** medíocre; *** regular; **** bom; ***** muito bom

NOVA EDIÇÃO da Biblioteca do Exército. «Doutrina Militar Soviética», primeiro volume, de autoria de Raymond L. Garthoff, na tradução do coronel Paulo Enéas F. da Silva (Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 1957. 456 pág.).

«NO MUNDO», de P. Mac Niven, é uma coletânea de poemas, alguns de certa beleza, quase todos sem grande valor poético. (Editora Minerva, Rio de Janeiro, 1956. 145 pág. Cotação: ***).

EM TRADUÇÃO de Otávio Alves Velho apareceu o estudo de David E. Lilienthal sobre «TVA — A Democracia em Marcha». Lilienthal foi presidente da autarquia do Vale do Tennessee (TVA), e suas observações a respeito do mesmo interessam a todos quantos acompanham os esforços realizados atualmente por alguns países para se libertarem de problemas gigantescos. (Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1956. 265 páginas).

QUATRO ESTUDOS de Fernanda Augusta Vieira Ferreira Barcelos, catedrática de Psicologia do Instituto de Educação do Estado do Rio: «As Favelas — Estudo Sociológico», e «O Teste do Desenho e o Estudo da Personalidade Infantil», de 1951; «Educação Sexual nos Internatos de Menores», 1952; «Sociodiagnóstico através do Desenho Infantil», 1953. Particularmente interessantes os dedicados ao desenho infantil.

MUITO BOA iniciativa, a de Henriqueta Rosa Fernandes Braga, colecionando inúmeras canções natalinas, e apresentando-as nesse «Cântico de Natal», prefaciado por Luís Heitor. Canções de Natal de vários povos e de todas as épocas desfilam através das páginas do pitoresco volume, cada uma precedida por pequenino, mas elucidativo estudo introdutório, a respeito de sua origem e história. (Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1954. 125 pág. Cotação: ****).

NOTAS E INFORMAÇÕES

INTERESSANTE, o que aconteceu com «A Lua Vem da Ásia», novela de Campos de Carvalho há pouco editada pela José Olímpio: primeiro, foi praticamente ignorada pelos colunistas literários do Rio e de São Paulo. Súbito, esses sentem-se impressionados pelo livro do (ainda) moço escritor mineiro, e o resultado é uma longa série de artigos, nos principais suplementos de ambas as cidades. Pena é que muitos deles insistam em considerar Campos de Carvalho como um demente, e não como o homem terrivelmente lúcido que surpreendemos, numa entrevista.

A REVISTA italiana «Epoca» publicou, em um de seus últimos números, bom artigo sobre Rui Ribeiro Couto, poeta a quem foi atribuído o Prêmio Simón Bolívar, anualmente concedido a um escritor de raça latina. Ribeiro Couto é nosso embaixador na Iugoslávia, e o livro que lhe garantiu o prêmio foi escrito diretamente em francês.

ENTRE OS mais ferrenhos adversários do Concretismo contam-se Manuel Bandeira (que aliás compôs algo à maneira concreta sobre as palavras Gonçalves, e Dias), o mineiro (sempre desconfiado: «Esse povo quer me passar a perna»), Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rêgo, Saldanha Coelho, Osvaldino Marques, Tiago de Melo, Ascendino Leite, Fred Pinheiro, etc., etc.

O MISTÉRIO DAS CRIANÇAS PRODÍGIOS

QUAL A ORIGEM DA EXTRAORDINÁRIA INTELIGÊNCIA DAS CRIANÇAS PRODÍGIOS? ENQUANTO O PÚBLICO DIZ QUE SE TRATA DE MILAGRE, OS SÁBIOS RESPONSABILIZAM AS GLÂNDULAS ENDÓCRINAS.

LOGO que a menina sentou-se, o presidente da seção parisiense da Sociedade de Autores e Compositores, lhe perguntou: — Agora é você, não é assim, Minou? A menina fez um sinal afirmativo, considerando os dois temas que tinha de desenvolver naquela ocasião: «Tenho Oito Anos» e «O Céu de Paris».

— Você está satisfeita? — Perguntou de novo o presidente.

— Não. Ter oito anos é bem mais triste do que se pensa! — Foi a resposta. Em seguida, inclinou a cabeça sobre uma folha de papel em branco e pôs-se a buscar a inspiração. O presidente calou-se e Minou Drouet, a «octogenária de oito anos», segundo Cocteau, começou a escrever os versos que lhe abriam as portas da Sociedade dos Autores.

Nos tempos que correm, tudo é motivo de alvoroço. Escritores prodígios, poetas prodígios, músicos prodígios, estão na moda. O mundo os incensa, maravilha-se com as suas criações e os vê como fenômenos estranhos, monstruosos e estupefacientes. Mas a genialidade precoce não é um privilégio do nosso século. Cada época produz suas Minou Drouet, suas Françoise Sagan e suas Manuela Merosi. E os nomes de Minou, Sagan e Manuela não são senão pálidas figuras quando colocadas na constelação onde resplandecem os nomes de Leopardi, Ruskin, Gassendi, Evaristo Galois e muitos outros. Na realidade, se Minou, aos oito anos, escreveu poemas que poderiam ter sido assinados por nomes famosos, também aos oito anos, Leopardi compôs sonetos de imensa força poética. Se Françoise, aos 17 anos, tornou-se, de repente, famosa por seu romance «Bom Dia, Tristeza», na mesma idade Ovídio assombrou a sua época com poemas que ainda hoje lemos com prazer. E os excelentes poemas da sensível Manuela não podem ser comparados à reinvenção da geometria euclidiana levada a efeito por Gassendi, quando contava apenas oito anos.

Minou, Françoise, Manuela: três nomes, os últimos a surgirem. Porém, muitos outros têm saído das sombras para se verem projetados no cruel firmamento da glória por seus pais que, certamente inconscientes de suas ambições mortas, tentam fazê-los obter as honrarias vãs, que, no seu ínti-

mo, haviam aspirado. A menos que não hajam visto — e esta hipótese é atroz — nas excepcionais qualidades dos seus pequenos um meio de fazer fortuna.

Entretanto, existem outros casos mais reconfortantes de verdadeiros prodígios: Giannella de Marco, Pierino Gamba, Roberto Benzi. No setor musical, a Itália tem renovado constantemente sua provisão de meninos prodígios. Mas não se trata de um monopólio, pois a Argentina, a Rússia e os Estados Unidos também têm produzido seus pequenos gênios musicais.

As estatísticas na Inglaterra demonstram que, em mil crianças, cinquenta têm uma inteligência acima do normal, vinte apresentam uma inteligência brilhante, e apenas uma é prodigiosa. Mas quantos meninos prodígios tiveram a glória durável de um Mozart? Apenas um em 1 milhão o conseguem. Os outros assemelham-se a meteoros. Há mais ou menos quarenta anos, o americano William Sidis, maravilhou as multidões. Aos dois anos, já sabia ler e escrever, e aos oito, traduzia grego, latim, alemão; antes de completar os dezoito anos, terminava os seus estudos na Universidade de Harvard e recebia seu diploma «summa cum laude». Aos vinte e cinco anos não era mais que um obscuro empregado de uma casa comercial, e aos quarenta, vivia na mais completa miséria. Os sábios explicam o fenômeno do seguinte modo: O segredo das crianças prodígios reside numa anomalia do sistema nervoso interno, no qual uma das ramificações atinge o «zenite» do desenvolvimento, antes de todas as outras e do próprio resto do organismo. Mas com o passar do tempo, essa anomalia se atenua insensivelmente e o sistema nervoso readquire o equilíbrio, reduzindo a genialidade ao estado normal. E tudo isto por defeito das glândulas endócrinas. A glândula pineal, a pituitária, as cápsulas supra-renais, são a sede da exaltação, da depressão, da desordem, onde os ceus se assemelham aos abismos, onde o gênio e a loucura, a imbecilidade e a inteligência, a beleza e a feialdade se confraternizam e se confundem. Dêsse modo, caberá à fisiologia explicar a origem das crianças prodígios, das crianças que se crêem excepcionalmente



Seu apelido era «Gigino sabe tudo»: sabia muita história, geografia, química e música. Mas, o que foi feito de sua prodigiosidade? E' hoje conhecido como o Gigino Solano, de Roma, que, para ganhar a vida, ainda conta com a sua prodigiosa memória.





Uto Ughi, de onze anos, nasceu em Busto Arsizio. Nesta fotografia, ele aparece empunhando o violino. O rosto inspirado revela muito bem a sua potencialidade artística. Uto é um artista bastante cotado para dar recitais em público.

dotadas de inteligência. Vejamos o caso de Willy Ferrero. Nascido em 1906, em Portland, de pais italianos, assombrou o mundo por seus dotes no campo do conhecimento musical. Aos sete anos estreou no «Augusteo» de Roma, entusiasmando os instrumentistas, os mestres e o público em geral. Mas sentiu-se desesperado diante da glória, diante dessa tarefa que lhe parecia sobre-humano: esperar pelos favores do público. Tinha medo de se ver abandonado pela sua arte, e tinha tanto horror que acabou por abandoná-la. Depois, não mais quis saber de partituras, nem de orquestras. Um ano depois, demonstrando uma coragem exemplar, ele entra para o Conservatório. E recomeçou o seu estudo, com grande persistência. Em seguida foi a Viena pedir ao ilustre Max Springer que o ensinasse. Apresentou-se ao famoso maestro dizendo:

— Sou Willy Ferrero. Fui um fenômeno. Agora quero ser um verdadeiro músico!

Reiniciou em 1925 uma carreira cheia de êxito, que a morte interrompeu em 1952.

Lógico que até agora só se falou das crianças prodígios. Lembremo-nos das «retardadas». Nunca se deve apresentar a seguinte solução: «Jamais passarás de um burro!». Não se deve fazer isto porque também, dificilmente, se pode distinguir impotência intelectual da apatia e da timidez e a preguiça da imbecilidade. Há as flores que subitamente desabrocham, pássaros que, de repente, se põem a cantar. Relembremos Madame Curie, Louis Pasteur e Alberto Einstein, «incapazes» aos olhos dos seus professores.

Não desejemos para os nossos filhos a sorte das crianças prodígios. Uma bôlha de sabão, irisada, levitante, elevando-se para o azul do céu, mas sendo logo desteitada pela suavidade natural da brisa, assemelha-se ao destino das crianças precoces.

Minou Drouet, a pequena poetisa francesa mundialmente conhecida. É uma figurinha agradável aos olhos. Todos a entendem. É muito vaidosa e, no desfile de modas infantil para a qual se prepara, ela se comporta como um manequim adulto.

IBRAHIM SUED ESTÁ APAIXONADO E VAI CASAR COM GLORINHA DRUMOND

O COLUNISTA MAIS LIDO DO BRASIL FALA SOBRE SEU AMOR E SUA CARREIRA — DO ASFALTO AO
«INTERNATIONAL SET» — ATÉ MINISTRO DE ESTADO QUER NOTINHA NA COLUNA DE IBRAHIM —
ANÁLISE DA CRÔNICA SOCIAL — OS DESELEGANTES — A SOCIEDADE DE S. PAULO E PROVINCIANA.

Reportagem de CARLOS LEMOS

IBRAHIM SUED, o colunista mais lido do Brasil, está apaixonado e vai casar. Sua namorada é Glorinha Drumond, «Miss Elegante Bangu» do Clube Naval.

Perguntei ao colunista:

— Você está apaixonado?

— Esse negócio de paixão é muito vago. Gosto muito dela e encontrei uma companheira e amiga. Não sei se é paixão.

— E vai casar?

— Isso depende dela. Se quiser, não há dúvida. Casamos.

Quando perguntei porque dependia dela, o colunista fugiu à pergunta. O fato real é que Ibrahim se preocupa com sua profissão. Ela exige uma série de compromissos e de contactos com outras moças. Se Glorinha se adaptar ao seu modo de viver, Ibrahim não tem dúvida: enfrentará o casamento.

Já se namoram há sete meses. Conheceram-se quando da eleição de Glorinha. Todos os seus momentos de folga, Ibrahim dedica à moça que escolheu.

E seus momentos de folga são poucos. Trabalha em «O Globo», «Manchete», «Rio Magazine», «Querida» e no Montepio da Prefeitura. Não colabora em jornais nos Estados porque o «O Globo» não deixa.

Atualmente, para poder dar conta do recado, aboliu os coquetéis. E explica:

— Das 18 às 21 horas trabalho, preparando a coluna e escrevendo as reportagens. Quando existe um coquetel mais importante, vou no fim, para dar presença e colher notícias. Quanto aos outros, dou uma nota na coluna e mando flores.

— Trabalho desde que acordo e só tenho um secretário, que é o Haroldo da Mata...

Interrompo para saber se não tem um «staff», formando um «bureau» de informações. Responde:

— Não. Tenho uns cinco ou seis amigos muito bem informados e que me contam as últimas novidades do Rio, em qualquer atividade. Os que viajam mandam cartas. Além disso, fiz amizade com colunistas de todo mundo e troco correspondência, com informações. Isso me permite manter a coluna na frente das outras.

E faz a revelação:

— Pessoas importantes, até ministros de Estado, têm interesse em divulgar alguma coisa em minha coluna. Mandam, por via indireta, as notícias em primeira mão, para depois confirmarem aos demais.

ANALISANDO AS CRÔNICAS

Divide os colunistas em três classes: os profissionais, os amadores e os profissionais desvirtuados. E diz:

— Na crônica social, alguns fazem um colunismo honesto, na base do trabalho e da informação. Outros, são amadores, fazendo da coluna um veículo para benefício próprio. Os terceiros, na corrida da notícias, não hesitam em divulgar inverdades e bobagens.

— Um dos males de alguns colunistas é apresentarem qualquer pessoa como grande figura do «society». Não que elas sejam mais ou menos dignas por causa disso, mas burguês é burguês e grã-fino é grã-fino.

— É preciso saber diferenciar. Imagine que até senhoras que levam uma vida à margem da sociedade têm aparecido nas colunas. Não é possível. Sei que existe o problema de encher a coluna, mas há necessidade de diferenciar

uma coisa da outra. Não é qualquer José da Silva que pode ser citado.

COLUNA É PARA ZÉ POVINHO

— Quem é o leitor de sua coluna?

— Não escrevo mais para a sociedade. Os meus leitores são, principalmente, a classe média e o Zé Povinho. Eles querem saber o que faz a alta roda, que não podem atingir. A coluna lhes dá uma certa intimidade com os grandes nomes.

Ibrahim faz, então, referência ao fato de sua coluna haver mudado de orientação. Já não lhe interessam as grandes festas, as grandes recepções. O que vale, agora, é notícia. Seja em que ramo de atividade for. Notícias dos grandes nomes.

CORRESPONDÊNCIA

O colunista recebe, em média, 50 cartas por dia. Vêm de todas as classes e são de toda espécie. Algumas pedem fotos, outras fazem declarações de amor. Não faltam as de elogios, como existem as de condenação.

Ibrahim me mostra os seus arquivos. São milhares de cartas, guardadas — depois de respon-

Ibrahim não esconde que está apaixonado e quer casar com Glorinha Drumond. Quase não vai mais a boite, e todo tempo disponível dedica ao trabalho e à bela mineira que conquistou seu coração.

S

la

Os
é-
ue
o-
os

ua
ão
es
ja
os

por
da
em
os,

ni-
on-

do
ase
ní-
ira



IBRAHIM SUED

«Diário da Noite». Mais tarde, «O Globo» e agora, diversas revistas.

De sua antiga profissão guarda a lembrança da fotografia que fez na Câmara Federal, em que aparece o senhor Otávio Mangabeira beijando a mão do atual presidente dos Estados Unidos, general Eisenhower. A fotografia deu lugar aos maiores comentários, na época.

DESPEITO

Quero saber porque Ibrahim é tão combatido. Responde:

— Muita inveja, muito despeito e porque, no Brasil, ainda não existe mentalidade para aceitar as pessoas que se fazem por si. Sai do asfalto. Agora, estou no «International Set».

Quanto ao fato de ser ele contra a admissão, no «grand monde» de «novos ricos», que não têm linhagem, responde que é verdade. E justifica:

— Eles não sabem guardar a tradição que deve existir e que eu soube respeitar. Por isso fui aceito.

A MAIOR REALIZAÇÃO

— Minha maior realização foi essa de sair do asfalto e penetrar no «International Set». Ser amigo de gente importante e, inclusive, Elza Maxwell. Consegui penetrar na sociedade de Hollywood, sem, ao menos, saber falar inglês corretamente.

— Tenho, também, orgulho das festas de caridade que consegui realizar, amparando os pobres. Além disso, popularizei várias pessoas.

— Quem, por exemplo?

— Ilde Garavaglia, Rosinha Serzedelo Machado, Glorinha Drumond, Jorge Faria Filho e o casal Adolfo Cláudio Graça Couto, entre outros.

— E destruiu alguém?

— Não. Algumas pessoas apenas combati.

— Cite nomes.

— Irene Guinle é um exemplo.

— E a sra. Walter Moreira Sales?

— Não conheço essa senhora.

— E a Dama de Prêto?

— Essa sempre existiu, mas, agora, morreu para a crônica.

AS MAIS BONITAS

Ibrahim conhece os Estados Unidos, Portugal, Espanha, Itália, França, Inglaterra, Suíça, Mônaco, Argentina, Uruguai, Chile, Venezuela,



O colunista Ibrahim Sued está sempre trabalhando. As vezes é acordado de madrugada por informantes ansiosos que acham que se deixarem o dia passar a informação perderá o valor.

didias — dia a dia. Não fica carta sem resposta. Pergunto porque guarda e responde:

— Exatamente não sei, mas algum dia, terão sua utilidade, nem que sejam para fazer lembrar outros tempos.

ATÉ A LIDERANÇA

— Uma máscara eu tenho — diz o colunista — é a de apresentar a melhor coluna do gênero. Ninguém faz melhor do que eu.

— E como chegou à liderança?

— Com trabalho, pela força das informações, pelos fatos e novidades que apresento. Só a isso devo o sucesso. Não quero, porém, esquecer alguns amigos que me auxiliaram no início da carreira, há uns quatro anos.

Ibrahim começou a fazer coluna social na «Vanguarda», por passatempo, em 1952. Logo depois, passava para a revista «Manchete» e

Peru e o Paraguai. Para ele, as mulheres mais bonitas que já viu são Ava Gardner, Grace Kelly e Dolores Litman (ex-Guinle).

Das brasileiras, selecionou: Helene Matarazzo, Lourdes Catão, Glorinha Drumond, Tereza Almeida Magalhães, Maitê Doree, Patricia Soares Sampaio e Josefina Jordan.

Dos países que conhece, gosta mais dos Estados Unidos, porque tem a vida mais prática e onde existe mais respeito pelo próximo.

Das sociedades, a mais fácil de se penetrar é a de Nova Iorque. Pergunto o que acha da nossa.

— É igual a todas as outras. Apesar dos defeitos, é uma necessidade no regime em que vivemos.

— E a de São Paulo?

— A de São Paulo não tem comparação com as outras, porque ainda é um pouco provinciana.

— E da nova geração do «society». Que acha?

— É fraca e mal orientada, por culpa dos pais, mas ainda pode ser recuperada.

OS DESELEGANTES

— Se fôsse escolher (diz Ibrahim) os três homens mais mal vestidos do Brasil, apontaria Apolonio Sales, Jânio Quadros e Virgílio Carneiro. Não aponta as mulheres deselegantes porque nunca se faz isso com uma mulher.

A figura mais «kar», no seu entender, é o príncipe Dom Pedro de Orleans e Bragança. A mais «shangay» ele sabe quem é mas não quis dizer.

Escolhe os melhores lugares do Rio: à noite, o Copacabana Palace. De dia, para comer, Bife de Ouro, Clube dos Banqueiros e Clube Internacional. O melhor clube: Country.

Politicamente, diz ser do PSD, ala do ex-presidente Dutra, dissidente e na oposição ao governo.

TELEFONE

Estamos no apartamento de Ibrahim, quase em frente ao Copacabana Palace. Na parede da sala, pintado a óleo, um grande retrato do colunista. O telefone toca. É Glorinha Drumond, combinando um jantar para a noite.



Ibrahim Sued, adora seu trabalho, não perde o entusiasmo e diz que gosta de ajudar os novos. Trabalha intensamente, e a base do seu sucesso reside no binômio: trabalho e seriedade.

Volta a falar nos colunistas. Diz que já perdeu suas vaidades e se algum dia aparecer algum valor novo, melhor do que ele, ajudará a subir, sem se desesperar e sem perder o gosto da profissão, «Como aconteceu com alguém que foi superado».

— Quem escreve sua coluna, é Pongetti, como dizem?

— Esse é um dos maiores elogios que me

fazem. Pongetti, para mim, é o maior manipulador da língua portuguesa. Se escrevo parecido com ele é porque escrevo bem.

Minha última pergunta é para saber se o colunista já ficou rico. Responde:

— Não. Só tenho fama de rico, o que é muito pior. Ganho um bom ordenado, mas que ainda não deu nem para comprar um apartamento.



Augusto Frederico Schmidt, na biblioteca de seu apartamento, seleciona o monte de livros que recebe diariamente. (Foto dos «arquivos implacáveis» de João Condé).

PÁGINAS DO GALO BRANCO

(ANALGOMETA E JOANA LOANDA)

— Não, nunca mais quero vê-la — dizia Analgometa a meu avô Joca, referindo-se a um encontro que sua antiga mulher Joana Loanda de Albuquerque desejava.

— Não quero vê-la nunca mais, repetia o misterioso indivíduo a meu avô, única pessoa com quem se abria, a quem se confiava.

Joana Loanda de Albuquerque saía vez por outra de sua casa em Santa Teresa e vinha rondar a residência de Analgometa. Trazia a louca o seu galgo numa coleira de prata — a sua sombrinha roxa e as luvas brancas de abotoar no cotovelo. Analgometa morava numa das últimas casas da rua Nossa Senhora de Copacabana — casa que dava fundos para o mar, para a praia quase deserta — que é hoje a Avenida Atlântica.

Quando isso se passou, Copacabana era um reino abandonado. Na praia havia pitangueiras e cajueiros por toda a parte. Estávamos no tempo em que dona Rosinha Guimarães Caipora — que morreu pelas alturas de 1930, pobre como Job — era proprietária de terras e mais terras, de verdadeira sesmaria.

Analgometa usava óculos de vidros esfumados. Vestia-se, o homem solitário, com excessiva sobriedade para a moda de então, sempre de escuro trajado quando saía à cidade, apresentando o aspecto de estar de luto; no entanto, contentava-se o herói de tantas aventuras misteriosas, a aparecer com uma simples calça de brim cáqui e blusão azul para os intermináveis passeios que fazia na praia de manhã muito cedo e à noite antes de dormir.

Joana Loanda de Albuquerque costumava uma vez por outra espia-lo nas suas caminhadas, de longe, à espera de que Analgometa, comovido com a constância de tão grande interesse lhe fizesse um gesto, um sinal qualquer que anunciasse possibilidade de nova aproximação. Nunca isso aconteceu.

— «Não, não quero mais ouvi-la, tratar com ela, vê-la de longe ou de perto», desabafou ele certa ocasião a meu avô. «Joana Loanda não tem mais nada com o ser que eu amei, com a criatura que foi minha, com quem atravessei tantas horas exaltadas e plenas de minha existência. É uma pobre naufraga, uma caricatura do passado. Entre a mulher de outrora e o fantasma de hoje que ligação poderá haver? Sei muito bem que tenho culpa do estado atual de Joana, pois lhe fugi num momento em que eu representava tudo para sua vida. Sei

que ajudei, sem querer, a torná-la o que é, na louca que ela é... Mas prefiro pagar com a minha vida as faltas cometidas a suportar a tristeza de ver a decadência, o fim atroz do ser que foi, possivelmente, o maior amor de minha vida. Joana Loanda, deveria compreender que sou assim. Ela sabe, aliás, muito bem que sou assim».

x x x

Analgometa lia muito. Os primeiros nomes de escritores de que tomei conhecimento foram por ele que ouvi citados, Falava o português com sotaque bem acentuado mas correntemente. Gostava da solidão de maneira impressionante. Constantemente embrenhava-se pelo Leblon adiante, andando a pé dias seguidos até ao alto da Tijuca; levava mochila às costas tal como os soldados.

— Conheceu todas as côrtes do mundo, dizia meu avô, nas conversas da hora do jantar. Valsou com muitas princesas de sangue, participou de graves acontecimentos, tudo isto para vir acabar os seus dias no Rio de Janeiro...

x x x

Analgometa deu-me as primeiras noções de cosmografia. Fazia assentar-me no muro de sua casa, do lado que dava para a praia, e ia mostrando-me o céu e no céu, os caminhos que as estrelas percorrem. Não guardei muitas coisas preciosas das suas lições, mas uma longínqua impressão de poesia, de plenitude poética ficou-me para sempre.

Analgometa sabia muitas coisas. E guardava discretamente a sua variada experiência de livros e coisas do mundo. Além disso, viajara por terras e mais terras. Minha mania pela Ilha Maurício, por exemplo, tem sua origem nas histórias que Analgometa me contava. Ele vivera entre Madagascar e Maurício durante dois anos, não sei bem o que fazendo. Falava da ilha Maurício e das outras do Oceano Índico como um simples viajante. Foi lá, nessas bandas, que conhecera Joana Loanda de Albuquerque, descendente da velha família portuguesa, ligada ao grande Mascarenhas, descobridor de Maurício e de outras ilhas. Joana passeava os seus jovens ressentimentos de exilada, pelas ruas mauricianas, sonhando com Paris e seus esplendores, quando o moço Analgometa, queimado de sol e de muitas aventuras a encontrou numa casa de comércio perto de um cais.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT



◆ A MOÇA DA SEMANA — Rosinha Lorcal, do Captain's Bar de São Paulo, apresentando sugestão de bonita fantasia para a folia momesca. Ainda está em tempo e... com jeito vai!...

CONSUMAÇÃO MÍNIMA

◆ Mara Abrantes (Viva a Mari-nha!), Ana Slavenska e o conjunto musical de Zé Maria estão dando novo alento às noites do Club 36, desfazendo-se, assim, os boatos de que a casa seria posta à venda.



SUZY MONTEL
«Eu vou pr'a Maracangalha.»

◆ Esse Carnaval que aí vem, se a moçada não reagir em tempo não será, pelo visto até agora, para que digamos. A alegria do povo está morrendo de inanição.

◆ «Viva los panderos», «show» que seguiu para Punta del Leste tendo Silvia Fernando como estrêla, levou também Gilberto Brandão, noivo de Marina Marcel, como diretor-artístico...

◆ Para março, a reabertura da «boite» Beguin, sob a direção do sr. Eduardo Tapajós, prometendo atrações internacionais. Dany Dauberson em pauta. Atração é novidade e dona Dany, com secretária ou não, já está ficando muito manjada.

◆ Heron Domingues, cronista teleguiado, informa em missiva catita: «Estou cheio de fome do Brasil». Que apetite tem esse rapaz!

◆ O elenco do teatrinho Jardel está jogando fora uma revista até que bem feitinha. Não fôsse Rui Cavalcanti o ator que é e também iria na enxurrada.

O PALHACINHO

◆ No seu Maragogipe plantado à margem do rio Paraguaçu, no petrolífero recôncavo baiano, Bartolomeu era simplesmente Memeu para todo mundo, que a cidadezinha se orgulhava de ser uma só família, tal a intimidade com que todos se tratavam. Memeu era um enamorado das coisas ca-riocas, as quais só conhecia pelas notícias que os jornais lhe levavam. Comprava diariamente, e como o Correio local servia, jornais e revistas. Aquelas reportagens fotográficas dos lugares chi-ques da cidade grande deixavam Memeu alvoroçado, ansioso para vir conhecer os personagens tão citados nas colunas sociais e noturnas. Memeu foi juntando dinheiro e, quando se julgou bem municiado, pegou um avião em Salvador e veio todo para cá. Antes, havia escrito para uma conhe-cida sua, freqüentadora assídua das melhores «boites» cujas fotos sempre apareciam nas revistas, bem diferentes daquelas tiradas pelo João Ramos, o fotógrafo (único) da elite maragogipana. Memeu começou a arregalar os olhos logo ao chegar no hotel da rua dos Andradas, quando o chofer o chamou de «doutor» e lhe tomou duzentos cruzeiros pela corrida. Memeu desconfiou que aquele «doutor» não era muito sincero, pois ele era apenas orador oficial de tôdas as solenidades de sua terrinha distante e preparava também requerimento para todos fins. Podia ser, entretanto, que estivesse agradando. À noite, vestiu a roupa de casemira azul-marinho, que ele, lá no nor-deste, usava indiferentemente para casamento, enterro e manifestações de aprêço ao prefeito e ao vigário. Telefonou para a conterrânea e a resposta do outro lado foi um «tá». Nesse «tá», Memeu ficou esperando precisamente três quartos de hora, marcados pelo seu «roskoff» (estrada-de-ferro), ganho na quermesse da festa do Padroeiro e que não falhava nunca. O táxi foi rolando pelas avenidas iluminadas e Memeu se sentia ofuscado com tanta luz de tantas côres, sem qualquer semelhança com a rua do Cajá, a rua bem de Maragogipe. Quando o carrou parou em frente da «boite», Memeu levou um susto grande. Um sujeito enorme, muito parecido com o «mata-cachorro» do Circo Buffalo Bill que ele vira antes de viajar como o maior do mundo, veio abrir a porta do carro. E' bem verdade que a farda era mais bonita, mas que parecia, parecia. E, se o chofer o chamou novamente de «doutor» e lhe tomou desta vez duzentos e cinquenta, aquele camarada que a conterrânea explicou ser o porteiro, fêz-lhe continência e também o chamou de «doutor», mas não lhe tomou nada. Seria que estavam debochando dele? Não ligou, porém, e foi entrando. Lá dentro, Memeu não enxergava nada. Outro sujeito, todo vestido de preto e com o cabelo cheio de brilhantina, perguntou-lhe: «Mesa, doutor?» Quem respondeu foi a conterrânea. Ele estava de terno, Apertaram-se num cantinho, espremidos contra a parede e Memeu era todo cuidado para não se encostar muito na conterrânea, que, afinal de contas, era filha de Lastênia, amicíssima de sua genitora. O negócio para Memeu foi de arrepiar. Tudo muito escuro, enlatado, cheio de fu-maça, encontrões sem desculpas, agarramentos por todos os lados, música melosa que não dava para um «balançado» como nas festinhas do compadre Ariston, que ele chamava de Arista. Memeu não quis comer nem beber nada. Já lhe haviam dito que «boite» é um troço mais caro que bati-zado com a igreja acesa. Não olhava para ninguém. Os seus olhos brilhavam fixos num palha-zinho de cerâmica, que encobria uma lâmpada na parede. O palhacinho ria para ele e Memeu estava perdido em mil e uma conjecturas. O garção, solícito, perguntava: «O doutor não toma nada?» E Memeu olhando para o palhacinho, alheio a tudo, — Vamos dançar? convidou a con-terrânea. E Memeu nem nada. O palhacinho absorvia-o. Quando pediu a conta, o moço de preto lhe trouxe um pires, dentro dele um papel iluminado por uma luzinha fina: 2.440 cruzeiros. Memeu olhou para o palhacinho, deu três mil e o garção agradeceu: «Obrigado, doutor!» Aquêl «doutor» — Memeu viu tudo — queria dizer que não havia trôco. Não tinha importância, porém. Mas, quan-do chegou ao hotel, não pôde dormir. Durante tôda a noite, aquêl palhacinho de riso sarcástico atormentou Memeu. Palhacinho em quem Memeu teria de bom gosto dado alguns tiros, se não estivesse em terra estranha, onde uma gente muito amável só o chamava de doutor...

lo Martins não conhece os dias de maré baixa. E samba do bom tem lá.

◆ And now, I go to Marracanga-lhas...

◆ A maioria dos «night-clubs» es-tará fechada durante os dias de Carnaval. Motivo primordial: as ta-rifas exorbitantes dos direitos auto-rais, arrecadadas por nada menos que três sociedades.

◆ Djalma Ferreira e Jorge Henri-que, bons músicos, revezam-se tô-das as noites no órgão iluminado do «Drink». Samba com órgão, po-rém, é um chute ou não é samba.

◆ Acabaram-se as vesperais diá-rias da «boite» Night and Day, por falta de público, continuando, po-rém, a já tradicional das sextas-feiras. O «show» «Hip, hip, Carna-val» era uma droga e foi impingido ao sr. Djalma Monte para o apro-veitamento dos artistas contratados para a malograda aventura da Beguin. Hurrah!

◆ A morenice de Carmen Dea im-perando no Bacará e aumentando a freqüência do bem querido «infer-ninho» do Gigi.

◆ A bola branca continua — como diz o Cozzi — perequeteando na área da Arpège. A «boite» de Agne-



NILZA BENES
Eu também vou... ôba!



ROSE RONDELLI — a vedeta sensação — responde
PÃO, PÃO — QUEIJO, QUEIJO

«AS PESSOAS QUE EXERCERAM MAIOR INFLUÊNCIA
EM MINHA VIDA ARTÍSTICA FORAM BEETHOVEN,
KAFKA, JARARACA E RATINHO».

Pão — Aquela reportagem, Rose, que Sérgio Pôrto fez com você, foi por você mesma ditada?
QUEIJO — Lógico, não é? Ditei e rubriquei os originais.

Pão — E você contou tudo?

QUEIJO — Quem conta tudo?

Pão — Como se chamava o advogado que providenciou a certidão falsa para que você, sendo menor, pudesse trabalhar na «boite» Monte Carlo?

QUEIJO — Já nem me lembro do nome dele. Para ser franca, acho que ele nem era advogado...

Pão — E a mando de quem?

QUEIJO — Do empresário, ora essal

Pão — Quem era o «tutor» das outras moças de menor idade?

QUEIJO — Cada macaco tinha o seu galho...

Pão — Você sabe que existe um movimento no Sindicato dos Artistas para expulsá-la de seu quadro social?

QUEIJO — Que coisa, ein?!

Pão — Que crime cometeu você?

QUEIJO — Diversos.

Pão — Você teve o intuito de menosprezar a laboriosa classe teatral?

QUEIJO — Não sou Ferreira Maia que cospe no prato em que comeu.

Pão — A propósito, você sabe que Ferreira Maia, em declarações a Nei Machado, chamou-a de «maldoza», «burrinha» e «vigarista precoce»?

QUEIJO — Por que esse veterano ator, como membro que é da diretoria do Sindicato dos Artistas, não abre inquérito e procura apurar a veracidade das minhas declarações?

Pão — Você acredita que, pelo fato de ter contado o lado amargo do teatro musicado, venho a sofrer o boicote dos empresários?

QUEIJO — Eu nunca acredito em nada.

Pão — E, se tivesse que recomendar, que profissão escolheria?

QUEIJO — Você não leu a reportagem? Lá eu dizia que se tivesse que começar tudo outra vez, eu recomendaria.

Pão — Naquela foto em que você, tão jovem, aparece por trás de uma garrafa de uísque na «boite» Monte Carlo, quem estava ao seu lado?

QUEIJO — O copo...

Pão — As suas relações com Carlos Machado foram sempre cordiais?

QUEIJO — Pois é... cordiais saudações.

Pão — Que pessoas exerceram maior influência em sua vida artística?

QUEIJO — Beethoven, Kafka, Jararaca e Ratinho.

Pão — Cite três bons empresários.

QUEIJO — O Augusto Mister não acha que está pedindo muito?

Pão — E três bons colegas?

QUEIJO — Raramente encontrei maus colegas.

Pão — A atual diretoria do Sindicato dos Artistas tem cumprido o seu programa?

QUEIJO — Programa? Que programa?

Pão — Por que você nunca se candidatou ao título de Rainha do Baile das Atrizes?

QUEIJO — Porque não tenho queda para Rainha.

Pão — Na sua opinião, quais os críticos de teatro mais conceituados desta praça?

QUEIJO — Os três Machados. Carlos Machado, Nei Machado e Brício «Machado» de Abreu.

Pão — Para terminar, que me diz você das tendências governamentais em relação à concessão para a base de foguetes teleguiados em Fernando de Noronha?

QUEIJO — Acho, Mister Eco, que não precisava tanta onda. Afinal, eu conheço muita gente que não é foguete e sempre foi teleguiada...

A ARARA TOPOU

... e ficou muito feliz da vidinha com as constantes notícias que chegam da Europa contando o brilho de sua amiga Gene de Marco ao lado do bailarino Lúcio da Riva, a mesma De Marco que, quando aqui partiu, recebeu a proteção de Carlos Machado de que o seu êxito só seria possível em terras europeias como modelo nu. A bichinha acha que o seu bravo salvador do incêndio da Night and Day — de atividades tantas — não vai muito bem como cigana. Vai não.



A ARARA CHUTOU

De boa formação moral, como sabeis, a Arara não podia ficar indiferente ante as expressões grosseiras e covardes do veterano ator Ferreira Maia contra a vedeta Rose Rondelli, só porque a artista teve a coragem de contar, em recente reportagem, um pouco do lado amargo desse pobre teatro musicado, que o silêncio conveniente de tantos ferreiras condus à total desmoralização. A bichinha disse que o sr. Ferreira, além de infeliz, foi «daisandê», pronto.



EL VALIENTE DON JOSÉ DE LOS PAMPAS

♦ A explosão do talento jornalístico do enciclopédico sr. Carlos Machado trouxe à baila, além da inestimável contribuição às letras pátrias, a bravura e o destemor de Don José de los Pampas, até então circunscritas às carreiras que lhe ministrava o pianista Bené Nunes na «boite» Casablanca — Don José sempre na frente — ou às prometidas carícias faciais do produtor e seu mestre de espetáculos Paulo Solidade, não acontecidas porque Don José se escondia muito lá atrás... Não faz dias, um amigo íntimo de Mister Eco — mas muito mesmo — foi distinguido com um bilhete público de sabor medieval, do cavaleiro Don José, que dizia, desafiante e ameaçador, no «heráldico fulgor da couraça e glória»:

— Nós, os gaúchos, não brigamos pelas colunas dos jornais...

Ah! o amigo do Augusto Mister tremeu nos alicerces e tratou de precaver-se ante a investida de Don José, que lhe pareceu um dos três meninos da Palhavã. Pediu, por isso, a este escriba de todos vós a ajuda do seu guarda-costas particular, Pitura — o Temível — que aí vêdes em intensivo treinamento e cuja vida progressa é um tratado de valentia, audácia e heroicidade. Mister Eco, amigo dos seus amigos, não se fez de rogado. Mas, quando o Necessário Mister mostrou o bilhete ao Pitura — o Temível — o guarda-costas que vinha de proveitosas aulas com o garotão Carlson Gracie, sorriu e estragou tudo, exclamando:

— Este eu manjo! Sossega, Leão de Portugal...



Eduardo VIII, 20 anos depois:

SE EU TIVESSE QUE ESCOLHER DEIXARIA O TRONO OUTRA VEZ

Reportagem de NORMA CARNEIRO



Poucos dias antes, ele era ainda Eduardo VIII, rei da Inglaterra. Mas agora — estamos em fins de 1936 — é simplesmente o duque de Windsor, um cidadão como outro qualquer, com residência fixa na França. Porém, ao seu lado, está Wallis Simpson, a mulher que conquistou seu coração.

HA vinte anos passados, o mais romântico drama da Corte da Inglaterra, chegava ao seu último ato. Quatrocentos milhões de súditos, espalhados pelo mundo inteiro, davam seu derradeiro adeus ao soberano Eduardo VIII, que decidira renunciar à coroa por uma mulher, Wallis Simpson. Foi no dia 10 de dezembro de 1936. Eduardo VIII, encerrado no Forte Belvedere, distante dez quilômetros do Castelo de Windsor, dirigia a grande batalha contra si mesmo. Wallis Simpson havia deixado a Inglaterra e se refugiado na casa de um amigo em Cannes. E as últimas palavras dirigidas a Eduardo foram de adeus: «O teu dever é continuar no trono e renunciar a mim». Mas ela própria sabia que isto era impossível. Eduardo viveu toda a sua crise, ao mesmo tempo como homem e como rei. Os dois sofreram imensamente, até que um dia encon-

traram uma solução: renunciar à Corte e abandonar, para sempre, a Corte e a terra dos seus avós, para iniciar uma nova vida com a mulher que amava.

Começava a escurecer naquela tarde de quinta-feira. E o Forte Belvedere, o repouso-lugar que Eduardo havia escolhido para passar o fim de semana, estava iluminado como para uma festa. Mas não havia festejos entre aqueles muros. Pelas escadas, subiam e desciam rapidamente homens e mulheres. Os telefones tocavam continuamente, renovando sem piedade o assalto ao pequeno estúdio em que se havia encerrado o rei da Inglaterra antes de ler a sua proclamação ao povo. Os mensageiros, seguindo a tradição do reino, iam e vinham de Londres para o Forte, montados em suas velozes motocicletas, que rasgavam o nevoeiro através da estrada

10 DE AGOSTO DE 1936, O ADEUS DE EDUARDO AO TRONO — A CRISE DO HOMEM E A SOLUÇÃO DO REI — A VIOLENTA CAMPANHA DIRIGIDA PELO MINISTRO BALWIN — WINSTON CHURCHILL, O ÚNICO AMIGO FIEL E COMPREENSIVO — ALTERNATIVA CRUEL: ESCOLHER ENTRE OS DIREITOS DO HOMEM E OS DEVERES DO SOBERANO — «NÃO POSSO FICAR LONGE DA MULHER A QUEM AMO»: FRASE QUE ENCERROU O DRAMA DE UM IMPÉRIO E DE UMA FAMÍLIA — AINDA HOJE EDUARDO NÃO SE CONSIDERA UM HOMEM LIVRE. —

brumosa. O primeiro ministro Baldwin recolhe, então, os frutos da violenta campanha que havia orquestrado contra a sra. Simpson, «a americana duas vezes divorciada».

O rei estava sozinho. Naquele momento crucial da sua vida apenas um amigo, Winston Churchill, procura compreendê-lo sem hipocrisia e sem egoísmo, insistindo para que ele não cedesse, porque devia ganhar tempo. — Não ceda — repetia Churchill. — Nenhuma complicação de ordem constitucional pode surgir entre a Coroa e o Governo antes que a sentença de divórcio da sra. Simpson seja homologada.

Churchill não queria que o seu rei tergiversasse, porque ainda alimentava esperanças de que a coalisão entre o primeiro ministro e o arcebispo de Canterbury recuasse da posição assumida com tão absoluta intransigência. Ou então, que o rei, diante da dolorosa



Aqui estão o duque e a duquesa de Windsor. Vinte anos já transcorreram desde a fuga do casal para os Estados Unidos. O duque, que era um jogador de cartas, agora se dedica a escrever livros. A duquesa, que era uma atriz, agora se dedica a escrever livros. O casal vive em uma casa em Newport, Rhode Island. O duque é conhecido por sua coleção de livros e sua paixão por jogos de cartas. A duquesa é conhecida por sua coleção de livros e sua paixão por jogos de cartas. O casal vive em uma casa em Newport, Rhode Island.

EDUARDO VIII

nado, bateu com o pé no microfone, a voz reapareceu mais firme: — «Não posso realizar os meus deveres de rei sem o auxílio e o conforto da mulher a quem amo».

APESAR DE TUDO NÃO É UM CIDADÃO LIVRE

«A mulher a quem amo». Esta frase tão simples, que encerrou o drama de todo um império, deu mil voltas ao mundo, e imediatamente depois, saía impressa nas edições extraordinárias dos jornais. Mas ao duque de Windsor, nada mais importava. À meia-noite em ponto, entre os toques de sirenes, a multidão de homens e soldados se juntam para a grandiosa manifestação ao ex-rei da Inglaterra. E ainda ao som de sirenes, o contra-torpedeiro «Fury» deixava a baía de Portsmouth.

— Vou reencontrar Wallis, o que significa reencontrar a vida.

Estas foram as primeiras palavras que o ex-rei pronunciou depois de abandonar o trono.

Agora, vinte anos são passados. E ninguém mais reconhece o duque e a duquesa de Windsor pelas ruas de Londres, se bem que o duque ainda ostente a figura elegante e ereta de outrora, e a duquesa, o seu fascínio e a personalidade que o tempo deixou intactos. Mas os protagonistas do drama de há vinte anos não estão esquecidos. As feridas estão cicatrizadas e os ressentimentos exauridos: o amor encontrou o seu equilíbrio nas páginas da história.

O enviado de um jornal inglês procurou entrevistar o duque. Relembrou logo de início aquele longínquo 10 de dezembro de 1936.

— «Asseguro-lhe — respondeu-lhe o ex-rei — que se, por magia, esses vinte anos fôssem anulados e se eu me encontrasse novamente na condição de escolher, faria exatamente o que fiz. A única diferença consistiria no fato de que agora eu poderia desposar a mulher do meu coração em 6 semanas, ao invés de seis meses, como impunha a lei de há 20 anos. Aquela decisão, devo reconhecer, obrigou-me a modificar radicalmente o meu gênero de existência, o que não foi uma coisa fácil. Mas por outro lado, foi naquela decisão que encontrei a felicidade e isso deve ser sempre grato ao meu destino. De uma coisa sobre todas as outras, senti falta durante aqueles dias: do Forte Belvedere, do meu querido Forte Belvedere. Eu dava tudo por aquela vivenda maravilhosa, onde pude reencontrar a paz e a tranquilidade, condições essenciais para a felicidade da vida. Mas Wallis substituiu tudo o mais. E a nossa casa de campo, perto de Versalhes, tornou-se o meu Forte Belvedere».

«Perguntam-me muitas vezes, se não sinto falta do fastígio e da pompa da Coroa; na realidade, nunca senti. A vida de um rei é constituída exclusivamente de cerimônias, que a partir de certo momento, tornam-se iguais e perdem a importância. Muita gente insinuou e ainda insinua, que o que eu queria era subtrair-me aos meus deveres de rei. Mas isto é absolutamente falso. Sempre procurei servir fielmente ao meu país, e foi por esse motivo, em virtude do meu alto senso de responsabilidade, que tomei aquela decisão. Renunciei à Coroa para tornar-me um simples cidadão. Entretanto, ainda hoje não posso considerar-me um cidadão livre».



O ex-rei da Inglaterra conta atualmente sessenta e dois anos. Leva uma vida muito esportiva e uma existência simples que, ao que parece, visa compensar as duras recordações da etiqueta da Corte. Mas, o tempo passou, e às vezes, o seu rosto não pode esconder os sinais da dor e cansaço.

alternativa entre os seus direitos de homem e os deveres de soberano, seguisse o caminho do sacrifício e renunciasse ao seu amor. Mas Eduardo VIII não pôde mais optar.

— Sem ela — declarou o rei com a voz cheia de emoção — não poderei desempenhar com plenitude o meu papel de rei da Inglaterra.

Nada mais havia a fazer. E, sozinho, ante a sua enorme responsabilidade, Eduardo VIII decidiu: abdicação. A declaração foi feita pelo próprio rei na presença dos seus dois irmãos e daquela que viria a ser a duquesa de Windsor. Churchill veio de Londres especialmente para fazer a leitura do ato. E falou com voz trêmula de emoção. Depois, levantou o olhar para o rosto do seu soberano, ainda incrédulo. Mas o rei balançou a cabeça: «Não, na realidade nada mais havia a fazer, não havia outra solução que a da abdicação». A cena foi terrivelmente simples e comovente. Churchill e o rei derramaram lágrimas, que brilharam em suas faces, enquanto se encravavam. Depois, Churchill abriu lentamente uma porta e entrou com o chapéu na mão esperando ainda o rei. «Ele nunca fez e nem quis fazer coisa alguma que não fôsse nobre» — murmurou Churchill, recitando um verso da Ode de Marvel sobre a morte de Carlos I; e este foi o seu derradeiro adeus.

Pouco depois, chegou ao escritório do rei, o seu irmão Bertie, aquele que viria a ser o rei George VI da Inglaterra.

— O sr. Baldwin — informou Eduardo — esteve aqui para passar a noite no forte, mas já voltou para Londres.

Na realidade, o primeiro ministro havia retornado à capital sem cumprimentar ninguém. Bertie ficou preocupado. O peso imenso que estava para recair sobre os seus ombros não o preocupava tanto quanto as pequenas coisas: uma delas residia no defeito de pronúncia que tinha, e a outra, era o nome que Eduardo VIII usaria depois de consumada a abdicação.

— Eduardo — pergunta êle — Já pensaste no nome que irás adotar?

— Não. Ainda não tive tempo de pensar nisto — responde Eduardo.

As horas avançavam. Eduardo estava prestes a deixar a fortaleza para sempre. Aguarda-o o dever mais pesado dos últimos momentos da sua vida de rei: o de ceiar com a família. O silêncio era sepulcral. A rainha Mary estava palidíssima e seus lábios tremiam. Os que presenciaram aquela dramática ceia dizem que durante todo o tempo houve prantos. Os irmãos do rei estavam embaraçados e nenhum deles ousava dizer uma palavra. Em torno do Castelo de Windsor, os técnicos da BBC terminavam os preparativos para transmitir a conclamação do rei ao seu povo. No Castelo encontrava-se presente o próprio diretor da BBC, sir John Reith, que anunciou com voz lenta e solene:

— «Daqui do Castelo de Windsor. Sua alteza real o príncipe Eduardo...» E o rei falou: mas, de repente, seus súditos ouviram uma fraca detonação e a voz cessar de falar. Milhões de corações suspeitaram de uma mesma coisa: atentado. Não. Fôra apenas um incidente. E depois dele, quando o rei, emocio-

FALANDO AO LEITOR

Pergunta do sr. Enio Gabizo: por que a «Revista da Semana» elogia a atriz Tônia Carrero num número e ataca no número seguinte? Resposta: há uma ligeira diferença (que provavelmente não terá ocorrido ao leitor) entre a opinião da revista e a opinião de seus entrevistados. Elogiamos realmente a sra. Tônia Carrero. Logo na semana seguinte publicamos uma entrevista em que o sr. Nelson Rodrigues faz restrições a sua atuação como atriz. O que o sr. queria que fizéssemos: que cortássemos a entrevista do sr. Nelson Rodrigues? Ou agir como agimos? A nossa opinião sobre Tônia Carrero continua a mesma, não se alterou nada pelo fato de publicarmos a entrevista do sr. Nelson Rodrigues.

Não temos o endereço de nenhum artista, nem trabalhamos nesse ramo. Que nos desculpem os leitores que escreveram pedindo endereços de Cauby Peixoto e Ângela Maria.

A colaboração de Hermano Nobre Alves não saiu no número passado. Hermano esteve em Natal, como professor do curso de jornalismo, dando aulas, juntamente com Carlos Lacerda, Rui Bloen (de S. Paulo), e Murilo Melo Filho.

Resposta ao sr. Gilberto Carneiro: o presidente Juscelino Kubitschek está realmente interessado em resolver a questão do cinema brasileiro. Mas é tão difícil a solução que achamos que vai ficar tudo como está.

O sr. Newton Alves de Souza Continentino Maiore, quer saber se o presidente da Itália virá ao Brasil. Parece. Quando esteve na Itália, em 1956, o sr. Juscelino convidou o presidente da Itália a visitar o Brasil. Recebido com entusiasmo o convite, ficou mais ou menos assentado que seria em 57 essa visita. Vejamos se se concretiza.

O «Viscount» do presidente já chegou, sr. Jorge. Não sabemos quando o presidente Juscelino vai estreá-lo. Mas que ele já deve estar impaciente, nem duvide. Pois nunca vimos ninguém gostar tanto de viajar de avião como o presidente Juscelino.

Ana Verônica, é a nossa repórter encarregada de entrevistar as personalidades estrangeiras que nos visitam. Tem feito entrevistas magníficas, como a última, com a embaixadora do Paquistão.

O sr. Norberto Bandeira diz que achou ótima a capa da senhora Ilde Garavaglia. Também gostou da entrevista da moça. Gratos.

Carlos Lemos embarcou para Alagoas. Na volta, contará aos leitores da «Revista da Semana» o que está acontecendo, realmente, na terra dos marechais.

JORNALISTA CORA LOPES

♦ O setor «Relações Públicas» vem se tornando dia a dia, um fator primordial na vida dos povos como inovação de comprovada utilidade dos tempos modernos. Os acontecimentos, quaisquer que eles sejam, têm necessidade desses «olhos extraordinários», que ampliam os horizontes e dão relação inédita ao que se faz, ao que se vê, ao que se realiza.

Numa dessas chamadas «horas felizes» foi escolhida na Central do Brasil para chefe da Divulgação do Departamento de Relações Públicas a jornalista Cora Lopes. O efeito dessa escolha não se fez esperar: nomeado o dr. Jair de Oliveira, em 1953, para dirigir os destinos da Estrada de Ferro Central do Brasil, com a visão arguta e lúcida inteligência que o encaminham sempre, para a adequada e justa solução houve por bem o novel diretor da Central ampliar as funções da jornalista Cora Lopes, dando-lhe a oportunidade de revelar até onde chegavam as suas forças... sem dúvida, muito ponderáveis, por serem femininas. Pois bem! Cora Lopes foi, simplesmente, uma revelação. A presteza com que a todos atende, a sua vivacidade, a sua maneira especial de contornar as dificuldades, o hábito muito seu de animar, de confraternizar os homens de imprensa, alheia às paixões e aos partidos, dela fizeram, por assim dizer, um caso único no Jornalismo e na Administração, em que as duas forças da Democracia se completam e triunfam em bem do progresso e da grandeza do Brasil. Com a perfeita noção das altas responsabilidades do cargo que vem desempenhando, Cora Lopes tornou-se na realidade uma peça importante e insubstituível da máquina administrativa da maior ferrovia nacional, sendo hoje considerada pelo dr. Jair de Oliveira — um dos mais capazes e operosos diretores que já possuiu a Central do Brasil — como colaboradora valiosa e indispensável de sua despretenhosa mas eficiente e fecunda administração. Por tudo isto, merece Cora Lopes, nossa sincera e respeitosa homenagem.



Funcionário municipal.

TUDO QUANTO VOCE FIZER HOJE

em benefício de sua família

merecerá, amanhã, a gratidão

de seus herdeiros.

Institua no Montepio um

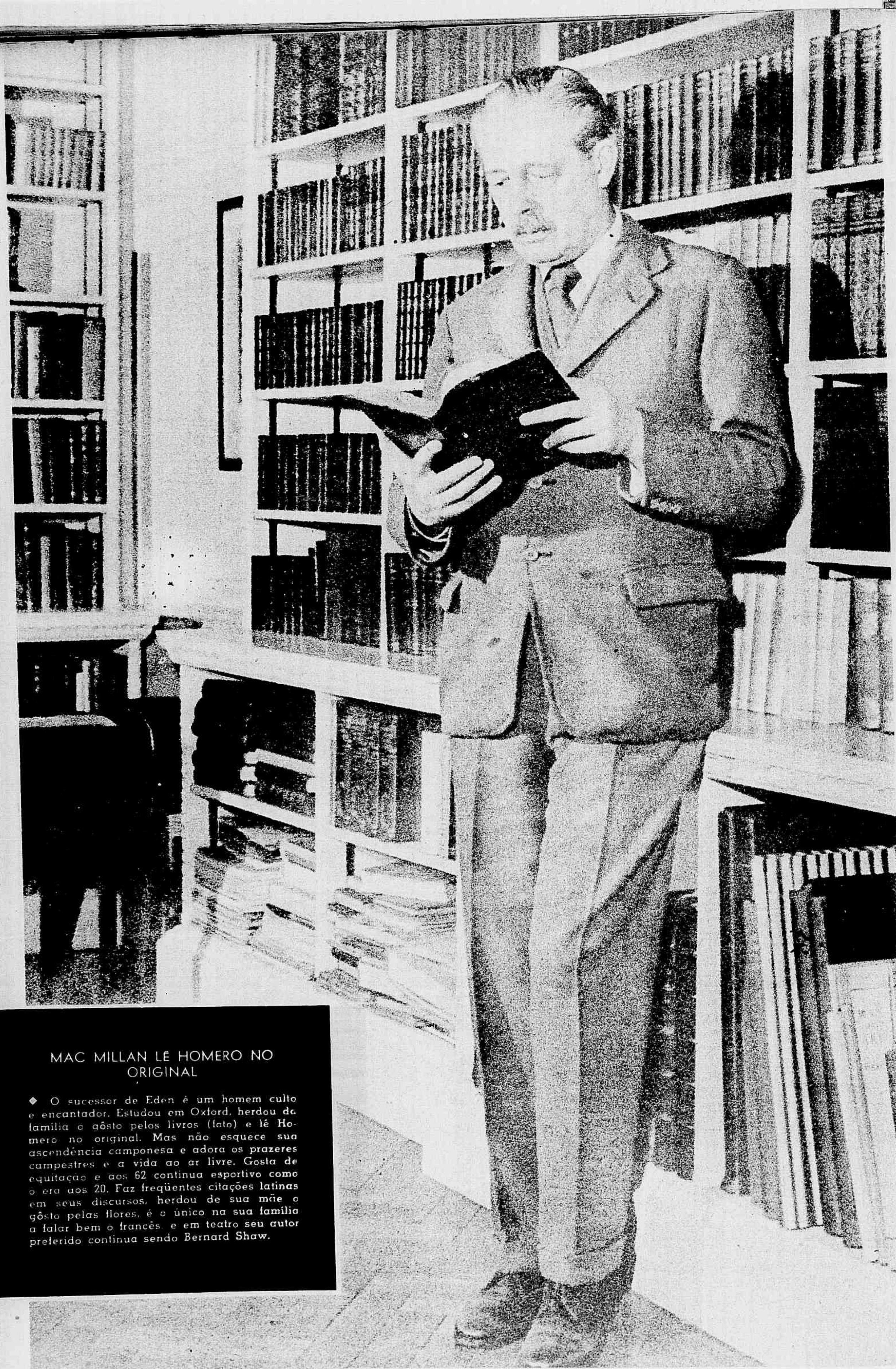
SEGURO PECÚLIO FACULTATIVO

e faça agora mesmo a

HABILITAÇÃO PRÉVIA

Montepio dos Empregados Municipais

Av. Presidente Vargas, 1248



MAC MILLAN LÊ HOMERO NO ORIGINAL

◆ O sucessor de Eden é um homem culto e encantador. Estudou em Oxford, herdou da família o gosto pelos livros (foto) e lê Homero no original. Mas não esquece sua ascendência camponesa e adora os prazeres campestres e a vida ao ar livre. Gosta de equitação e aos 62 continua esportivo como o era aos 20. Faz freqüentes citações latinas em seus discursos, herdou de sua mãe o gosto pelas flores, é o único na sua família a falar bem o francês, e em teatro seu autor preferido continua sendo Bernard Shaw.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



EKBERG EM «GUERRA E PAZ»

♦ A bela Anita Ekberg dá um último retoque na pintura antes de entrar no estúdio. A sua participação em «Guerra e Paz», lhe deu uma excelente posição em Hollywood. Ela hoje é uma das atrizes mais cotadas na bolsa de valores do cinema. Seu último filme está fazendo extraordinário sucesso em Londres.



SOFIA LOREN ABANDONA O CICLISMO

♦ No intervalo do filme «Legend of the Lost», que está sendo «rodado» na África, Sofia Loren resolve andar de bicicleta. Mas suas veleidades ciclisticas são destruídas por um tombo rápido, que levou-lhe um dente e as esperanças de um título mundial nesse esporte.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

A BELA E A FERA

♦ Miss América de 1956, Sharon Ritchie, depois de subir ao trono da beleza, deixa-se fotografar ao lado de Mr. Nixon, que pouco tempo antes também ganhara uma disputa e um título. A disputa: vice-presidência dos EE.UU. O título: o político mais reacionário dos Estados Unidos.



KIM NOVAK EM ESTILO 1920

♦ A bela Kim Novak aparece na foto numa roupa de banho muito usada aí por volta de 1920. Provavelmente, essa roupa terá sido descoberta num baú velho que a bela Kim remexeu nas férias que Hollywood lhe concedeu. Ou essa roupa será usada num dos seus próximos filmes?





A MAIS ELEGANTE DO MUNDO

◆ Esta é a senhora Paley, várias vezes considerada a mulher mais elegante do mundo. No ano de 1955 a senhora Paley empatou o primeiro lugar com Grace Kelly. Mas em 1956 ficou sozinha na cabeça da lista, enquanto Grace Kelly passou para o 3º lugar. A senhora Paley é casada com um dos magnatas do rádio e da TV nos EE.UU.



VILORESSI SAI DO HOSPITAL E ABANDONA O AUTOMOBILISMO

◆ O popular campeão automobilístico Villoresi, vítima de um grande acidente na sua última corrida, deixou o hospital. Ficou quase 4 meses hospitalizado e ficará outro tanto numa vila de repouso. Declarou que vai abandonar definitivamente as corridas de automóveis. Mas saiu do hospital dirigindo (êle mesmo), o seu poderoso automóvel de turismo.





“GLAMOUR-GIRL”

ANALISA (e condena)

A NOVA GERAÇÃO

Rosinha Serzedelo Machado vai ao Sacha's de noite, à praia de manhã e dá aulas de tarde.

ROSINHA SERZEDELO MACHADO, CONTA SUA HISTÓRIA E DÁ SUAS OPINIÕES — A NOVA GERAÇÃO NÃO TEM EDUCAÇÃO, RESPEITO OU FINURA — ESTÁ ENSINANDO NA PRAIA VERMELHA — AS MAIS ELEGANTES E SUAS PREFERÊNCIAS — E' PINTORA E FLAMENGO — «CARNAVAL E' IMORALIDADE».

Reportagem de CARLOS LEMOS

Fotografias de YLLEN KERR

— Qual é a sua opinião sobre a nova geração?
Rosinha Serzedelo Machado, «Glamour Girl» de 1955, faz maiores os seus olhos — e ela já os tem enormes e lindos — e dá ao rosto uma expressão de quem está pensando: «Isso é uma pergunta perigosa!»

E retrucou:

— Qual delas você quer saber?

— Das duas, da propriamente dita, e das «teen-agers» da sociedade.
Rosinha respondeu:

— Sem respeito, sem educação, sem finura, com pouco conteúdo. Uma geração sem freios, que não faz nada de sério, só pensando em fumar, dançar, ir a «boites». Até as moças de berço estão nesse caso. São poucas as exceções.

Pára, pensa um pouco e continua:

— Tenho medo de parecer «demodée», mas a minha geração não foi assim. Era esclarecida e tinha conteúdo. Não digo que fôsse toda, mas, a maioria, divertia-se com os prazeres normais da idade, sem escândalos e sem frequentar determinados lugares.

Rosinha é professora pública municipal, lecionando, atualmente, na Escola Minas Gerais, na Praia Vermelha. Antes, ensinou em Campo Grande, quatro meses, e na Ilha do Governador, três anos. Dá aulas a toda espécie de crianças, das modestas às mais favorecidas. Diz:

— Levo a sério o ensino e sinto de perto o problema. É uma geração sem anseios ou destino. Vejo meninos e meninas de 14 ou 15 anos fumando, bebendo, indo a «boites». No meu tempo, às 22 horas eu estava dormindo.

Comenta que podia revoltar-se contra a disciplina imposta pelos pais, mas, obedecia e, agora, vê que eles estavam certos, pois lhe mostraram o bem e o mal da vida.

— O que eles me ensinaram foi a capacidade de medir valores exatos, de saber me defender.

E cita um exemplo:

— Outro dia, fui ao cinema à tarde, coisa que não fazia há muito tempo. Encontrei grande número de menininhas, crianças ainda, namorando, fazendo algazarra, numa gritaria tremenda. Fiquei impressionada.

Quando fala é categórica:

— É preciso haver uma revolução muito grande em matéria de educação. Se ela não vier, não sei como vai ser. É bem capaz de aparecer uma Françoise Sagan brasileira, para botar em livros toda a angústia de uma mocidade.

PODE DIZER, «AINDA»

Rosinha nasceu nas Laranjeiras, num dia 12 de setembro. Se lhe perguntou o ano, responde:

— Eu ainda posso dizer, mas se você não insistir, não digo, para não registrar nos anais.

Diz com bom humor e não insiste.

Foi morar em Copacabana. Agora, está, outra vez, nas Laranjeiras. Estudou no Instituto de Educação, formando-se em professora. Acha ótimo ensinar. Seu maior problema, na classe, é manter a disciplina.

É solteira, pretente casar tarde, «pois a experiência dos outros já mostrou que isso é melhor. Quem se casa cedo, não se diverte, não conhece a vida. O homem, principalmente, «não deve casar antes dos 30».

Diz que quer casar, mas, antes, ainda vai fazer muita coisa, como, por exemplo, estudar línguas neo-latinas, na Faculdade de Filosofia, para onde fará vestibular esse ano.

— Já tem alguém na mira?

— Não. Ninguém. Não estou, ao menos, namorando.



MOÇA INTELIGENTE. ROSINHA SENTE OS PERIGOS QUE AMEAÇAM A NOVA GERAÇÃO. ABRE OS OLHOS E DÁ CONSELHOS.



Adorar crianças e se preocupar com
seus problemas é uma qualidade de
Rosinha, a moça bonita, que fala sério.

"GLAMOUR-GIRL"



ROSINHA, HELOÍSA DOLABELA E ILDE GARAVAGLIA. ENFRENTAM O MAR, NA PRAIA DE JOATINGA.

Informa que não tem um tipo de homem ideal, mas que se tivesse, ele deveria ser inteligente, culto, religioso, com sensibilidade e princípios morais. O físico não importa, como não importa a riqueza. O importante é que seja do mesmo nível e da mesma educação que ela.

— Se fôsse homem, como desejaria ser?

— Como o meu tipo.

Pergunto a que deve o seu sucesso e responde com uma pergunta:

— E eu tenho sucesso?

Confirmo e insisto. Responde que talvez a amizade que dedica a todos.

AS MAIS ELEGANTES

A pergunta de quem seria o melhor colunista, reponde que gosta de todos. Quanto às mulheres mais elegantes da sociedade, na sua opinião, são: Tereza Souza Campos, Lourdes Catão e Ivone Lopes, dentre muitas. O homem mais elegante é Walter Prietman.

— Se faltassem 24 horas para o Mundo acabar, que faria?

— Não dava para fazer metade do que ainda quero fazer. Quero viver,

viajar, conhecer. Se não fizer isso tudo, vou morrer triste.

Rosinha nunca saiu do Brasil e suas maiores amigas são duas irmãs. Seu maior problema é conseguir tempo para fazer, num só dia, tudo o que tem que fazer. Tem horror a tudo que é «última moda e acha exagerado todo o novo lançamento».

— Até o «Rock 'n Roll»?

— Rock 'n Roll é mais alarde e publicidade do que qualquer outra coisa. Outros ritmos surgiram, em todos os tempos, e nada disso aconteceu.

— Como você se julga?

— Meu tipo os outros que julguem. Olhem as aparências e julguem. Podem errar, porque eu, talvez, não seja como a maioria acha que sou.

ROSINHA É FLAMENGO E PINTORA

Rosinha não gosta muito de esportes. O único que pratica, com algum sucesso, é o esqui aquático. No futebol torce pelo Flamengo, mas pouco vai aos jogos. Há pouco, foi ver os húngaros do Honved e gostou.

—Como você se diverte?

— Vou à praia, ando de lancha, esquivo, vou ao cinema, ao Country e ao Sacha's. Coleciono cinzeiros e as porcelanas que pinto.

Seu dia é ocupado, quase todo, com o trabalho. Dá aula de 12 às 17 horas. A noite sai ou lê, sem preferência de livros ou autores. «Leio todos os livros que me dão vontade».

Não tem predileção por filmes ou artistas de cinema, gosta de todos que são bons. Também não tem músicas prediletas. Já estudou piano, mas deixou por falta de tempo.

As coisas de que mais gosta são pintar e dar aulas. A que menos gosta é fazer qualquer coisa que seja contra vontade, que a prenda e a obrigue.

— Se você tivesse uma filha, como queria que fôsse?

— Se fôsse como eu, garanto que não seria infeliz.

DELINQUÊNCIA E DIVÓRCIO

— Já fui radicalmente contra o divórcio. Agora, tenho minhas dúvidas se não seria uma solução para muitos casos. Existem casos em que serviria como solução acertada. Os filhos são, sempre, os mais afetados.

— Em alguns casos, mesmo para as crianças, o melhor seria a separação do que ficarem assistindo as brigas constantes entre os pais. Se

fôsse possível manter uma linha aparente perante os outros e os filhos, talvez fôsse melhor do que separar.

— Por adorar crianças, acho que elas mereciam não sofrer com o egoísmo dos pais. Veja o caso dos Estados Unidos, onde existe maior índice de delinquência juvenil. Isso se deve, em parte, a não assistência dos pais, sempre às voltas com separações e divórcios.

CARNAVAL É IMORALIDADE

Sobre Carnaval, diz que não gosta e que, às vezes, vai só para olhar. E lança a condenação:

— Não há carnaval para as moças, hoje em dia. Todos só pensam em imoralidades e bebedeiras. Além disso, papai e mamãe jamais gostaram muito de carnaval e eu os acompanhei. Só brinquei até os 18 anos. Depois, só vou como curiosa.

PREDILEÇÕES

As cores prediletas de Rosinha são o vermelho e o azulão. A comida que mais gosta é carne, de qualquer maneira, com exceção de galinha. Seu perfume é «Jolie Madame», de Miss Dior.



O problema de Rosinha é descobrir tempo para fazer tudo o que deseja num dia só



ANTOS

200

VIAGENS POR DIA

Onibus diretos para SÃO VICENTE e PONTA DA PRAIA

das 4,30
às 24,00 hrs.
cada 8 minutos

AGÊNCIAS

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone: 34-1395
Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones: 32-8733 e 34-5393
Rua Senador Queirós, 85 - Fones: 34-2399 e 36-6402
Rua Tabatinguera, 37 - Fone 33-3326

SANTOS

Pça. Barão de Rio Branco, 62 - Fone 1314 (S. Vicente)
Av. Presidente Wilson, 186 - Fone 4-4090 (José Menino)
Pça. Independência, 11 - Fone 4-3426 (Gonzaga)
Pça. Mauá, 11 - Fones 2-2299 e 2-8777 (Cidade)
Av. Conselheiro Nebias, 841 - Fone 4-5788 (Boqueirão)



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Lda.

AZASO - EB-2

SEM COMPROMISSO

Por LUIZ SODRÉ



Curzio Malaparte escreveu o prefácio para as memórias do príncipe Francesco Ruspoli, que serão publicadas brevemente.

Marlon Brando foi considerado cidadão honorário de Tóquio, honra concedida até agora a muito pouca gente.

O príncipe Tomislavo, da Iugoslávia (foto à esquerda), anunciou seu noivado com a princesa Margarida de Baden. Pretendem casar ainda este ano.

O capitão Beaudan, comandante do Ile de France (que socorreu o Andréa Doria), foi considerado o homem mais corajoso do mundo em 1956.

Sarah Churchill (filha do famoso estadista) regressou a Londres depois de uma longa ausência. Vai escrever um livro sobre o pai. Título: Winston Churchill secreto.

Frank Sinatra vai a Itália interpretar um filme, produzido pelo sistema de coprodução.

Dentro em pouco veremos no Brasil, «A Batalha do Rio da Prata», filme épico que narra o afundamento do couraçado alemão «Admiral Graf Spee».

«Mulheres Fugitivas», que no Brasil mal agüentou duas semanas, ficou em cartaz, na Austrália, durante 15 semanas consecutivas.

Os automobilistas de Londres estão indignados. O diretor do tráfego de lá resolveu cobrar uma taxa pesada para estacionamento. Explicação: reduzir o número de carros estacionados de 40 para 20 mil.

Cristian Pineau, ministro do Exterior da França, na sua recente viagem a Itália escreveu mais um capítulo de um livro de contos para crianças. Título do livro: «O carneirinho misterioso».

Artur Dupont casou pela décima-sexta vez. Todos os seus casamentos e todos os seus divórcios foram efetuados no Reno. Dupont tem atualmente 54 anos e sua última mulher, Loucille Young, 21.

Minou Drouet foi recebida pelo Papa (foto à direita). Conversaram durante 15 minutos.



(Cont. na pág. 42)

PARTICIPE DA CONSTRUÇÃO DO METRÔ CARIOCA

**ADQUIRA AÇÕES
DA COMPANHIA
DO METROPOLITANO
DO RIO DE JANEIRO**

Carioca! Cerremos fileiras em torno desta grandiosa obra. O Metrô Carioca é auto-financeável e com suas próprias rendas pagará a sua construção. A sua ajuda é indispensável para a execução mais rápida deste notável empreendimento. O Metrô não é obra municipal. Será construído pelo público, que receberá os lucros de sua exploração. Os editais de concorrência para a construção serão publicados no Brasil e no estrangeiro. Chegou o momento de sua ação! Aplique bem o seu dinheiro, adquirindo ações da COMPANHIA DO METROPOLITANO DO RIO DE JANEIRO, de valorização garantida e de alto rendimento.

A VENDA NOS SEGUINTE LOCAIS:

BANCO DA PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL S. A.

IMPAR — COMPANHIA LANÇADORA DE AÇÕES

Rua São José, 90 — 4.º andar — Tel. 22-9978

COMPANHIA DO METROPOLITANO DO RIO DE JANEIRO

Avenida Nilo Peçanha, 12 • Loja • Telefone 22-0971

Inaugurada a Estrada Grajaú - Jacarepaguá

**PRESENTES AO ATO INAUGURAL O SR. NEGRÃO DE LIMA, PREFEITO
DO DISTRITO FEDERAL E OUTRAS AUTORIDADES, MUNICIPAIS**

◆ O embaixador Negrão de Lima, prefeito do Distrito Federal, inaugurou recentemente a importante rodovia que liga o bairro de Grajaú ao subúrbio de Jacarepaguá, com uma extensão de 11 quilômetros, pavimentada, do tipo de penetração asfáltica na vertente de Jacarepaguá e com coberturas de concreto nos 5 quilômetros da vertente de Grajaú. Apesar das dificuldades topográficas da região, por onde se estende a novel rodovia, pode esta ser considerada num primeiro plano, no que se refere à abertura de estradas sobre montanhas, desde que num esforço de engenharia foram totalmente abolidas as curvas de pequeno raio, bem como as rampas acentuadas.

As vantagens que dessa construção cuidada resultarão são inúmeras, pois a rodovia é de tráfego intenso e para todos os tipos de veículos, notadamente os pesados. Tendo sido suprimidos todos os impedimentos e paradas, isto veio permitir a redução de 50% do tempo antes gasto na cobertura desse percurso. Dada às suas características técnicas, modernas, a nova estrada concorre para o escoamento rápido e eficiente de toda a produção agrícola da zona rural para o Distrito Federal, o que representa sem dúvida alguma um dos grandes benefícios já prestados ao povo carioca.

COMO SE PROCEDEU A INAUGURAÇÃO DA RODOVIA

Em prosseguimento ao corte da fita simbólica, dando como inaugurado o melhoramento, vários oradores fizeram-se ouvir, dentre os quais os srs Adolfo Aguiar, diretor do Departamento de Estradas de Rodagem da Prefeitura, o ex-deputado Breno da Silveira e Alvaro Dias, ministro do Tribunal de Contas da Municipalidade, e, ainda, os vereadores Couto de Souza e João de Freitas, todos ressaltando a importância e a significação econômica da referida obra. Fizeram ver, também, os oradores, que a inauguração do melhoramento era parte das festividades programadas para as comemorações relativas ao primeiro aniversário do governo do presidente Juscelino Kubitschek. O ato inaugural contou ainda com a presença do general Aristóteles de Sousa Dantas, presidente da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos e antigo morador de Jacarepaguá.

Falando na ocasião, o sr. Negrão de Lima, que também representou o presidente da República, teceu numerosas considerações em torno da administração municipal, e disse do seu esforço em procurar atender, na

medida do possível, às reivindicações dos moradores de Jacarepaguá, as quais, formuladas pelos seus representantes no Legislativo Municipal, consistem na construção de uma nova escola primária e de um abrigo no ponto terminal dos ônibus e lotações na Freguesia. Merece ser aqui ressaltado, também o nome do dr. Adolfo Aguiar, digno diretor do Departamento de Estradas de Rodagem que, com o apoio do prefeito Negrão de Lima, consoante já deixamos claro acima, realizou num espaço de tempo realmente curto, uma obra de grande envergadura e de inestimável valor para a nossa economia e para o povo.



Um flagrante da inauguração da moderna estrada Grajaú-Jacarepaguá, vendo-se o dinâmico diretor Adolfo Aguiar pronunciando seu discurso ao lado do prefeito embaixador Negrão de Lima.



SÍLVIO PACHECO VEEMENTE:

PACIFICAÇÃO POR QUE?

A CBD NÃO BRIGOU COM NINGUÉM!

COM A TEMPORADA DO HONVED O FLAMENGO PROCUROU EXPLORAR A OPINIÃO PÚBLICA — OS «DES-
GRAÇADOS JOGADORES HÚNGAROS» ESTAVAM HOSPEDADOS NO HOTEL GLÓRIA E RECEBIAM (POR JOGO)
ATÉ 33 MIL CRUZEIROS — O FLAMENGO ATÉ HOJE ARGUMENTA COM UM CONTRATO QUE NINGUÉM
VIU — O CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS TINHA PODERES PARA AUTORIZAR (OFICIALMENTE) OS JO-
GOS DO HONVED. POR QUE NÃO O FEZ? — A CBD ESTÁ DISPOSTA A PERDOAR OS QUE SE ARREPENDEREM.

Reportagem de LUIZ AMARAL

A temporada do Honved pelo nosso país foi a temporada da explo-
ração da opinião pública brasileira, do abuso do sentimentalismo
do nosso povo, da força popular do Flamengo — declara à RE-
VISTA DA SEMANA, Sílvio Corrêa Pacheco, presidente (hoje li-
cenciado) da Confederação Brasileira de Desportos.

Semanas após a passagem dos húngaros pelo Brasil, o dirigente má-
ximo revela episódios inéditos, verificados durante a estada da delega-
ção de Emil Oesterreicher nesta capital:

— O Flamengo fez com que o povo se compadecesse da miséria dos
húngaros. Seus dirigentes tocaram fundo nos corações de milhares de
brasileiros. Mas, em verdade, nada realizaram pelos que necessitavam e
continuam necessitando de esmolas, de atenções, de pão para comer. Da
parte do Flamengo, ou do Honved, não vi nenhum gesto a favor da fa-
minta população húngara. Quanto deram os dirigentes do Flamengo ou
do Honved para os refugiados húngaros? Quanto deram para a Cruz Ver-
melha Internacional? Quanto deram para as entidades internacionais de
auxílio aos refugiados? Nada. Absolutamente nada. Os «desgraçados»
dos húngaros, enquanto seus irmãos morriam de verdade ante a metra-
lha comunista, se refestelavam, comodamente, nas poltronas do Hotel
Glória (primeira delegação de foot-ball que se hospeda no Hotel Glória).
Não deixavam sua piscina, e embolsavam milhões. Divididos em três ca-
tegorias, conforme as condições técnicas, os «players» húngaros eram
pagos em ouro. Os da primeira categoria, como Ferenc Puskas, ganha-
vam, por jogo, 33 mil cruzeiros!

◆ **DESONESTIDADE** — Tranquilo, diante das manifestações de solida-
riedade recebida da parte de grande número de dirigentes esportivos de
clubes e entidades, prossegue o sucessor de Rivadávia Corrêa Meyer, na
entidade máxima do desporto nacional:

— Quero tornar claro que a CBD não ficou de braços cruzados, no
«affaire» Flamengo x Fifa. Pretendemos interferir no assunto, procurando
saber se havia ou não proibição por parte da federação húngara. Fadel
Fadel recusou. Recebida a comunicação oficial, a 9 de janeiro (datada
do dia 4) passamos um telegrama tentando resolver o problema. Acusam-
nos, hoje, de termos redigido mal esse telegrama. Verdadeira desonesti-
dade. José Alves de Moraes, Fadel Fadel, Jorge Fernandes (pelo Flamen-

go) e Antônio Calçada (pelo Vasco da Gama) estavam presentes e par-
ticiparam da redação do telegrama, aprovando, integralmente, o que ele
continha. Mas, pergunto eu, alteraria a questão um texto mais enérgico?
Será que eles nos iriam temer? Ante a resposta negativa da FIFA, o
Flamengo descambou para a indisciplina. A CBD não poderia encampar
essa atitude. De forma alguma. Teria de condenar o gesto. E se tivesse
força para punir, puniria tanto o Flamengo como o Botafogo, este princi-
palmente, porque se o Flamengo argumentava com um contrato assinado
(que até hoje não cheguei a ver), o Botafogo não tinha nada a ver com
a história, e nem poderia apresentar a justificativa de um contrato.

◆ **AMEAÇA DE APEDREJAMENTO** — Em nenhum momento — diz adian-
te Sílvio Pacheco — tive dúvida em manter a proibição da FIFA. Fui
xingado. Insultado. Ameaçaram apedrejar a sede da CBD. Os telefone-
mas desalvorados não paravam. Não desanimei. Sem que eu os procuras-
se, os dirigentes dos demais clubes me hipotecaram solidariedade. Colo-
caram-se, naturalmente, ao lado do Direito e da Justiça. Não poderia au-
torizar os jogos e se dispusesse de meios coercitivos, não deixaria que
eles fossem realizados. Mas, o curioso é que o Conselho Nacional de
Desportos poderia autorizá-los, baseado na Deliberação 81 — item 6,
que diz: «Os atos de autorização do CND subordinar-se-ão às relações
que interessarem à ordem social e política do país, em suas relações in-
ternacionais». Por que motivo não autorizou, até hoje não sei.

◆ **VOLTEM A RAZÃO E APAREÇAM** — E finalizando:

— Agora, ouço falar em movimento de pacificação geral do esporte.
Pacificação por que? Nós não brigamos com ninguém! Nada de sentar na
mesma mesa. Posso aceitar, isto sim, um movimento de arrependimento
daqueles que erraram, e erraram muito, abalando um edifício que não
eles, apenas, construíram. Que voltem à razão e procurem a CBD, porque
ela perdoará.

Numa entrevista exclusiva, Sílvio Pacheco desmente os líderes do
Flamengo. Colocando a questão nos seus devidos termos, o presi-
dente da CBD destrói a demagogia que o Flamengo arquitetou
quando empresou os jogos do Honved.

e
?
o
r
e
i-
o
m

n-
ui
e-
s-
o-
u-
e
de
6,
es
n-

te.
na
nto
ão
ue



Amarguras de "REI MOMO"



QUEM É SUA MAJESTADE, O REI DO CARNAVAL? SUA PROFISSÃO, ESTADO CIVIL, ORDENADO — NASCEU NUM DOMINGO DE CARNAVAL E É NOBRE ATÉ NO NOME — PACATO CIDADÃO QUE TEM NA DA MENOS DE QUATRO EMPREGOS PARA MANTER SUA FAMÍLIA — VALE A PENA SER «REI MOMO»? — SETE ANOS DE REINADO — O CARNAVAL DE ONTEM E O DE HOJE.

Texto de SILVIA DONATO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

HA uma curiosidade natural em torno da personalidade do «Rei Momo». Seu nome, estado civil, quanto ganha, sua profissão, suas manias, etc. Nossa reportagem procurou-o em um dos seus quatro empregos, a agência de Publicidade «Promotion», de onde é um dos diretores.

Seu nome verdadeiro é Nelson Nobre, casado com dona Neli há treze anos. Tem dois filhos, de 12 e 10 anos. Sendo que o mais velho nasceu numa data igual a sua, 10 de fevereiro. Nelson Nobre tem 39 anos, pesa, aproximadamente, 110 quilos. Sua classe de folião já vem marcada desde o berço, pois nasceu em um domingo de carnaval. Filho de artistas, criado muito à vontade, em Campos, nunca perdeu um baile ou festa. Durante muitos anos, no Flamengo, ganhou o concurso de fantasia original. Isso tudo antes de casar. Depois que o amor entrou em sua vida e os filhos foram nascendo, Nelson Nobre foi deixando para trás as farras e folias. Isso até o ano de 1951, quando, convidado por César de Alencar, Alarico Lisboa e Pilar Drumond, fez um pequeno teste para disputar o título de «Rei Momo». Nesse mesmo ano começou a odisséia do homem que é, ao mesmo tempo, diretor de uma agência de publicidade, diretor de uma firma de representações, trabalha há 19 anos no Instituto Benjamin Constant, no almoxarifado. Escreve um programa sério para a Rádio Ministério da Educação, que vai ao ar toda sexta-feira às 18 horas, com o título de «Vidas Ilustres», e ainda escreve uma coluna para o jornal «Última Hora», «A Fala de Um Nobre», toda terça, quinta e sábado.

◆ AMARGURAS DO REI MOMO

— Nos tempos que correm, começou Nelson Nobre, não é nada sopa ser «Rei Momo». Quando comecei, tudo era mais fácil. Os bailes eram poucos, carnaval era na rua. Agora a coisa está mudada. De dezembro a começo de março, não tenho sossego. Faço uma média de 300 a 350 bailes, sem contar desfiles, batalhas de confete, viagens fora da cidade e banho de mar à fantasia. Isso tudo metido em uma roupa que pesa uns 15 quilos, toda de lamê e acolchoada, sem falar na cabeleira que chega a ferir meu couro cabeludo de tão apertada na cabeça, para não cair. Transpiro feito um louco. A coisa é de amargar. Juro mesmo, se agüentei estes anos todos é porque sou mesmo um grande folião, mas estou cansado, muito cansado. Tenho até planos de parar este ano. Ainda não é uma decisão definitiva mas é quase certo. Alguns pensam que a parte financeira é que me prende ao título. Estão enganados. Ganho uma média de 30 a 60 mil cruzeiros por esses dois meses e meio de trabalho duro. Até uma verba que a Prefeitura, por seu Departamento de Turismo me destinava, foi cortada pelo novo diretor. Garanto mesmo que poucas pessoas sabem que o «Rei Momo» é criação e propriedade de um jornal («A Noite»), que põe e dispõe sobre as festas a que devo comparecer. Aqui queremos interromper para uma sugestão a quem de

direito. «Rei Momo» é quase que o símbolo do Carnaval. A Prefeitura deveria tratar de acertar a situação dos reis e rainhas. O mais justo, no caso, seria entregar à Associação dos Cronistas Carnavalescos o controle das atividades do «Rei Momo». Um jornal, por mais bem intencionado que esteja, pode não acertar uma promoção com os patrocinadores por exemplo, do Baile das Atrizes, e não permitir na ida do rei. Quem poderá reclamar? Ninguém. Caso a Prefeitura tenha interesse em monopolizar mais esse «reinado» é bom que use o critério do merecimento, sendo teremos um «laquir» qualquer, porém afilhado de político influente, fazendo às vezes de «Rei Momo».

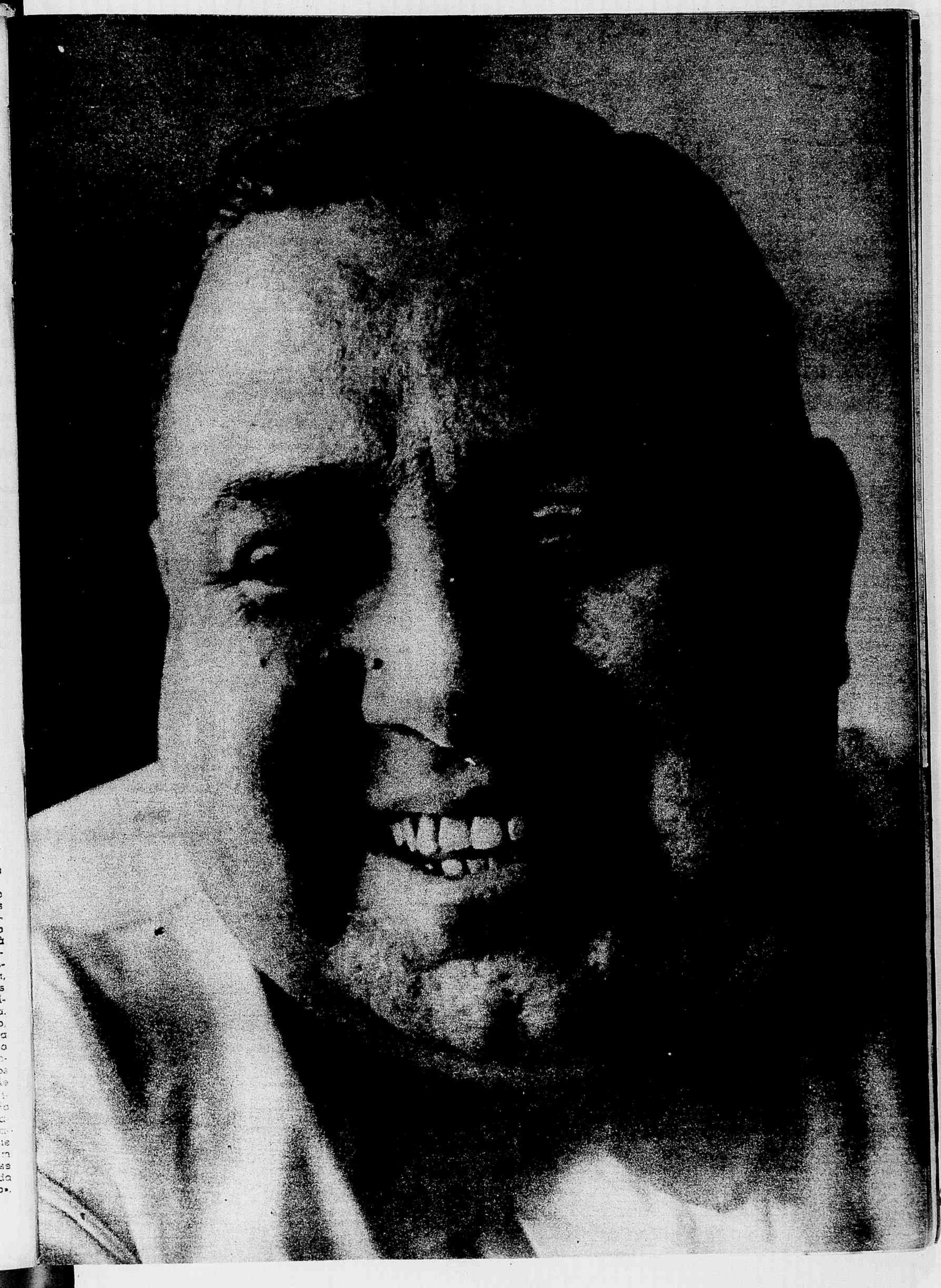
◆ FALANDO DE CARNAVAL DO PASSADO E DE AGORA

As amarguras de Nelson Nobre, o rei, não param aqui. Imaginem que há já sete anos não passa o Ano Novo com a família nem sua data natalícia. Não vai a uma praia há seis anos e passa até 18 meses sem frequentar um cinema ou teatro.

Nos bailes, batalhas, desfiles e banhos de mar, foliões mais exaltados querem beijar e abraçar o rei. Mas ele é casado, adora a esposa.

Foi a própria dona Neli quem acertou as coisas. Para ela, o período de Carnaval, é arte. Encara tudo que possa acontecer, inclusive aquelas fotografias atrevidíssimas que são publicadas a todo instante, como resultado da função artística de seu marido. Mesmo porque, o resto do ano Nelson Nobre leva uma vida exclusivamente dedicada ao trabalho e à família. Inclusive, não bebe uma gota de álcool. Mas no Carnaval... Perguntamos a Nelson Nobre a diferença existente entre os carnavais passados e os de agora: «Muita licenciosidade é o que a gente vê agora, principalmente na Av. Rio Branco. Deve ser por isso que o carnaval dos bairros, de ano para ano, vai ficando cada vez melhor. Os pais de família têm medo de jogar suas filhas e esposa no meio da turba embriagada. Depois vem o problema de condução. Para vir até a cidade, ainda cedo, é relativamente fácil. Mas para voltar, é duro. Há pouca condução e muita «apertação». Nos clubes sociais e esportivos, digo, os de bairro, a coisa é muito animada dentro das regras de decência. Já nos clubes maiores... Outro fato gozado é o Baile do Municipal. O «bom», que poucos compareçam a rigor. Homens escaracrados e mulheres em vestido de noite. No começo tudo vai bem. No fim do baile a coisa não é tão original. Todos já sabem o sucesso e muitas vezes só com a fantasia única do pelo ouro. Por que não escolher a fantasia chique ou o espartilho? Fica-liza Nelson Nobre, o «Rei Momo» de sete anos. O Carnaval está ficando parecendo das ruas, está empobrecendo. Não há desfile de fantasia que dê jeito. A questão é muito mais profunda. Sua história tem raízes em questões sociais. Longe vai o tempo que um rapaz podia apresentar-se com uma rica fantasia fazendo figura no seu clube de bairro. A vida anda dura, as criaturas andam amargas. E não há dúvida que têm razão».

o
a
p
i
t
s
i
a
o
a
o
o
o
e
i
o
o
o
e
n
e
e
da
o.



NOVO CHEFE DO SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO DO SESI



◆ O nosso colega da imprensa mineira Marcelo Coimbra Tavares, acaba de se transferir de Belo Horizonte para a Cidade Maravilhosa. O veterano jornalista, que era redator-secretário do importante jornal montanhês «Diário de Minas», veio chefiar os serviços de divulgação do SESI nacional, que certamente muito terão a lucrar com a sua reconhecida capacidade, experiência e largo tirocínio jornalístico. Uma grande aquisição do sr. Lúcio Lunardi para a benemérita organização assistencial da indústria. ★★★

'Mil' lhe oferece:



ALMOFADAS
ASSENTOS VENTILADOS
Cadeiras PARA CRIANÇAS
PALHINHA - COURO - PLÁSTICO

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1076 - 22.6144

RIO DE JANEIRO

Só na
Mil



COMO APRENDER A DANÇAR

8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com os últimos passos de cha-cha-cha, Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando ao homem e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do Curso de Danças Rítmicas. Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 100,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

SEM COMPROMISSO

(Cont. da página 36)

Isaac Steinberg, um dos maiores amigos de Lenine e seu excelente colaborador, morreu esta semana em Nova York.

Bess Truman, mulher do ex-presidente, quebrou uma clavícula numa queda em sua fazenda.

Marisa Pavan (foto à direita), espera um filho para agosto. Dentro em pouco, em companhia de seu marido, embarcará para a França, onde ficará em completo repouso.



Maurice Chevalier em 3 meses de trabalho na França (excursão), ganhou 75 milhões de francos.

Marilyn Monroe e seu marido Arthur Miller foram passar três semanas de férias na Jamaica.

Conrad Adenauer, o homem forte da nova Alemanha, completou 80 anos. Pretende visitar o Brasil no próximo ano.



A famosa Patachou mudou de gênero. Deixou de cortar gravatas e se apresenta agora como uma vedeta do «Folies-Bergere». Parece que ela quer se colocar como a substituta de Mistinguett.

Margot Fonteyn (foto), depois de um espetáculo conversa com admiradores.

Ana Magnani conquistou o título de melhor atriz do ano num concurso realizado em Nova York. Yul Brynner foi considerado o melhor ator.

Jean Negulesco está satisfeitiíssimo com a menina que adotou como filha. Diz ele que vai prepará-la para brilhar no cinema.

O ex-fei Farouk está processando uma fábrica, que sem autorização, lançou um chocolate intitulado «Farouk».

Walter Chiari e Ava Gardner (foto), pretendem casar ainda este ano. Ava Gardner pretende encontrar a felicidade neste casamento.



**TEREZINHA
AUSTREGÉSILO:**



**“NO TEATRO GANHA-SE A
VIDA FAZENDO TELEVISÃO”**

TEREZINHA AUSTREGESILO



Terezinha Austregésilo estudou «ballet» com Yucco Lindenberg e Waslava Veltchek. Dessa época guarda uma recordação que sintetiza na frase: «Cultivar «batatas» nas pernas sem derivar disso nenhuma satisfação artística, não me parecia muito agradável.» Tentou o canto e se fixou no teatro.

UMA ATRIZ DE PERSONALIDADE E DE CATEGORIA SOCIAL — TENTOU A DANÇA E O CANTO MAS ACHA QUE SUA VOCAÇÃO MESMO É O TEATRO — COMEÇOU NO DUSE E ESTREOU COM SILVEIRA SAMPAIO — PIOR «EXPERIÊNCIA» TEATRAL: «5 FUGITIVOS DO JUÍZO FINAL» — VERDADE AUTÊNTICA: TEREZINHA AUSTREGÉSILO É UMA DAS MELHORES COMEDIANTES APARECIDAS EM PALCOS CARIOCAS.

Por PAULO FRANCIS

A PERSONALIDADE de Tereza Austregésilo já havia caído em domínio público, antes do palco atraí-la. Isto em consequência de seu «pedigree» social. O professor Antônio Austregésilo, pai da intérprete, pertence ao Petit Trianon acadêmico e já é busto de bronze em frente à Sears. Há outros intelectuais em sociedade na família. Tereza teve berço e usou-o. Em consequência disto, acha-se vacinada contra o exibicionismo teatral em suas manifestações perniciosas. O exibicionismo é a razão de ser do grã-fino moderno e uma das finalidades de seu parasitismo social. Para o verdadeiro ator, constitui apenas uma forma de impor seu talento ao mercado teatral. O grã-fino vive para o exibicionismo; o ator vive do exibicionismo. Esta característica é a matéria prima de divulgação popular de ambas as classes.

Assim como existem grã-finos que fogem à regra — aristocratas no sentido não-hierárquico do termo — existem meretrizes da arte de representar. Estas compõem o «café society» do teatro. Vivem em função da imagem publicitária de suas personalidades. Levam-na para o palco. Nenhuma personagem lhes resiste: nenhuma emoção ou atitude autêntica. Para tudo têm um sucedâneo pessoal falsificado ao gosto popular. Isto pode ser feito com enorme habilidade. Até entre canastrões há diferenças qualitativas. As considerações de Bernard Shaw sobre Sarah Bernhardt — um exame crítico dos fundamentos da representação de in-

comparável lucidez — não deixam dúvidas a esse respeito. Chame-se, no entanto, Sarah Bernhardt ou Vilaret, a meretriz em cena, seus encantos são manifestações de exibicionismo perniciosas ao teatro.

Ao crítico cabe distinguir entre a mera personalidade e o ator. Aquêles que admitem semelhante distinção constituem no entanto, minoria. E mesmo essas, raramente se dão ao trabalho de discuti-la por escrito. O número de reputações construídas sobre bases falsas, computado pelo cronista, em Nova York e no Rio de Janeiro, basta para preencher uma enciclopédia. Nem sempre o aspirante à profissão cênica pode optar pelo exemplo de Sarah Bernhardt ou de Eleonora Duse (a personalidade e a atriz cujo mérito Shaw comparou). Peculiaridades de temperamento e de inteligência pré-determinam o ator e o canastrão. Mesmo quando é possível uma escolha, há que levar em conta condições econômicas e artísticas de trabalho. Presentemente, a espécie dos intérpretes acha-se ameaçada de extermínio. A era do entretenimento em massa tem como porta-bandeira o culto da personalidade. A natureza humana necessita de retoques para se transformar em comodidade cinematográfica ou televisionada. O ato de representar, todavia, significa criticismo cultural. Daí a degradação de atores e personalidades na tela e no vídeo. A decadência da literatura dramática nos últimos tem-

pos e o expansionismo econômico do cinema e da televisão, deixam entrever um futuro semelhante para o teatro.

Tereza Austregésilo jamais permaneceria na carreira teatral, se duvidasse da legitimidade de sua vocação. Eis os motivos que apresentou ao cronista, transcritos literalmente: «já nos meus tempos de debutante (1948) eu me aborrecia daquela vida de «fricotagens» sociais, cercada de gente inautêntica, que fazia tentativas inócuas de fingir contentamento, nobreza, paixão, etc. Quando li «Vile Bodies», vi com horror minha geração literariamente retratada. Tudo era tão «bogus» (falso, inautêntico; uma palavra que ocorre com frequência na novela de Evelyn Waugh. P.F.) em nossos interesses. Decidi regenerar-me... decidi trabalhar.»

«Desde criança gostava de dançar, logo, tentei o ballet. Os resultados foram medíocres, a meu ver. Tive como professores Yucco Lindenbergh e, posteriormente, V. Veltchek. Eles discordaram de minha auto-crítica, mas não me deixei convencer. Cultivar «batatas» nas pernas sem derivar disso nenhuma satisfação artística, não me parecia uma perspectiva muito agradável.»

«O canto era outra de minhas supostas vocações. Tomei aulas com d. Suzette Perallaci. Os resultados foram menos medíocres do que na dança, mas ainda medíocres. Ao chegar a esta conclusão, emudeci definitivamente. Sempre fui vaidosa e ambiciosa. Jamais desperdiçaria estas duas qualidades em atividades artísticas que não me permitissem satisfazê-las plenamente.»

«Já havia desistido de tudo e sentia-me «bogus» novamente, quando vi representar uma das atrizes de Silveira Sampaio, cujo nome não mencionarei. A mulher mal sabia caminhar no palco sem cair. Descobri em mim talento para o teatro... Após o espetáculo, procurei Silveira Sampaio e ofereci-lhe meus serviços. Ele recebeu-me como se eu fosse louca e recomendou-me a Pascoal Carlos Magno para um aprendizado no Teatro Duse.»

«Meu aprendizado no Duse foi divertido: servi de intérprete a uma senhora russa cujo nome é uma conjunção do prenome e do sobrenome de duas personagens de Tchekov, d. Nina Ranevsky; atuei como contra-regra de vários espetáculos; e substituí, com sete dias de ensaio, uma aluna que brigara com o diretor de «A Volta», de Cláudio Araújo Lima. Não compreendo porque certos críticos da nova geração atacam Pascoal Carlos Magno. Comigo ele sempre foi um anjo.»

«Diplomada, consegui emprego. Silveira Sampaio chamou-me para o seu «Cavalheiro sem Camélias». Uma boa oportunidade para quem não tinha o mínimo conhecimento da técnica de interpretação. Procurei representar a mim mesmo com o maior desembaraço possível. Parece que tenho uma personalidade não de todo desagradável, pois a crítica recebeu-me muito amavelmente (Por seu trabalho em «Cavalheiro Sem Camélias», Tereza foi considerada pelos críticos locais uma das maiores revelações do teatro brasileiro nos últimos anos. P.F.).»

«Em seguida, fui um dos «5 Fugitivos do Juízo Final», de Dias Gomes, na Companhia Jaime Costa. De «promissora intérprete» passei, então, a «Tereza Austregésilo, correta» e a coisas piores. A personagem do sr. Dias Gomes e eu entramos em choque, com resultados desastrosos para ambas. Em consequência disto, quase deixei o teatro pelos motivos que já me haviam feito desistir da dança e do canto. A mediocridade artística realmente me apavora.»

«Não mais ignorava, por essa época, o que significa representar. Desejava fazer uma personagem sem substituí-la pela minha personalidade. Queria ser atriz. Precisava de técnica e de um diretor.»

«Levei algum tempo para tirar a forra dos «5 Fugitivos do Juízo Final». Eles me abandonaram, os empresários, depois de meu segundo desempenho. Eu já me havia recolhido em espírito ao Retiro de Jacarepaguá, quando tive uma proposta singular. Seu autor: Silveira Sampaio, que preparava «Um Americano em Recife» para Carlos Machado, na «boite» Casablanca.»

«Na noite do lançamento do «show», Sampaio telefonou-me às 11 horas. Pensei que fosse convidar-me para comparecer à sua estréia, mas o assunto era outro. Contou-me a desdita da estréia de «Um Americano em Recife», Nancy Wanderley. Ao que parece, a mesma havia quebrado uma parte do corpo da qual necessitava para exibir-se àquela noite. Emeti os ruídos de simpatia apropriados à ocasião. Sampaio continuou: — você vai substituí-la, Tereza, peça o que quiser... — Eram onze horas da noite. A uma hora, sem sequer uma leitura completa do papel de Nancy, subi à cena. Como me sei, o que fiz exatamente, não sei até hoje. Há indícios de que agradei: nenhum membro da distinta platéia me atirou copos ou garrafas de uísque na cabeça; houve muitos aplausos e, no dia posterior, estardalhaço na imprensa.»

«A prática conduz à perfeição. Substituí, também, à última hora, Carmem Verônica e Anilza Leoni em «O Samba Nasce no Coração», para Zilco Ribeiro. Nesta ocasião, tive oportunidade de verificar que os ensinamentos de Yucco, Veltchek, e Perallaci, não me foram de todo inúteis: cantei e dancei. Minha experiência em «boites», que inclui aparições em outros espetáculos, foi-me vantajosa do ponto de vista econômico. Em «shows» trabalha-se pouco e ganha-se o bastante para viver; em teatro trabalha-se muito e ganha-se a vida fazendo televisão.»

Apesar disso, Tereza voltou ao palco a fim de realizar-se como atriz. Sempre demonstrara talento para tanto, embora nunca tivesse sido dirigida de verdade, ou participado de uma peça que não fosse subliteratura. Em «Três à Meia-Luz», de Miura, sob os auspícios de Mário Brasin, consegui o que desejava. O espetáculo existiu em função sua. Desempenhando na mesma peça uma mulher de sociedade, uma doméstica portuguesa, uma jovem existencialista (modelo turístico), e uma meretriz particular, Tereza compôs 4 personagens distintas e omitiu sua personalidade de todas elas. Aparte isso, iluminou-as com uma presença completamente projetada, e com uma «verve» cômica de primeira ordem.

Tem razão Tereza em permanecer no teatro, a despeito dos empresários choringas e usurários, das raras oportunidades existentes para uma jovem atriz de mérito, da necessidade de ganhar a vida fazendo televisão, etc. Em outro campo de atividade, desperdiçaria tempo e talento, uma das melhores comediantes aparecidas em palcos cariocas.





GRAND Monde

escreve Jeff Thomas

Grand Monde internacional



Minha bonita amiga Anne Francis, conhecida beldade de Hollywood, tem em Jerry Nathanson seu atual «date» preferido.

HOLLYWOOD. Da meca do cinema sou informado, (através de meu «gabinete-social-internacional»), que minha bonita amiga Anne Francis continua seu romance com Jerry Nathanson, iniciado há poucos meses em Palm Springs. Fala-se em casamento.

CONFIDENCIALMENTE: a Princesa Margaret tem permissão de com-

prar apenas vinte vestidos de baile por ano.

O novo «date» do popularíssimo Elvis Presley, é Dotty Harminy. Trata-se de mais um romance do fenômeno do «rock-and-roll».

AQUI ENTRE NÓS: Marilyn Monroe está esperando «baby», mas não para agora, como certas colunas têm noticiado.

Há mais de um mês que noticiei aqui que Peter Townsend seria VISCONDE...

O diplomata e cronista Marcos André, que funciona na Califórnia como correspondente de «O Globo», contando a possibilidade da divulgação do divórcio de dois recém-casados, escreveu: quem pode escapar dos «Gossips» dos cronistas sociais? A estas horas já devem estar farejando qualquer coisa, se é que já não descobriram tudo! O F.B.I. devia contratar os cronistas sociais para farejar criminosos como perdigueiros...

As colunas internacionais de «Gossips» comentam com insistência que os dois filhos do potentado Aga Khan, o nosso conhecido Ali e o jovem Sadri, vão transformar em casamento seus atuais romances com as duas conhecidas modelos: Betina e Nina Dyer. Não esquecer que a atual Begun também foi modelo.

UM "PARTY" PARA A. M. — NO PRÓXIMO NÚMERO ESTA COLUNA APRESENTARÁ A REPORTAGEM DO "COCKTAIL" AO CRONISTA MAIS "SUSPENSE" DA "SOIRÉE-SNOB", ANTONIO MARIA, REALIZADO TERÇA-FEIRA NA PISCINA DO HOTEL GLÓRIA.

Gossips

AQUI ENTRE NÓS: Mister Harry Stone comunica que seu novo «DATE» é a jovem Monique Douvermois. E Lucia Burlamaque?

Atenção meninas, o sr. Jorge Mediondo, conhecido «play-boy» de Punta del Leste, fixou residência no Rio. Trata-se de um bom partido.

Recife. O sr. Fabiano Vêras é o «boy» mais solicitado pelas jovens beldades do «high-society» local, quando comparece aos clubes Ca-xangá e Internacional.

CONFIDENCIALMENTE: minha amiga Rosinha Serzedelo Machado comunica que o paulista Oswaldo Vidigal não é seu «DATE». E quem é, Rosinha?

Meu telefone não tem parado. São leitores e figuras do «high-society» que me telefonam dando cumprimentos sobre a crônica que escrevi no último número desta revista, batizada de «O cock-tail que nunca existiu». Onde o sr. Carlos Machado seguido do pianista Sacha (sem maldade), são as «vettes».

A senhorita Geovana D'Ajeta vai subir ao altar dia dois de março em Milão, com o jovem milionário Germano Gazzoni. Os padrinhos da bonita Geovana são: o ministro das Relações Exteriores da Itália, Gaetano Martino e o embaixador do Brasil em Roma, sr. Alencastro Guimarães.



Francisco Eduardo de Paula Machado, um dos melhores partidos do Brasil, anda no momento fora de circulação.

Celmar padilha e sua «beaut» noiva Léa Pena cujo casamento está secretamente marcado, estavam na «soirée» de um «night-club». Trata-se de mais uma «preview» confirmada desta coluna, apesar dos desmentidos de outras.

Ela continua figurando na PRA-TELEIRA.

Pequenos Flashes

GUARUJA. A barraca mais «high-society» e movimentada da «orla atlântica», continua sendo a «tenda metálica» da minha amiga Renata Matarazzo. No JEQUITIMAR a senhora Marjory Prado recebe todos os sábados, (para «cock-tail») o «estado-maior-do-high-society» paulista.

No moderno restaurante do Clube Comercial, almocei outro dia com o sr. Ricardo Jaffel. Trata-se de um dos «business-men» mais poderosos do país.

Na ausência do colunista Jean Pouchard, o sr. Chuck Woodward, é quem está escrevendo sua coluna. Diga-se aliás que a coluna piorou muito. O que não é sempre, pois além de não saber escrever o sr. Woodward, é muito mal informado.

O Embaixador Amaral Peixoto em companhia do sr. Alexandre (o pintoso) Camacho e do sr. Ladislau de Abreu, jantava na outra noite no Sacha's.

REVISTA DA SEMANA — 46



Pires do Rio, o boêmio mais «suspense» da «soirée-snob» carioca.

SISTEMATICAMENTE, a Boutique Laiz é a preferida do jovem «high-society» para as compras de verão.

Estou sendo informado de que o Hotel Jaraguá em São Paulo, está cobrando preços altíssimos.

A direção da Mesbla ainda não deu o viagem aos «States» que a loura Ludmila Popov, ganhou quando eleita «Charme-Girl». Inacreditável.

A muito bonita senhora Nelly Jaffel, veraneando em Guarujá. Trata-se de uma das belezas mais «suspense» do «high-society» carioca.

«Decolou» para Punta del Leste o sr. Tarso de Abreu. Motivo: business...

Até a próxima.
O «Géol» continua em cima.



EMBAIXADOR HUGO GOUTHIER, FIGURA DO «HIGH-SOCIETY» INTERNACIONAL.



RICARDO JAFFET, «BUSINESS-MAN», TEM PARTICIPAÇÃO ATIVA NO «HIGH-SOCIETY».



ERNESTO WALLER, RECEBE O «HIGH-SOCIETY» NA SUA «SUSPENSE» MANSÃO NA GÁVEA.

ÊLES SÃO DO "HIGH-SOCIETY"

Estou falando dessa coisa chamada «High-Society». Nesta reportagem apresento cinco figuras de proa do «Estado-maior» do «High-Society» carioca.

◆ Começando pelo meu amigo HUGO GOUTHIER, atualmente embaixador em Bruxelas, e que é um dos únicos brasileiros que participa do «High-Society» internacional. Sua inclusão nessa reportagem é obrigatória, pois trata-se de uma figura muito internacional.

◆ ERNESTO WALLER, banqueiro e perfeito anfitrião, recebendo com muita categoria na sua mansão realmente «suspense», situada na Gávea. Sua festa de «reveillon» contou com o comparecimento das «vedettes» do nosso «High-Society».

◆ RICARDO JAFFET, conhecido «business-man», dono de uma fabulosa fortuna, trabalha muito, recebe pouco. Mas sua participação no «High-Society», é ativa. E dificilmente num «dinner» de «Black-Tie» o sr. Jaffet não está presente com sua bonita esposa.

◆ JORGE DORIA, médico, milionário, educado, elegante e simpático, exhibe sua simplicidade «suspense». Não participa ativamente das reuniões do «High-Society», mas é «High-Society» legítimo. Seus filhos Jorginho e Marita, estão muito bem lançados na nova-geração. Com sua esposa Mariah forma um casal realmente simpático. O sr. Doria dificilmente é visto em «night-club».

◆ SEBASTIÃO PAES DE ALMEIDA, capitão da indústria e atualmente presidente do Banco do Brasil. Apesar de ser paulista, prefere frequentar o «High-Society» carioca onde é figura de primeiro plano, sendo muito convidado, além de homenageado. O sr. Paes de Almeida, dirige o Banco do Brasil de uma maneira realmente «suspense». No momento, é a figura do governo mais «High-Society».



SEBASTIÃO PAES DE ALMEIDA, NO MOMENTO É A FIGURA DO GOVERNO MAIS «HIGH-SOCIETY».



JORGE DORIA, MÉDICO, MILIONÁRIO. DIFICILMENTE É VISTO EM «NIGHT-CLUB».



Em cima: Bulganin (meio no ostracismo), Molotov (quase completamente reabilitado) e Malenkov (lutando com êxito para voltar outra vez a tona); no centro: Krushev (que foi obrigado a fazer um recuo, mas continua mandando) e Chepilov (derrubado do Ministério do Exterior depois desta foto); em baixo o mesmo Krushev com seu ex-amigo Malenkov.

OS HOMENS FORTES



Chou En Lai desembarca na hora do crepúsculo. E para não decepcionar os seus amigos russos, logo no aeroporto foi fazendo um discurso incendiário contra os homens do ocidente. Chou En Lai desceu com um boné de astracã, muito ao gosto dos homens da Rússia. Capote negro com gola de veludo, luvas pretas, muito elegante. Foi saudado entusiasticamente pelos líderes russos.

◆ No aeródromo de Vnoukova, a 30 quilômetros de Moscou, realizou-se um espetáculo pouco comum: uma reunião dos homens fortes de Moscou. O motivo era a chegada do também homem forte Chou En Lai. Ninguém queria faltar e a multidão que compareceu ao aeroporto se deliciou com o espetáculo: Bulganin, Molotov, Malenkov, Krushev e Chepilov, quase todos brigados entre si, mas dando a impressão de serem os maiores camaradas (sem trocadilho) do mundo. Chou En Lai chegou e ainda no aeroporto fez um violento discurso contra o ocidente.

S DE MOSCOU

CRÔNICA

LOUVAÇÃO AO NEGÓCIO DE CIMA

De quando em vez surge a epidemia do hino. A campanha política sempre traz, na sua louca ventania, um punhado de letras e músicas que cantam as belezas dos pretendentes. Aquêlo ano em que Cristiano Machado foi candidato, o seu nome foi um dos mais cantados. O general Juarez Távora, nesta última, teve também o seu hino, com letra da antiga musiquinha revolucionária dos tempos de Dantas Barreto, a conhecida «Varre, Varre, Vassourinha». João Pessoa, assassinado, teve seu «Nego» em boas rimas, e dentro dele um compromisso de vingança que se realizou mais ou menos. O nosso chamado pai da aviação, é louvado assim:

«A Europa curvou-se ante o Brasil», etc.

E mesmo aquêlo Ribeiro de Barros que voou no seu «Jaú», não deixou de ter também a exaltação do seu feito na boca e no grito desse povo bom:

«Salve Jáú
Ave altaneira
As tuas asas
Representam a bandeira brasileira...»

Mesmo nesses dias de agora, o povo continua ainda com a espontânea mania de can-

tar e exaltar os homens de posições altas e bem vistas. Agora que o Carnaval está chegando e que a política é mais assunto que a presença do sr. Carlos Machado como jornalista, já nasceram várias melodias em tom de agrado aos homens do governo e da oposição. Vai daí que «um grupo de amigos» fez gravar um samba, cujo título tem bom ritmo: «Acabou-se a Bôca Rica» e que foi gravado na «Copacabana» (disco de encomenda), por Risadinha e conjunto de Raul de Barros. Diz a letra:

Iaiá, tinha gente que andava à-toa
Iaiá, na Câmara Municipal.
Chegou o dr. Celso Lisboa
Agora todo mundo anda legal
(Breque) Senão passa mal...

Tinha até funcionário
Que morava em Portugal.
Tinha outro que nem
Conhecia o local
Dr. Celso Lisboa,
Botou pra trabalhar
Quem não tava jambrando
Começou a jambrar...

Evidentemente não são tôdas as estações que vão rodar êsse disco. Há uma infinidade

de motivos e todos êles conhecidos. Nesta altura dos trabalhos, um outro samba surgiu, êste gravado por Jorge Veiga (acetato) e que vem com a rubrica de «cima» para ser executado «pelo menos três vêzes por dia». Êste é de louvação ao prefeito Negrão de Lima, que pessoalmente achou a composição magnífica como propaganda do seu «metrô». Canta Jorge Veiga:

«O negócio é mais em baixo
Andem logo com o «metrô»
Condução aqui em baixo.
Já está borocochê
Êsses bondes estão velhinhos.
São do tempo do vovô.

O asfalto não resolve,
Corre tudo atrapalhado.
Vamos ver êsse «metrô»
Onde o trem corre folgado.
Todo mundo viajando
Bem depressa e bem sentado.

O que há de mais interessante nesses dois lançamentos para os dois lados, é que ambos são de autoria do poeta Miguel Gustavo, pelo menos foi isso o que me afirmou Nestor de Holanda.

UM POUCO DA VIDA DOS CARTAZES

IARA SALES É ALEGRIA, MEUS SENHORES!

◆ Lá de uma cidade distante, não importa onde, não vale lembrar o nome, porque dizer distância é falar mais claro, da luta de alguém que sonha e sonha somente querer ser alguém. Um pequenino mundo de uma cidade do interior, inteiramente igual a tôdas as outras, com a praça, o coreto, a retreta de domingo, o grupo escolar aberto à partir das segundas-feiras. Depois têm o rapaz da terra, aquêlo rapaz poeta em que as moças depositam seus sonhos perfumados de bonina,

rapazes de dizer Bilac e usar permanentemente aquêlo rosto pálido que o poeta Castro Alves deixou ensinando nas suas fotografias. Êsses são os demônios para quem sonha, pois no seu cantar de sereia, um dia faz do amor aquêlo mundo enorme, cercado de casinha com coqueiro ao lado por todos os cantos. Seguiu aquêlo caminho, seguiu bem, pois uma filharada há de vir como faturamento seguro, um tanque de bôca aberta e mais e sempre, a prisão de preconceito que a cidade impõe por ordem do senhor prefeito, por presença do sr. vigário. E aí, é fim mesmo.

O VENTO QUE VENTA LÁ — Iara Sales vem de um desses mundos. Traz sangue de índio e coragem de cangaceiro para enfrentar o que vier ao seu encontro. Fisico de resistir uma boa invernada (é magra — tem estômago pequeno), traz como herança poucos anos marcados, bem vividos. Ela vê êsse Rio claro e imenso e dêle não tem medo. Essas revistas que por aí andam, comprometidas com os cartazes do rádio, já contaram de mil e uma maneiras a história da

subida lenta e segura, desta mulher infernal. Nesse infernal, está resumida a sua vida. Nunca trastejou em pintar a cara se preciso fôsse, nem de se atirar do alto, se fôsse preciso. Sabia fazer sem ser palhaço e sem quebrar seus ossos expostos. E está inteirinha e bonita. Quem não quer bem a essa moça é porque bem não cabe dentro do seu peito.

UMA PRESENÇA — Foi nessa corrida pela vida que encontrou um companheiro irmão. Êle tinha dentro da mesma magresa, a mesma coragem da índia Iara. Ela entendia o seu tocar de atabaques a distância e sabia cozinhar bem um branco inimigo, sem panelão ou fogo. Juntaram as mãos e juntos seguiram pelo mundo a fora. Parecia a lenda velha de Amaro e Macuxy, êle o guerreiro forte e rígido, ela a índia morena e suave. Os dois, juntos, uma fortaleza. Depois vieram essas viradas que o mundo dá, que somente os avaros não notam e os miseráveis não sentem. Sem as mãos magras de seu amigo, Iara parecia só. Pensa-

ram-na só. Mas ela não parou nem lêz do luto assunto para as revistas de rádio. Fêz festa da bôca pra fora, nos auditórios, nos microfones, diante das câmaras. Eu bem sabia que ela pintaria o rosto, se preciso fôsse! E' o que ela está fazendo nesse caminhar das horas: um papel sempre alegre, um papel sempre de dar alegria e o que há por dentro, isso o público não merece ver, não precisa ver, nem pagou por isso! E lá vai ela, a velha índia galopando.



EM MATÉRIA DE DISCOS



POLY, com a sua famosa guitarra elétrica e seu conjunto de «boite» nos entrega um magnífico LP. com oito melodias maravilhosas intitulado: «PENUMBRA» (Polydor).

- ★ PALHAÇO — Jorge Veiga (Copacabana).
- ★ TÁ PRA ACONTECER — Dolores Duran (Copacabana).
- ★ OBRIGADO REVERENDO — Heleninha Costa (Continental).
- ★ PÉ DE JAMELÃO — Venilton Santos (Odeon).
- ★ MARACANGALHA — Côro (Odeon).

O QUE VEM POR AI (NACIONAIS EM L.P.)

- ★ SUA EXCELENCIA, O SAMBA CANÇÃO.
- ★ OS TANGOS MAIS FAMOSOS (Dalva de Oliveira — Orq. Canaro).
- ★ CARÍCIA (Silvinha Teles).
- ★ GAROTO INTERPRETA ARI BARROSO.
- ★ SERENATA (Orlando Silva).
- ★ CANTA, AMÉRICA (Osni Silva).

NEUSA TAMBÉM É DE MOMO!



◆ Neusa Maria fez do ano de 1956 o que quis em matéria de arte. Ganhou todos os prêmios honestos e entregou ao seu público um punhado de músicas que são sucesso até amanhã (Arrivederci Roma, Siga, Molambo, Nunca Jamais e outras). Agora o assunto é Carnaval e muito embora Neusa Maria não seja de balançar os cachos, pois é moça quieta e que sabe caminhar sem se rebolar, este ano vem cantando com aquela voz bonita que Deus lhe deu uma marchinha limpa e assinada por compositores também limpos: J. Cascata e Nassara. A «Marcha do Marujo», cujo estribilho diz assim:

Tem tem tem
Um amor em cada pórtio.
Tem, tem, tem
Tem mulher e tem conforto...

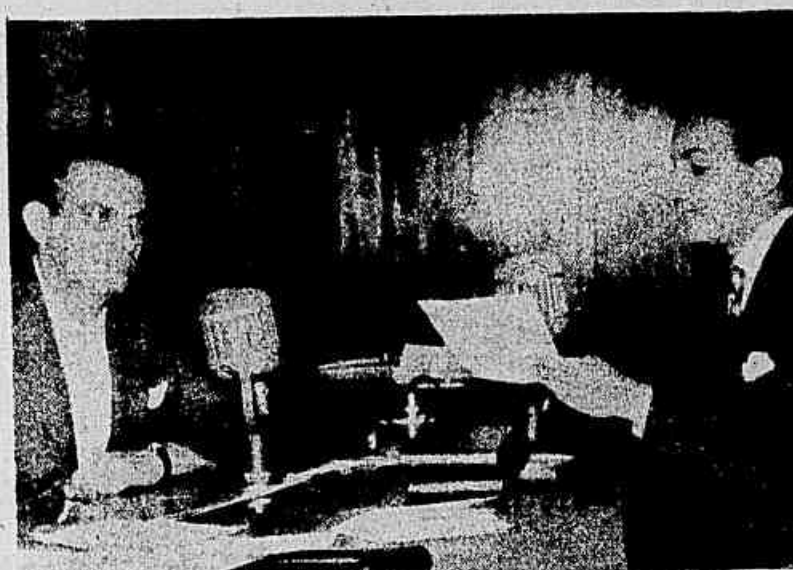
QUATRO GRUPOS SÃO NOTÍCIAS



● ARTUR MURAT é dos mais novos. Começou aos 19 anos na batida do samba que lhe dava os primeiros níqueis. Depois, foi ganhando oportunidades melhores até chegar à Rádio Tupi de São Paulo, pela mão de Cassiano Gabus Mendes. Está com todos os sintomas de ser já ser um «cartaz» dos mais altos. Grava (para quem quiser saber de sua voz) na Fábrica Odeon.



● DALVA DE OLIVEIRA, marcou a sua presença na Argentina gravando uma série de tangos. O mais interessante nessas gravações (Panuelito Blanco, El Dia en Que Me Queras, etc.) é que ela aparece acompanhada pela famosa orquestra de Francisco Canaro. Este instantâneo nos aponta a querida cantora e o maestro portenho após as gravações.



● CAUBY PEIXOTO tem sido, ultimamente, muito notícia de jornal. Há quem diga que ele mesmo contrata a turma para rasgar seus ternos e pede muito antes a garantia de Cosme e Damião. A verdade é que o homem tem público e é sempre cartaz fácil de ser vendido. Está no Programa Paulo Gracindo e aqui aparece sendo entrevistado por William Duba (Metropolitana).

UM MAGNÍFICO DISCO PARA CRIANÇAS

A «Odeon» vai lançar na praça um disco de cantigas infantis, realmente notável. Trata-se de «PARA VOCES, CRIANÇAS», numa esplêndida gravação do Trio Irakitã.

Um L.P. de Agostinho dos Santos:

- ★ Minha Oração (bolero de Georges Boulanger).
- ★ Prá Lá e Prá Cá (toada de Mário Albanasi).
- ★ Até Logo Jacaré (Versão de Júlio Nagib).



● JOEL DE ALMEIDA está entrando forte. Quem está entrando fraco é o Carnaval. As fábricas onde Joel tem gravado afirmam que ele é um sucesso de vendagem. Muito ágil o nosso «astro» está em todas e onde possa fazer um «trabalho» para as suas músicas carnavalescas. Ele aqui está, numa apresentação de Afrânio Rodrigues, que este ano não gravou.

- ★ O Amor Não Tem Juízo (beguine de Fernando César).
- ★ Vagabundo e Sonhador (Samba de Nazareno de Brito e Cláudio Simon).
- ★ Três Marias (Samba de Betinho e Nelson Figueiredo).
- ★ Rio Noturno (bolero de Manoel Araújo e Ademir Rocha).
- ★ Concerto de Outono (Fox-versão de Júlio Nagib).

E' CARNAVA!





O QUÊ?
TUDO ISSO A ENTRADA?
AFINAL, É ESCOLA
DE SAMBA OU
COLÉGIO-BUATE?

COMO?
O REI MOMO AINDA
NÃO VEIO?
ONDE É QUE SE VAI
ARRANJAR OUTRO GORDO
NESTA CIDADE?

AH! AH! AH!
VERV KAR
SUA FANTASIA
DE MENDIGO!

O DÔCE CHOPIN,
PREFERINDO APANHAR
CHUVA, A ENTRAR
NO MUNICIPAL.

TUMBA LELE TUMBA LELE
Ô LALA' TUMBA LELE

OLHA FILHINHO!
UM HOMEM
FANTASIADO
DE AVIÃO!

PERDÃO, MINHA
SENHORA:
DE PRESIDENTE.

EU NÃO TOU
FANTASIADO,
MISTE.

CUIDADO
COM OS
BATEDORES!

NÃO! PREFIRO O
DESFILÉ DAS
SOCIEDADES.
DESFILÉ DE
SOCIETY TEM
O ANO TODO.

NEREIDA
É A VOVOZINHA!

CHAU!

COSME FANTASIADO DE DAMIÃO
DAMIÃO FANTASIADO DE COSME

PRODUTOS BÁSICOS PARA SUA BELEZA

♦ Uma lista básica do que você deve ter na sua penteadeira ou no seu armário de cosméticos, para o cuidado de seu rosto? A pergunta foi feita por uma leitora e é de grande interesse, principalmente para as jovens que estão apenas se iniciando na arte de se embelezar. Antes de mais nada, um conselho: use produtos de boa qualidade e, se possível, de uma mesma linha de fabricação, pois uns e outros, assim se completarão.

Eis a lista:

1 — **UM BOM SABÃO NEUTRO PARA O ROSTO.** Escolha um sabonete apropriado à sua pele: normal, seca ou oleosa. Os sabonetes de qualidade inferior são demasiadamente alcalinos e estragam a pele. Um bom sabonete deve ser puro, suave e emoliente.

2 — **CREME DE LIMPEZA.** Importantíssimo para a beleza do rosto e a saúde da cutis. Limpe o rosto duas vezes por dia com o creme de limpeza, no mínimo; sem-

pre que mudar de maquiagem, e antes de lavar o rosto com água e sabão, à noite.

3 — **CREME LUBRIFICANTE,** para evitar a formação de rugas; ou o seu desenvolvimento, onde ameçarem aparecer.

4 — **ADSTRINGENTES.** Muitos lindos rostos, nunca se valeram de adstringentes em frascos, pois um ótimo adstringente é a água gelada. Use o que achar melhor.

5 — **BASE PARA O PÓ.** Em creme ou em loção. Deve ser usada em camada muito fina — apenas o suficiente para fixar o pó, e evitar que o rosto fique «brilhando».

6 — **ROUGE.** Use o líquido, em creme ou em pó, como preferir. Mesmo que dê não precise sempre, tenha-o entre seus produtos de maquiagem, pois há dias em que só se consegue dar ao rosto uma tonalidade saudável, com o seu auxílio.

7 — **PÓ DE ARROZ.** Escolha um que seja apropriado à sua pele. Se a tem muito sensível, saiba que existem pós anti-alérgicos. Ainda que sejam chamados de «pó de arroz» os pós para o rosto são feitos de: arroz mesmo, de farinha de aveia de amido, etc. Algumas peles não se adaptam a certos pós. Estude o seu caso.

8 — **SOMBRA PARA OS OLHOS.** Hoje em dia, a sombra para os olhos não constitui mais um toque exótico. Quando aplicada com discrição e propriedade, torna o olhar mais vivo e mais encantador.

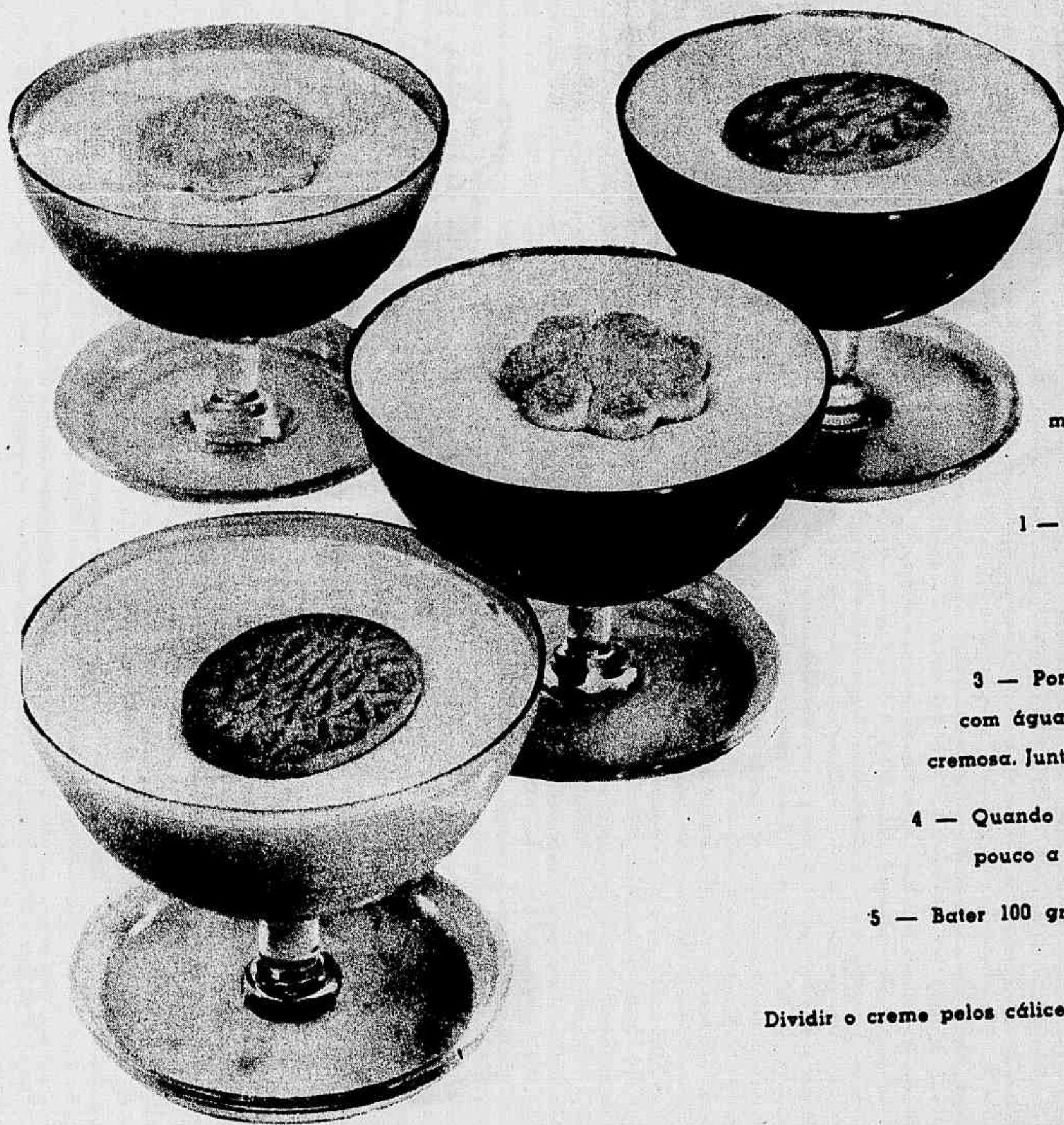
9 — **MÁSCARA,** à prova de água, de lágrimas e transpiração.

10. — **BATON** — Ao escolher um baton, verifique a sua cor, a textura, o gosto, e a capacidade de se fixar nos lábios por bastante tempo. Tenha uma tonalidade mais viva para a noite, e duas ou três tonalidades para combinar com vestidos de diversas cores.

LIGIA JUNQUEIRA



CONVERSA DE MULHER



WEEK-END NA COZINHA

♦ Uma sobremesa de creme, servida em taças, é algo muito «chic» e, por outro lado, é das coisas mais simples de serem preparadas. Experimente, por exemplo, este creme de conhaque:

1 — Ponha 300 gramas de manteiga para derreter em fogo muito lento. Ponha-a numa tijela.

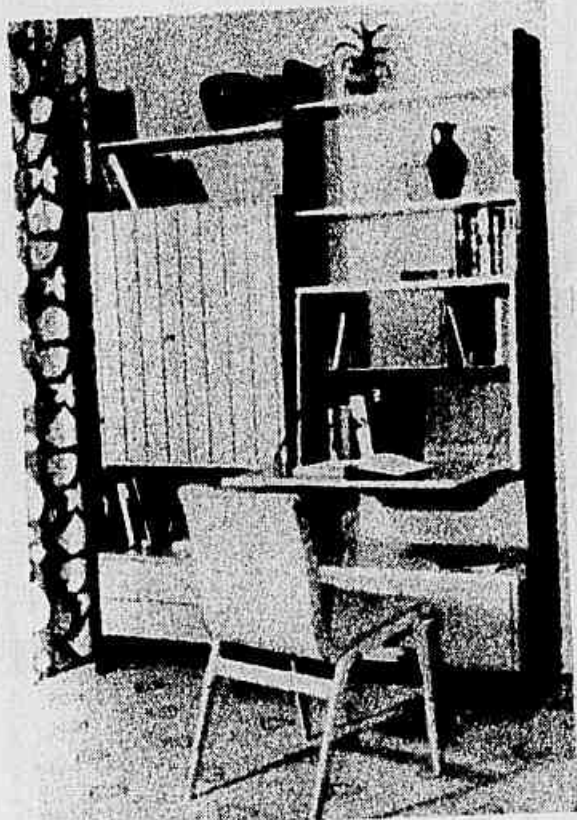
2 — Passe pela peneira 250 gramas de açúcar.

3 — Ponha a tijela com manteiga dentro de um recipiente com água gelada e bata-a com um batedor manual, até ficar cremosa. Juntar, então, 3 gemas, uma de cada vez, batendo sempre.

4 — Quando os ovos estiverem bem misturados, juntar o açúcar, pouco a pouco, alternadamente, com 50 gramas de conhaque.

5 — Bater 100 gramas de creme de leite fresco, e juntar ao restante do creme, misturando delicadamente.

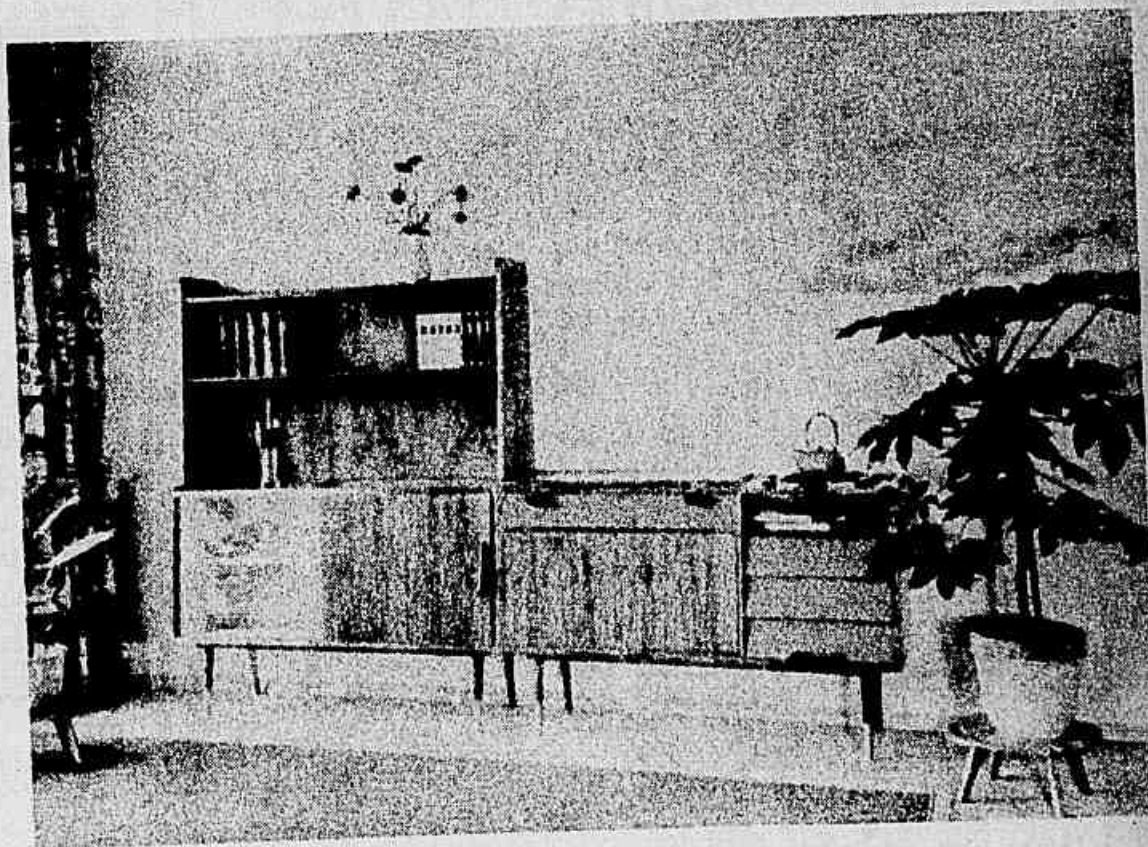
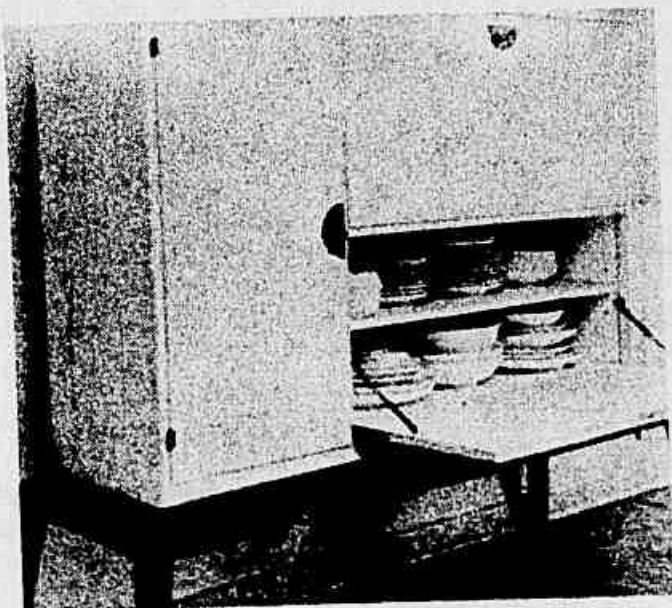
Dividir o creme pelos cálices de cristal. Deixar na geladeira até a hora de servir. Acompanhar com biscoitos doces



SUGESTÕES PARA O LAR

★ Algumas idéias muito interessantes para armários de apartamento — grandes por dentro e pequenos por fora — isto é: jeitosos, ocupando pouco espaço, e cabendo dentro muita coisa.

★ Prateleiras para livros e bibelôs, tendo, de um lado um armáriozinho fechado onde pode caber muita coisa e do outro uma escrivaninha embutida. Na parte inferior, 4 gavetões giratórios.



★ Um móvel em duas partes justapostas com estante para livros, prateleira para guardar louça e roupa de mesa, gaveta para talheres e miudezas e gavetões para roupa de cama.

★ O clássico bufê, transformou-se nessa peça com rouparia de um lado, bar do outro (a parte superior, fechada) e guarda-louça na parte que, na fotografia, está aberta.

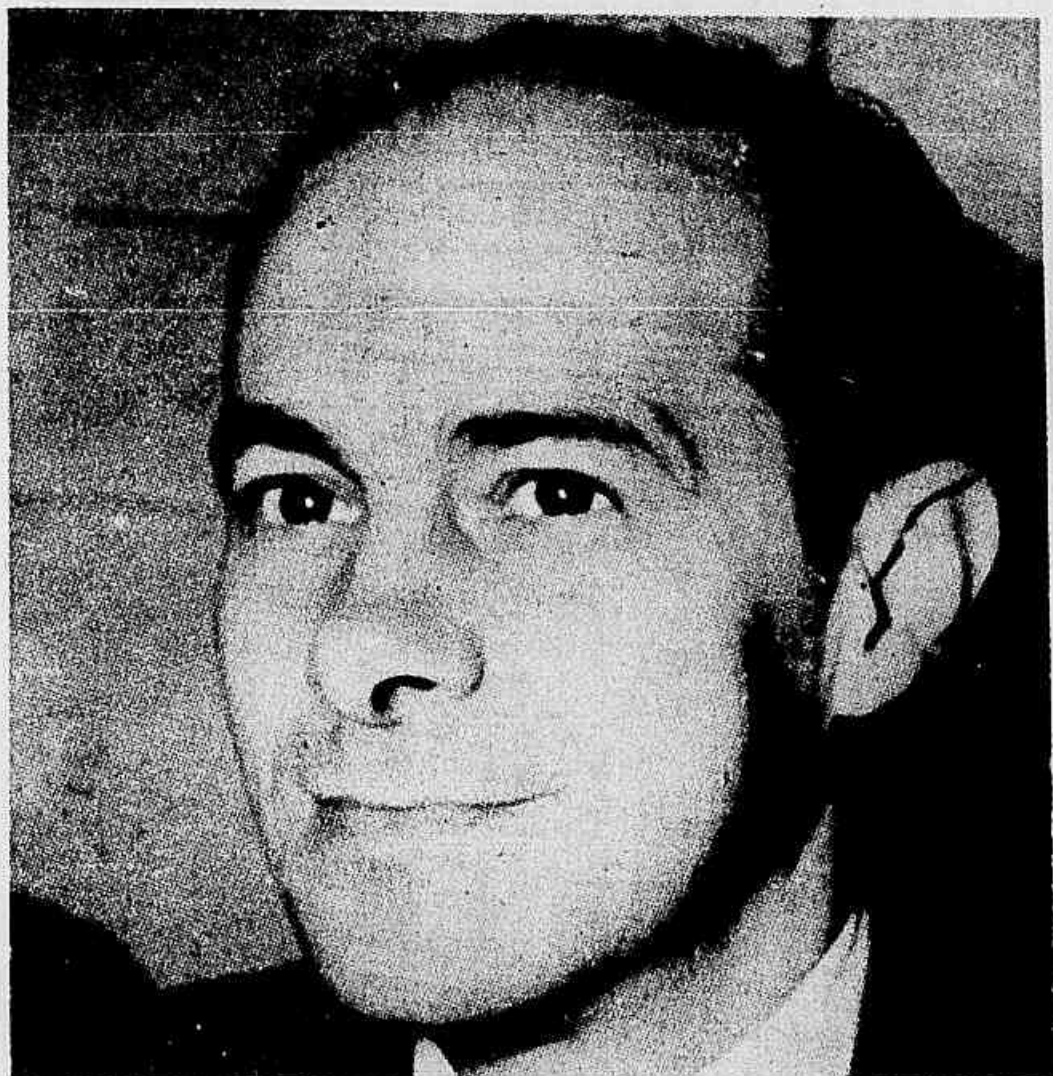
ESTOUROU A REVOLTA CONTRA OS ANJOS DO PSD

HORÁCIO LAFER CHEFIA A REBELIÃO AJUDADO POR ARMANDO FALCÃO E UM CÔRO DE DEPUTADOS FURIOSOS — CIRILO JR.: VELHO, DECRÉPITO E SEM SERVIÇOS PRESTADOS AO PARTIDO, PROCURA SE EQUILIBRAR ENTRE OS DOIS GRUPOS EM CHOQUE — VIEIRA DE MELO PAGA PELA FALTA DE CONSISTÊNCIA E PELA VERSATILIDADE POLITICA — RENATO ARCHER, CID CARVALHO E LEOBERTO LEAL VÃO DESAPARECER DO MAPA DO PSD — ULISSES FICA ESPIANDO A MARÉ PARA FAZER UMA PROFISSÃO DE FÉ QUE AGRADE AOS VENCEDORES — TANCREDO E FILINTO, DOIS HOMENS SÉRIOS E EQUILIBRADOS QUE CRESCEM VIOLENTAMENTE DENTRO DO PARTIDO — AMARAL PEIXOTO, O PRESIDENTE DE TODOS OS PESSEDISTAS.

O PSD já foi definido de várias maneiras: «partido exclusivamente governista»; «partido humilde e cabisbaixo»; «partido que sempre tem um genro para cada govêrno». E por aí a fora. Na campanha de 55, o PSD deu uma guinada de 180 graus e virou valente. Sustentou uma terrível campanha de intimidação, mas resistiu e por fim ganhou a batalha. Depois da vitória surgiu dentro do PSD o grupo que ficou logo conhecido como ala moça. Seus líderes mais destacados eram José Jofily e Vieira de Melo e não se sabe por que, começaram também a aparecer diariamente no noticiário, os nomes de Cid Carvalho, Renato Archer e Leoberto Leal, três deputados inexpressivos e sem maior profundidade. Pode-se dizer que a ala moça nasceu no Sacha's, pois Renato, Cid e Leoberto se reuniam ali quase que diariamente. Os chamados velhos do PSD assistiam ao crescimento da ala moça, impassíveis e sem tomar nenhuma iniciativa. Não se pode deixar de dizer que «os moços» dominaram o partido durante quase um ano. Fizeram e desfizeram, mandaram e desmandaram. Tinham um programa e procuravam executá-lo e, para melhor agir, colocaram Ulisses Guimarães na Presidência da Câmara e Vieira de Melo na liderança. Mas o que provocou os primei-

ros gritos de protesto foi a excessiva coloração vermelha que imprimiram ao movimento. Vieira, Jofily, Cid e Leoberto são antigos simpatizantes do Partido Comunista e Renato Archer é «freguês» dos comunistas e «inocente útil» de longa data.

Mas, quando a bandeira da ala moça ficou vermelha de mais, os homens que dirigiram o partido durante 10 anos acordaram, e iniciaram a reação. Foi Horácio Lafer que deu o primeiro grito, logo seguido de Armando Falcão e mais 50 deputados. Ninguém quer a cisão. É aí que as duas alas se encontram. Todos concordam que uma luta sangrenta destruiria o partido e que todos eles iriam pelos ares também. Mas nem os conservadores (chefiados por Lafer), nem a ala moça (chefiada por Jofily e Vieira de Melo) querem ceder terreno ao adversário. Trabalha-se pela pacificação. Mas em que termos ela poderia ser conseguida? É isso que nacionalistas e anti-nacionalistas procuram descobrir ansiosamente. Pois nessa conciliação está o futuro do PSD e, obviamente, de todos os seus líderes.



Tancredo Neves

♦ E' a grande figura do PSD e o seu homem de maior futuro. Representa o equilíbrio, a habilidade, a sedução, o bom senso, a sutileza, a capacidade de observar, a modéstia e a vaidade na hora precisa, a coragem, o espírito de equipe se juntando com a ação individual. E' tradicionalista e conservador dentro do melhor espírito do PSD. Mas é também um renovador e um homem atento às conquistas sociais, dentro das melhores lições que recebeu de seu mestre Getúlio Vargas. Sua ação no 24 de agosto foi a de um homem de personalidade e de espírito de iniciativa. Se tivesse recebido ajuda, provavelmente a história teria sido escrita de outra maneira. Muito moço, mas já considerado não só um líder dentro do partido, mas também um homem de quem o presidente se socorre nas horas de dificuldades. Sua obstinação em não aceitar a chefia da Casa Civil, demonstra que ele é um homem decidido, que sabe o que quer e que não recuará diante de obstáculos. Na atual luta sua posição é a de sempre: de equilíbrio, procurando coordenar e aglutinar forças e evitar o desperdício.



Cirilo Jr.

♦ No auge do prestígio o sr. Cirilo Jr. já encontrava dificuldades eleitorais em São Paulo. Pertence a uma geração há muito ultrapassada. E' contra os homens como Cirilo Jr. que a ala moça pretende lutar. Mas dentro dela existem muitos iguais a Cirilo, apenas diferentes na idade. Vieira de Melo por exemplo, não passa de um Cirilo Jr. mais moço e (talvez) mais inteligente. O representante de São Paulo, elevado à presidência do partido, nessa briga toda só tem um objetivo: ver se consegue um emprego em Paris. E como não temos tempo a perder com homens como Cirilo Jr., passemos a outros nomes.



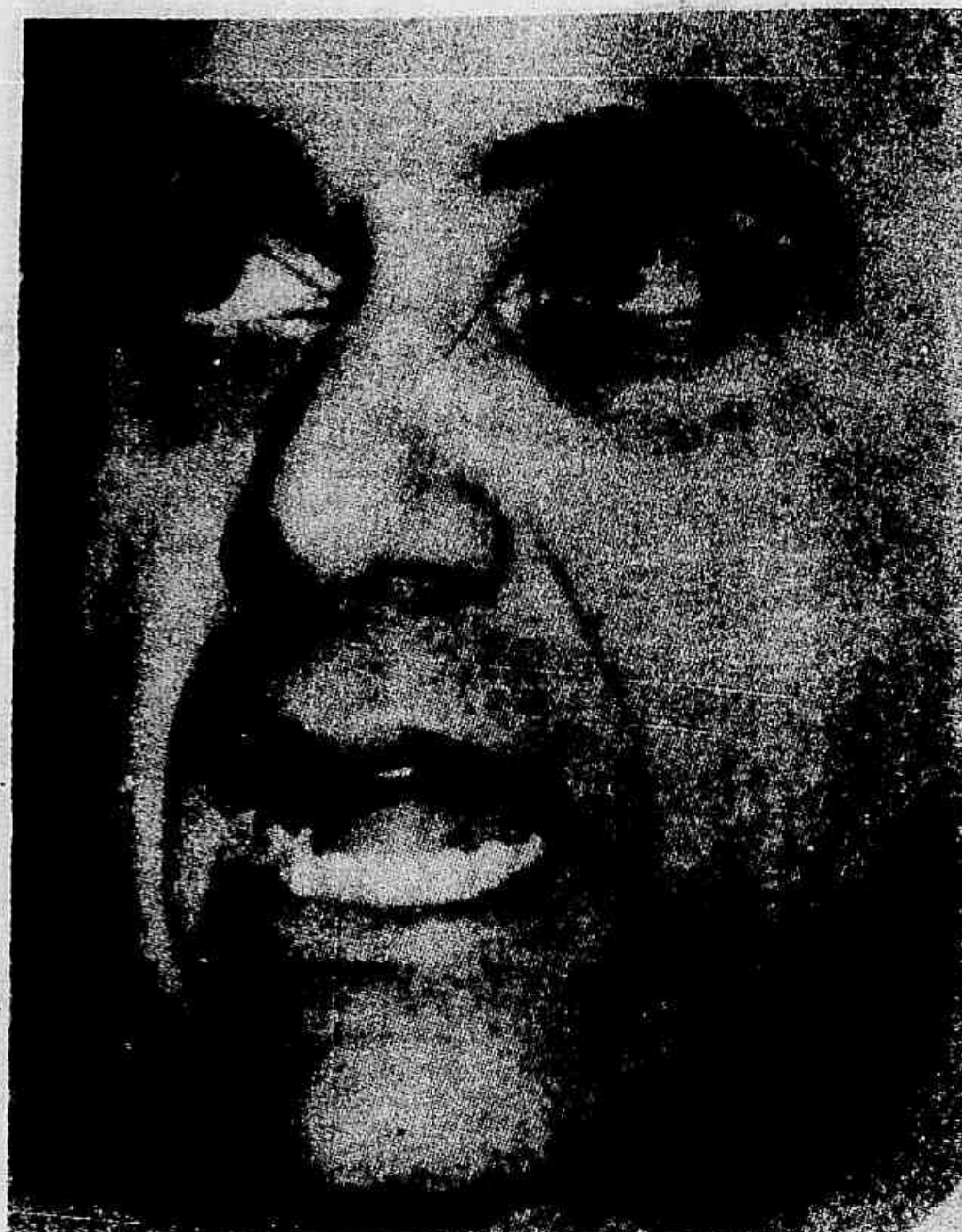
Horácio Lafer

♦ E' virtualmente o líder da rebelião contra a ala moça dentro do PSD. Homem de marcante atuação política e com excelente formação cultural, com livros publicados sobre economia e com sólidos estudos filosóficos. Criticou a política de Alkmim no Ministério da Fazenda. Foi ministro da Fazenda de Vargas, executando uma política anti-inflacionária de violentas restrições de crédito. Se Vieira de Melo fôr derrubado da liderança, será unicamente em virtude de sua ação. No início do governo Juscelino, foi apontado várias vezes como ministro da Fazenda. Quando se fala em reforma ministerial diz-se logo que Lafer será ministro do Exterior. E' um grande valor dentro do PSD. Sendo notoriamente um homem de empresas o PTB criaria dificuldades à sua investidura na liderança da maioria. E' amigo do presidente e há quem diga que toda essa revolta foi comunicada (com antecedência) ao sr. Juscelino Kubitschek. E' um observador lúcido e seu movimento não foi desfechado levemente. Antes pelo contrário. Lafer esperou o momento exato, e deu o golpe na hora certa.



Ulisses Guimarães

◆ Um homem moderado, moço (pertence à geração de homens de 40 anos), mas que aprendeu (e usa comumente) muitos truques dos mais velhos. Chegou a presidente da Câmara, única e exclusivamente em virtude de manobras e continua manobrando até hoje. Tem uma cara que engana muita gente. Originariamente a rebelião chefiada por Horácio Lafer pretendia tirá-lo da presidência da Câmara. Mas hoje sua situação já está definida, e será tido, doravante, como um homem de tendências conservadoras, da mesma forma que era considerado até aqui, um elemento da ala moça. Simpático, falando pouco, mas dizendo o que precisa ser dito para que seus interesses políticos não sejam contrariados. Pretende se candidatar ao governo do Estado (S. Paulo) em 1958.

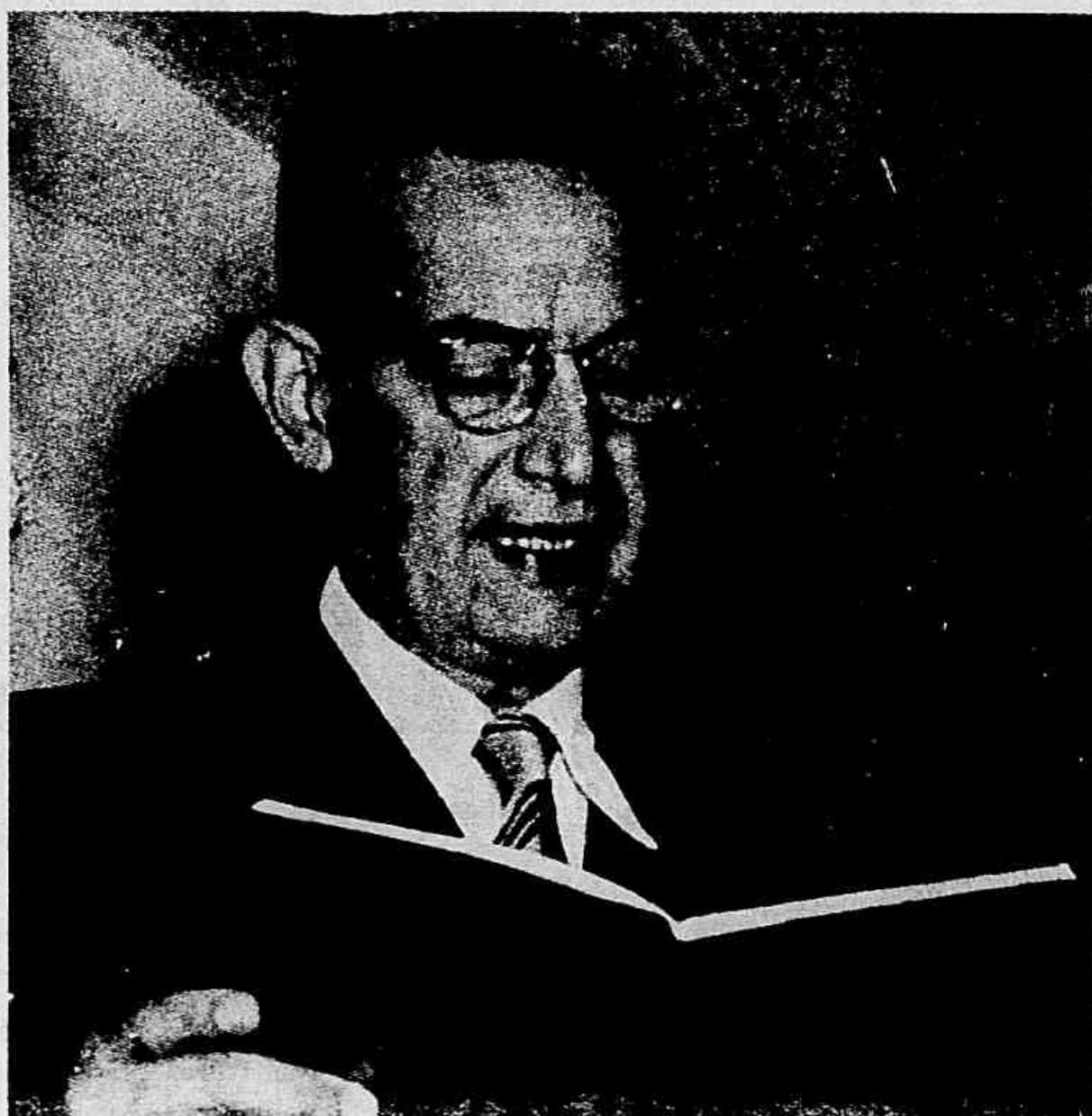


Armando Falcão

◆ O deputado cearense teria uma excelente situação dentro do PSD, se não fôssem os seus constantes desvios da linha partidária. Primeiro foi a oposição a Vargas, formando na dissidência, aliado aos piores inimigos do partido. Depois se reintegrou no partido, apoiou decididamente a candidatura Juscelino, estando inclusive formalmente convidado para ocupar o Ministério da Justiça. Isso em maio de 55. Depois os acontecimentos se precipitaram e premido por contingências estaduais, o sr. Armando Falcão deixou a candidatura Juscelino no meio do caminho. Teve parte saliente no 11 de novembro, e apesar de ser amigo (e às vezes porta-voz) de Juscelino, ficou mais ou menos no ostracismo. Agora retorna à luta no primeiro plano. É um dos líderes da revolta contra os anjos e, como a batalha já está ganha, fadado a ocupar altos postos.

Filinto Muller

◆ Escolhido para uma das vice-presidências do partido. Seu nome cresce diariamente dentro do PSD. Sua recondução ao posto de líder da maioria no Senado é pacífica. Já foi tido como elemento «afinado» com a ala moça, mas a verdade é que pertence ao que se convencionou chamar de «ala velha». Contrário à lutas dentro do partido, mas é homem que não recua. Calmo, de trato delicado, é hoje um dos homens mais fortes dentro do PSD. Na divergência que se abriu com o movimento Lafer já tem sua posição marcada.



Benedito Valadares

◆ Jogou a sua grande cartada na campanha eleitoral. Fêz tudo para derrubar a candidatura Juscelino. Traiu o partido, assustou meio mundo, espalhou boatos, conspirou contra o partido e contra os correligionários. Mas depois da vitória, ei-lo sorridente e tranqüilo como se tivesse sido um dos artífices da vitória. Está longe dos acontecimentos, mas não se iludam: quando a situação se definir, e um dos lados conseguir superioridade sobre o outro, Valadares voltará e tomará conta da situação. Ainda vai mandar mais uns 20 anos dentro do PSD. Ninguém sabe por que. Mas que vai, vai.



Amaral Peixoto

◆ No momento é o presidente de todos os pessedistas. Tem prestígio real dentro do partido e sua aliança e perfeita identificação com a candidatura Juscelino, levaram o partido (pela primeira vez) à vitória e à conquista da Presidência da República. Pretende disputar a Presidência da República em 1960. Mas ainda é muito cedo para qualquer julgamento. Obteve uma vitória estrondosa, conseguindo se reeleger 3 meses antes de acabar o seu mandato de presidente do PSD. SE dá bem com ambos os grupos (embora alguém espalhe que o movimento Lafer foi inspirado por ele) e sua tendência é a conciliação. Não é homem que acredite muito em luta e prefere ganhar as batalhas com habilidade. Está longe mas acompanha os acontecimentos atentamente, através de pessoas da sua absoluta confiança.



NAS BOAS CASAS E NOS
SALÕES DE BELEZA E PLÁSTICA
DE
Mme. CAMPOS
A melhor limpeza de pele do Rio.
Assembléia, 115 - 1º - Tel. 22-1184
RIO



BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO
FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 179.107.824,70
SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8966
End. Telegr.: «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGENCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 135 — AGENCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGENCIA SÃO CRISTÓVAO: Rua São Luiz Gonzaga, 173 — AGENCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGENCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGENCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGENCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGENCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:
Rua Alvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

QUER TER BOA LETRA?

matricule-se no curso por correspondência da
ESCOLA DE CALIGRAFIA «DE FRANCO»
Rua General Osório 724 — São Paulo

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKAITAMIN

ANEMIAS


INTOXICAÇÕES

YAKAITAMIN

COMPLEXO INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL Nº 1.202

HELIO FERNANDES apresenta

FATOS E RUMORES

◆ O sr. Antônio Sanches Galdeano (um dos 10 homens mais elegantes de 1955), está em situação difícil. Seu depoimento na Câmara não deixou dúvida: ele é um dos campeões da fraude cambial. A propósito: sua fortuna é calculada hoje em 600 milhões de cruzeiros. Mas cresce diariamente.

◆ O sr. Arnaldo Cerdeira é o novo líder do PSP. Todo partido tem o líder que merece.

◆ Uma informação está inquietando os círculos navais dos EE.UU.: o Canal do Panamá seria mais vulnerável que o Canal de Suez. Um ato de sabotagem poderia paralisar todo o tráfego do Canal. A vigilância foi redobrada.

◆ Edgard J. Hoover, chefe do FBI, acaba de revelar que a luta contra o crime nos EE.UU. custa 495 dólares por ano a cada cidadão. A educação pública custa anualmente a cada cidadão 204 dólares, enquanto o ensino religioso custa, individualmente, apenas 49 dólares por ano.

◆ Os srs. José Maria Alkmim e Lucas Lopes estão de relações praticamente cortadas. Ambos são (ostensivamente), candidatos ao governo de Minas, numa eleição que só se realizará em 1960.

◆ D. Helder é hoje uma das figuras mais populares do Rio de Janeiro. Trabalha-se intensamente pela sua candidatura a prefeito do D. Federal.

◆ O general Denys vai a Suez inspecionar os soldados brasileiros. Ainda não sabe se viajará pela FAB ou pela Panair.

◆ O sr. João Pacheco Chaves falou na Câmara respondendo ao discurso do sr. Horácio Loter. Mas embora pretenda fazer crer o contrário, a verdade é que o simpático sr. Pacheco Chaves não falou em nome do governo, nem recebeu delegação de ninguém para isso.

◆ Negrão de Lima, e os ministros Gama Filho e Alvaro Dias, numa conferência rápida, acertaram a forma de 30 mil crianças não ficarem sem colégio por falta de registro de verba.

◆ Juscelino está impaciente, nervoso e irritado com a calma e a falta de dinamismo de alguns ministros.

◆ Brasília está sendo chamada de «a terra da promessa dos filhos de Israel».

◆ Barreto Pinto foi nomeado para a chefia do Escritório Comercial em Roma. Ainda está em dúvida sobre o traje que usará diariamente: cueca e casaca; cueca e fraque ou cueca e «smoking». A dúvida é apenas quanto ao complemento, pois em relação a cueca a decisão foi pacífica e sem dificuldade.

◆ JK continua «decepcionando» a oposição. Sua repulsa ao crime de Alagoas foi violenta, fulminante e manifestada em termos absolutamente inequívocos.

◆ «Teatro é aquilo que o público sente, compreende e aplaude.» A definição é de Silveira Sampaio.

◆ O major Antônio João viajou do Lido ao Bar 20 de lotação. Contou (nesse trajeto) 22 infrações do motorista, entre: excesso de velocidade, contra mão na curva, avanço de sinal, falta de educação com os passageiros, etc. No fim da viagem tomou a carteira do motorista e recolheu (êle mesmo) o carro à garagem.

◆ Jornalistas foram ao general Denys pedir a demissão do sr. Hilson Rocha do Serviço de Censura e a nomeação, em seu lugar, do também jornalista Armando Pacheco. Que teria a ver o general Denys com o Serviço de Censura?

◆ Está no Rio Dirceu de Pasca, do escritório comercial do Brasil em Paris. Dirceu (38 anos, educado, funcionário solícito e correto) presta serviço a todos os brasileiros que passam por Paris. Recentemente foi elogiado pelo deputado João Agripino que louvou a sua dedicação aos brasileiros que visitam Paris, independente de filiação partidária, de condição social ou econômica.

◆ No baile do Municipal funcionarão 150 garçons, 25 maitres e 40 fiscais. A concorrência foi ganha por José Fernandes, que pela primeira vez servirá um excelente stroganoff.

◆ No jogo cariocas e paulistas, no Maracanã foram rebocados os carros dos coronéis Lino Teixeira e Romagem, sub-chefes (ambos) da Casa Militar do presidente. Ao ordenar a medida punitiva, o diretor do Tráfego sabia a quem pertenciam os carros. Mas assim mesmo deu a ordem. Parabéns.

◆ Aos 31 anos, a bela Marta Toren, sueca, mas radicada na Itália, depois de uma rápida estada em Hollywood, veio a falecer após ficar 48 horas inconsciente. Poucos minutos depois de terminar seu trabalho na comédia de G.B. Presley, «O escândalo do sr. Kettle e da sra. Moon», Marta sentiu-se mal. Imediatamente socorrida, constatarem os médicos (com surpresa), que ela estava atacada por uma doença raríssima e absolutamente imprevisível, cientificamente classificada como «hemorragia subaracnoide». Verificada a inutilidade de qualquer intervenção cirúrgica, os médicos tentaram (ainda assim), uma medicação de urgência. Mas não conseguiram nem fazê-la recobrar os sentidos por minutos que fôsse. Seu marido (o italiano Leonard Bergovici) embarcara na mesma manhã para Estocolmo a negócios. Na foto, Marta Toren, sorridente, apresenta continências ao general brasileiro Eudoro Barcelos. A fotografia é de 1950 e foi tirada em Hollywood, onde o general brasileiro aprofundava seus conhecimentos cinematográficos, provavelmente para depois ser aproveitado na Remonta do Exército ou na Diretoria de Material Bélico.

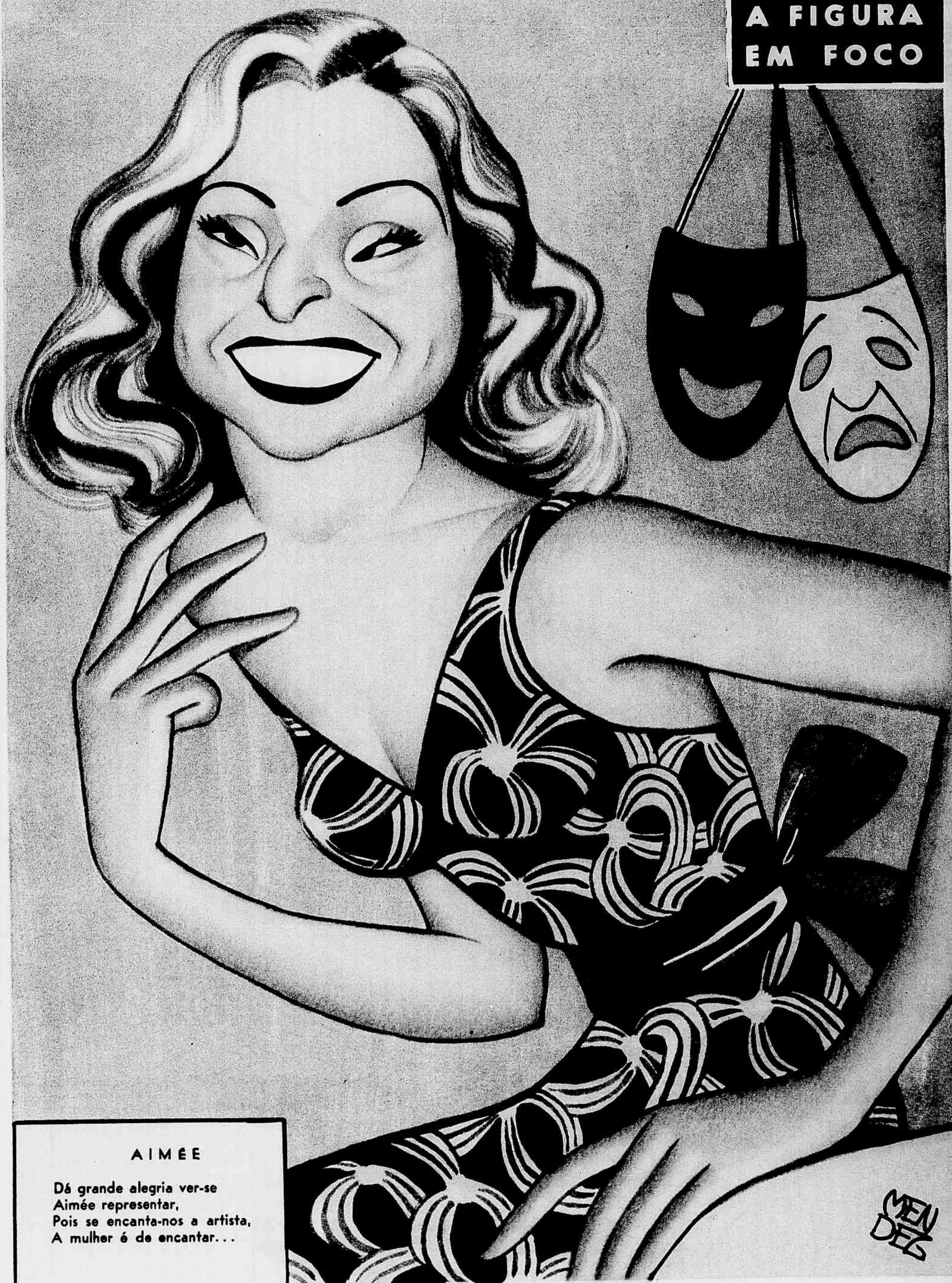




DESABOU O EDIFÍCIO PROVOCANDO MORTES, FERIMENTOS E INQUÉRITO

♦ Exatamente às 16 e 58 minutos do dia 19, desabou um edifício de 10 andares em pleno centro da cidade. Com um terrível estrondo e provocando uma espessa nuvem de pó, o prédio da rua do Rosário, nº 171, veio abaixo, causando mortes e feridos. Depois de horas de trabalho, depois de retirados os mortos e os feridos, ficou a pergunta ainda sem resposta: de quem a culpa do acidente? Há muito já se conhecia o perigo. Sabia-se que a construção vizinha estava solapando as bases do prédio sinistrado. Quais as providências tomadas pela Prefeitura? O prefeito declarou (ainda no local) que tomara providências enérgicas. Serão as mesmas tomadas em circunstâncias idênticas, por outros prefeitos? Ou haverá punição rigorosa, que não devolverá as vidas perdidas, nem curará os feridos, mas que pelo menos poderá evitar irresponsabilidades futuras? Dois dias antes do desabamento (no dia 17 de fevereiro), o engenheiro Cumplido de Santana, diretor do Departamento de Edificações, dizia ao «Diário Carioca», que NÃO HAVIA NENHUM PERIGO DE DESABAMENTO DO PRÉDIO. E' preciso dizer mais alguma coisa? (Foto ADEMAR VENEZIANO).

**A FIGURA
EM FOCO**



AIMÉE

Dá grande alegria ver-se
Aimée representar,
Pois se encanta-nos a artista,
A mulher é de encantar...

MEU
DEUS



• Um bellissimo romance ricamente ilustrado, uma história ao mesmo tempo delicada e empolgante. Leia êste romance no **ALMANAQUE EU SEI TUDO** de 1957 à venda em tôda parte por Cr\$ 50,00. O «**ALMANAQUE**» é um livro com mais de 300 páginas repleto de assuntos os mais variados. Mas sòmente o romance vale o preço de todo o livro.

Edição da Cia. EDITORA AMERICANA. Rua Visconde de Maranguape, 15 Lapa — Rio de Janeiro.

ALMANAQUE EU SEI TUDO DE 1957

